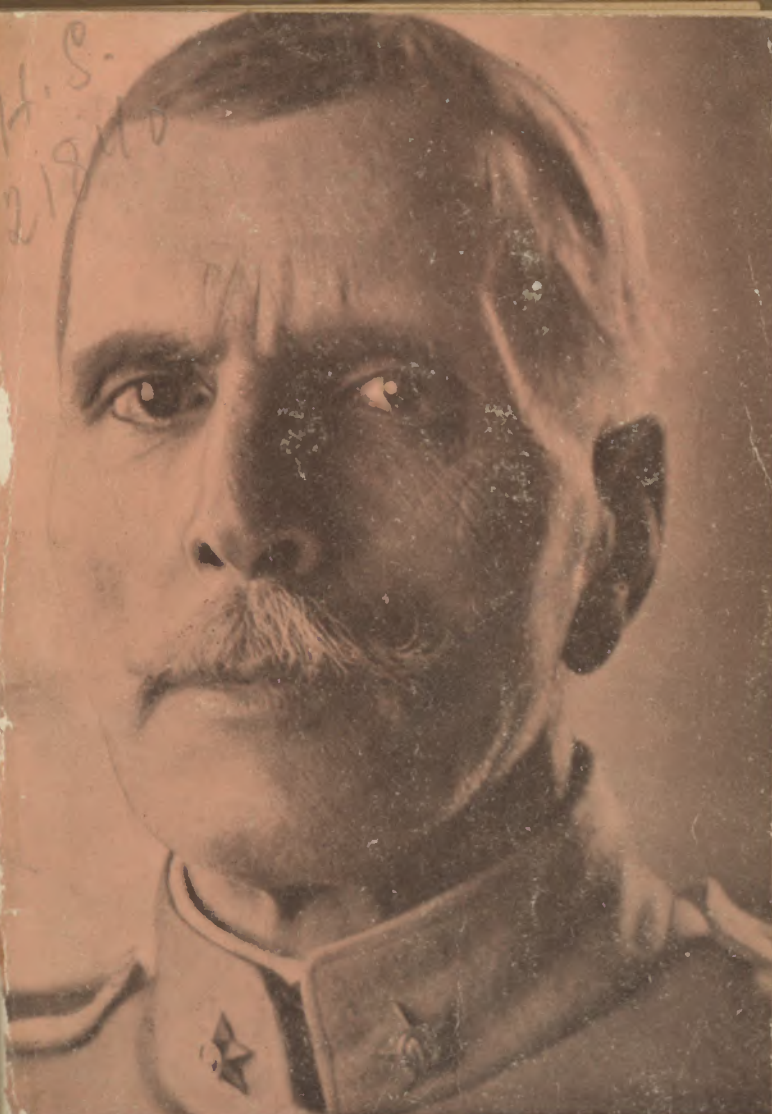


M. S.
21840

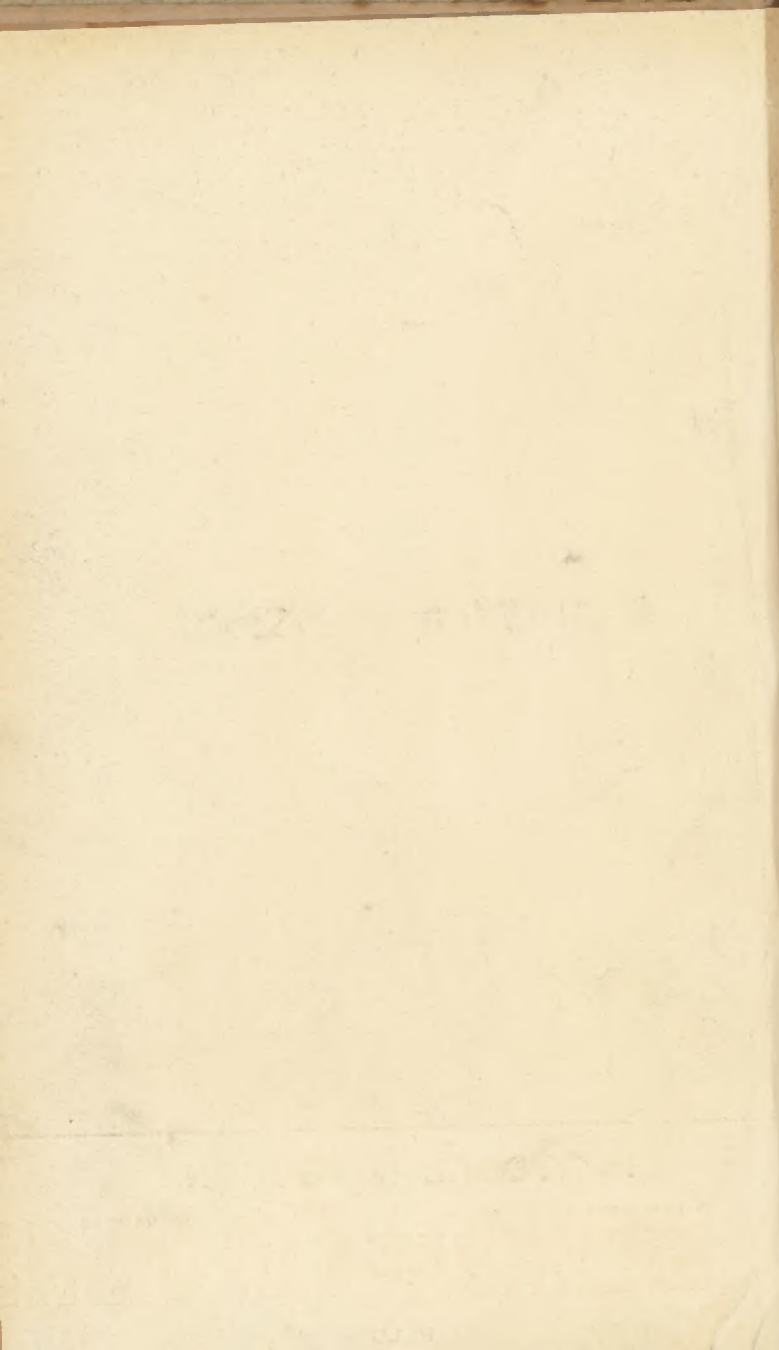


PORTUGAL NA GUERRA

GUERRA NAS COLONIAS

PELO

GENERAL COMES DA COSTA



H. S.
21840

A GUERRA NAS COLONIAS

PORTUGAL NA GUERRA

A GUERRA NAS COLONIAS

1914-1918

PELO

GENERAL GOMES DA COSTA

B. 8962

Ao exereito. I 1914-15 As negociações diplomáticas até á declaração de guerra. II 1914 A expedição do Ten.-Coronel Alves Roçadas. III 1914-15 A expedição do Coronel Massano d'Amorim. IV 1915-16 A expedição do Ten.-Coronel Moura Mendes. V 1916-17 A expedição do General Ferreira Gil. VI 1917-18 A expedição do Coronel Souza Roza. VII Conclusões.

PER ORBEM PVLGENS



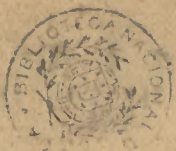
LISBOA

PORTUGAL-BRASIL

SOCIEDADE EDITORA

ARTHUR BRANDÃO & C.^a

58 — RUA GARRETT — 60



Reservados todos os direitos de reprodução : em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português*; no estrangeiro (países da União) em harmonia com a convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de Março de 1911, e a que o Brasil aderiu também pela lei n.º 4:541, de 6 de Fevereiro de 1922, e decreto n.º 15:530, de 21 de Junho do mesmo ano.

AO EXÉRCITO

Este livro é o registo summario das campanhas que de 1914 a 1918 fizemos nós, Portuguezes, nas duas costas Afrieanas.

Não é um livro d'acusações; menos, ainda, de insinuações; não é um livro de escandalo, nem de odio.

E' apenas o registo d'uma lição severa e que é preeiso aproveitar.

Narramos sucintamente as negociações que pccederam a nossa entrada na guerra, tal como vem nos livros que o Governo apresentou ao Parlamento; narramos os sucessos d'Africa, como ehgaram ao nosso conheeimento quando ali estivemos em 1918, e não consti-tuem segredo para ninguem.

Se nesta narrativa cometemos qualquer erro de detalhe e que vá prejudicar alguém, que o interessado o retifique para que a Historia não fique deturpada.

A experiencia desta guerra não deve perder-se, como se tem perdido a das guerras passadas, por não se notarem nem publicarem os erros cometidos, para não ferir as susee-

ptibilidades deste ou d'aquelle, não havendo o mesmo criterio para poupar vidas e dinheiro no futuro.

A maior e principal causa dos nossos desastres vem sempre dos governos, por se não preoepararem com a preparação do Exercito: publicando-se com verdade a maneira como as campanhas deoerrem, presta-se um serviço ao Paiz, prevenindo a repelição dos mesmos erros:— é esta, considero eu, a principal obrigação de quem comanda, e que pela experiencia adquirida tem autoridade para mostrar os erros cometidos, afim de evitar a sua repctição.

A grande derrota dos Franccezes em 70-71, foi exclusivamente devida a terem desprezado a preparação completa, minueiosa, incessante, que as guerras actuacs exigem. Em escala menor, os desastres que em Africa temos soffrido, desde a celebre expedição de Francisco Barreto, tem sempre sido devidas a falta de preparação.

Este é o ponto principal a que pretendemos chegar: conseguir ou pelo menos influir para que o nosso povo, e portanto o nosso governo, se interesse, como é indispensavel, pcta preparação do Exercito.

Numa republica onde os homens que se succedem no poder, mal tem tempo para tomar posse, e logo se vão embora, é indispensavel que as instituições prevejam e remedeiem os inconvenientes resultantes, em tempo de guerra, dessa instabilidade, e que ponham à disposição dos membros do governo, desde a declaração de guerra, um organismo com experiencia, autoridade, e bem preparado para os

ajudar no desempenho da sua missão de salvar o paiz.

Este organismo só pode ser o Estado maior do Exército funcionando no Ministerio da Guerra; mas para que ele possua a isenção e imparcialidade necessarias, n'um paiz pequeno como o nosso, uma outra medida se torna indispensavel, — a interdição da politica partidaria a todos os militares em serviço activo. Aqueles que quizerem ser politicos, que tomem qualquer das situações de licença ilimitada ou de reforma.

Assim, depois de ter preparado a guerra nas suas linhas geraes e nos seus detalhes, o chefe do E. M. do Exército será para o governo, mesmo durante a guerra, um precioso auxiliar, indispensavel para direcção superior, e para a coordenação das operações; e, ao mesmo tempo, para vigiar que eousa alguma vá entrar a completa iniciativa dos chefes das tropas em campanha, quanto aos meios de execução. E' evidente que, nestas condições, só o Ministerio da Guerra concentraria funções de direcção militar superior, isto é, que desapareceria do Ministerio das Colonias qualquer direcção ou intervenção militar nas Colonias, e isto desde o tempo de paz, creando-se no Ministerio da Guerra mais uma direcção geral, e acabando a correspondente direcção do Ministerio das Colonias.

Este assumpto, porem, é referido aqui, apenas incidentalmente, e para comprehensão dos nossos comentarios; noutro logar o trataremos demoradamente.

N'uma republica moderna, não são só os generaes incompetentes que a lei tem de pu-

nir e afastar dos comandos: são, também, os Ministros que lutaram pelo poder e acceitaram as responsabilidades do governo, sem se terem previamente tornado capazes de o exercer; e, sobretudo, de exercer com energia, sangue frio e competência os grandes deveres que uma guerra impõe aos governos. Estes deveres consistem, principalmente, na nomeação dos commandos superiores, e em lhes dar, — não, conselhos, nem opiniões, — mas ordens precisas e concisas sobre o objectivo das operações e a epoea em que as devem começar: e deixar-lhes, a eles, toda a iniciativa sobre os processos de execução.

E a Historia demonstra, que á energia com que o governo sabe desempenhar este papel, e á firmeza das suas ordens corresponde, sempre, a energia na execução. Se os nossos governos tivessem sabido assim proeeder, não teríamos visto as operações em Africa a arrastar-se sem objectivo, sem plano, sem nero até á derrota.

Os comandos tem de ser euidadosamente escolhidos, porque os chefes militares são os responsaveis pela execução das ordens do governo e pela direcção e execução das operações. Este principio é antiquissimo: «Pois que a fortuna da Republica, dizia Soerates, depende muitas vezes dos Generaes, é necessario punir severamente aquelles que, tendo accitado este posto, não sejam capazes de o exercer».

As condições da superioridade d'um exercito são a sua organização, o habito da guerra, a confiança de cada homem em si proprio, isto é: — bravura, paciencia, e tudo quanto a ideia

do eu forneça de meios moraes, — e o valor dos seus generaes.

A lição dos factos, em paizes de gente intelligente e habil, è sempre proveitosa: que a lição que as campanhas d’Africa nos fornece sirva tambem, entre nós, para se tratar a sério da organização militar do Continente e das Colonias, preparando o Exercito para o seu fim exclusivo, para a missão mais levantada e mais nobre do homem, — a Guerra!

Abril de 1925.

GENERAL GOMES DA COSTA.

DECLARAÇÕES DE GUERRA

Portugal contra a Alemanha — 19 de Maio de 1915.

Alemanha contra Portugal — 9 de Março de 1916.

Incidente de Naulila — 18 de Outubro de 1914.

Incidente de Quanza — 31 de Outubro de 1914.

PERDA DAS COLONIAS ALEMÃS

Tongoland, pelos Inglezes e Francezes — Agosto de 1914.

S. O. Alemão, pelos Boers — 18 de Novembro de 1914 — 12 de Maio de 1915.

Camarão, pelos Inglezes, Francezes e Belgas — Agosto de 1915 — Janeiro de 1916.

Africa Oriental Alemã — pelos Portuguezes, Inglezes e Belgas — Abril — Setembro de 1916. O resto são esforços dos Alemães para viverem na Africa Oriental Portuguesa, — é a teimosia heroica de Van Lettow.

I

As negociações diplomaticas até á declaração de guerra

A 28 de Julho de 1914, a Austria declarava guerra á Servia; a 31, a Alemanha mandava o seu *ultimatum* á Russia e á França; a 1 d'agosto declarava a guerra á Russia, a 2 d'agosto invadia o Luxemburg, a 3 declara guerra á França e a 4 invade a Belgica.

Definem-se, então, as posições dos combatentes: d'um lado, a Inglaterra, a França, a Russia, a Belgica, a Servia; do outro lado a Alemanha com a Austria Hungria.

Mais tarde, a Italia formou ao lado dos Aliados e a Turquia com os Imperios Centraes. Os outros países, — á excepção de Portugal, que se conservou mudo, — declararam a neutralidade.

Logo que a Alemanha declarou a guerra á Russia, o sr. Freire d'Andrade, então Ministro dos Negocios Estrangeiros, prevendo o desencaamento da formidavel tempestade em que nos envolveria a nossa situação como uma das mais importantes Nações coloniaes, e, especialmente,

a de aliado da Inglaterra (1), apressou-se a telegrafar ao sr. Teixeira Gomes, então Ministro na Inglaterra, pedindo-lhe para se informar no *Foreign office* de qual deveria ser a nossa attitude perante o conflito. Este telegrama è de 1 d'agosto 1914; e no dia immediato, tendo, naturalmente, reflectido, expedia ao mesmo senhor, um outro telegrama insinuando que, embora de-sejassemos mantermo-nos *neutraes*, o não podiamos declarar sem o assentimento da Nação com quem estavamos aliados.

A estes telegramas responde em 2 d'agosto o sr. Teixeira Gomes, que tendo consultado o Sub-Secretario de Estado Sir Eyre Crowe, este era de opinião que Portugal devia *conservar a neutralidade, mas sem o declarar*.

No dia seguinte, 3, Sir Eyre Crowe, autorizado por Ed. Grey diz ao nosso Ministro em Londres, que o seu governo *pedia com insistencia ao Governo Portuguez para se abster, por enquanto, de fazer qualquer declaração de neutralidade*; e em 4 repete o pedido, mas agora já por resolução do Conselho de Ministros da Inglaterra.

Nessa mesma tarde do dia 3 d'agosto, o Sr. Tei-

(1) 1.º Tratado com a Inglaterra — 16 Junho 1373, de paz e amizade, e aliança, entre D. Fernando I de Portugal, e Eduardo de Inglaterra.

2.º — 9 de Maio 1386 — Entre D. João I e Ricardo;

3.º — 29 de Janeiro 1642 — Entre D. João IV e Carlos I;

4.º — 18-23 abril 1660 — Entre D. João IV com o Conselho d'Estado em nome da Republica;

5.º — 23 de Junho 1661 — Entre D. Afonso VI e Carlos II; casamento deste com D. Catharina;

6.º — 16 de Maio 1703 — Entre D. Pedro II, Rainha Ana e Paizes Baixos — E' o chamado Tratado de Metween.

xeira Gomes declara ao Sr. Crowe — «*que julgava interpretar os sentimentos do Governo e do povo Portuguez, dizendo, que em qualquer caso, a Inglaterra nos teria a seu lado*». E pedia ao governo Inglez para estudar, com urgencia, a defeza das nossas Colonias Africanas contra qualquer golpe de mão da Alemanha.

Em consequencia deste pedido, o Sr. Ed. Grey, telegrafa no mesmo dia 3 ao representante da Inglaterra em Lisboa, Senhor Lancelot Carnegie, para declarar ao nosso governo, que, no caso de ataque da Alemanha a qualquer possessão Portugueza, o governo de S. M. se julgava ligado a nós pelas estipulações da aliança Luzo-Britanica; contudo, pedia para nos abstermos de declarar a neutralidade, pois que, no caso do governo Britanico precisar de nós qualquer serviço incompativel com a neutralidade, então, justificaria o pedido, invocando a Aliança.

Esta declaração do Sr. Teixeira Gomes é aprovada, ainda em 4, pelo Conselho de Ministros.

No dia 5, o nosso Ministro em Paris, o Sr. João Chagas, comunica oficialmente a declaração de guerra feita pela Alemanha á França em 3 d'agosto 1914.

A seguir, o Presidente do Ministerio, Sr. Bernardino Machado faz no Parlamento a declaração ministerial de que manteremos para com a Inglaterra, os deveres que a Aliança nos impõe.

Em 13 d'agosto, o Ministro Inglez em Lisboa pede ao nosso governo licença para a passagem de tropas inglezas atravez do nosso territorio da Beira (Moçambique), com destino ao Nyassaland, licença concedida logo no dia seguinte.

Para *aclarar* duvidas, o Sr. Freire d'Andrade

diz ao Sr. João Chagas em 18 d'agosto: que a nossa attitude, tomada de accordo com a Inglaterra é — *« não estamos em hostilidade com paiz algum, portanto, neutros, mas neutralidade condicional. »*

O que, parece, tornou mais confusa a situação.

O nosso ministro em Berlim, o Sr. Sidonio Paes, em 16, diz ignorar a nossa situação politica externa, e que, por isso, se limitara a assegurar ao governo Alemão a nossa orientação de nos conservarmos fóra do conflito, *« a menos que obrigações do Tratado, cujo texto desconhecia, nos forçassem a seguir outro caminho. »*

Tinham, porem, decorrido 13 dias sobre a declaração de guerra à Inglaterra, e não se tendo resolvido ainda as duvidas sobre a attitude de Portugal, pensava que iam sucessivamente augmentando as probabilidades de nos conservarmos extranhos ao conflito, pois, de contrario, já o Ministro da Alemanha teria saído de Portugal.

Por seu lado, o Sr. João Chagas, insiste — 21 d'agosto — por que Portugal notifique ao governo Francez, que acompanha o Inglez, invalidando, por esta forma, qualquer ideia de neutralidade.

A 22 d'Agosto recebe o Sr. Freire d'Andrade um telegrama do governador geral de Moçambique, informando terem os Alemães atacado a B. C. A. e que a autoridade ingleza lhe pedira auxilio em homens, artilharia e munições; e o Sr. Freire d'Andrade comunica este facto ao Sr. Teixeira Gomes para conhecimento do governo Inglez, acrescentando que o nosso governo expedira ordens para Moçambique para se fornecer o auxilio pedido.

No mesmo dia responde o Sr. Teixeira Gomes que o governo Inglez informou que não fora a

autoridade ingleza quem pedira o auxilio, mas o Governador de Moçambique quem lho ofrecera; e por isso, a unica cousa que ele, governo Inglez nos pedia, era que nos abstivessemos de declarar a neutralidade, desejando evitar que Portugal se envolva na guerra.

E o Sr. Teixeira Gomes conclue: «*Colonial office receia muito, que apparecimento de nossas tropas brancas provoque movimento nativista*».

Que significa isto?

O Sr. Freire d'Andrade, em 23 d'agosto, diz para o Sr. João Chagas:

«Considerando que nem a Alemanha declarou guerra a Portugal, nem Portugal a declarou á Alemanha, não nos podemos considerar beligerantes.

Governo Portuguez está de perfeito accordo com governo Britanico, com quem governo Francez está aliado actualmente, não podendo, portanto, este ultimo, ter quaesquer duvidas sobre a nossa attitude».

Ora, notemos aqui, que dois dias depois, — a 25 d'agosto, — os Alemães ataeavam o nosso posto de Mazina, na Africa oriental portugueza, matando-nos gente e saqueando e destruindo o posto.

A 26 agosto, Sir Ed. Grey agradece mas não aceita o auxilio ofrecido na Africa, e em 27 declara positivamente, que se alguma possessão Portugueza for atacada pela Alemanha, por mar, a Inglaterra tomará a sua defeza, atacando as forças navaes alemães; mas que não pode assumir a responsabilidade de defeza das fronteiras terrestres de Portugal ou colonias; nestas circunstancias entende, que a Marinha e o Exercito

Portuguez se devem reservar para defeza da Patria.

Em 27, o Sr. Freire d'Andrade continua dizendo, agora para o Sr. Batalha Reis: «Estamos em paz com todos, prontos, porem, a fornecer á Inglaterra todo o auxilio que nos pedir».

O Sr. Teixeira Gomes, em 28, explica ao Sr. Freire d'Andrade, que não é para extranhar que o F. O. não queira envolver Portugal na guerra, contando, todavia, comnosco se de nós precisar; e exorta o governo Portuguez a resistir com firmeza a qualquer sugestão para abandonar a attitude adoptada até agora, unica que convem aos interesses portuguezes.

E o Sr. Freire d'Andrade repete para o Sr. João Chagas, (31 agosto), que Portugal continua na firme politica expressa na declaração ministerial, e que acentue (1 Setembro) ao governo Francez, que nos sentimos felizes por mais nos aproximar da França a nossa solidariedade com a Inglaterra.

Em 3 de Setembro diz o Sr. Freire d'Andrade ao Sr. João Chagas, «que estamos em paz com todas as Potencias, mas em caso algum deixaremos de cumprir os deveres da Aliança ingleza quando assim for mister». «Portugal não declarou a neutralidade, porque, sendo aliado da Gran-Bretanha, está na disposição de cumprir firme e lealmente os deveres que dahi lhe derivam desde que fôr solicitado. O nosso desejo é mantermo-nos extranhos ao conflito. Não hesitaremos em nele tomar parte sob a invocação da Aliança, quando a Inglaterra o solicite, mas fóra d'essa obrigação de lealdade, procederemos como neutraes. Regulamo-nos pelos nossos compromissos com a Inglaterra e pelos interesses proprios».

E para o Sr. Bartolomeu Ferreira repete: paz

com todas as Potencias, prontos a cumprir com os deveres da Aliança Ingleza quando solicitados».

(Em 12 de Setembro sae uma Expedição para Moçambique, e outra para Angola.)

Em 16 de Setembro o Ministro Inglez em Lisboa declara ao Sr. Freire d'Andrade a satisfação de Sir Ed. Grey com a attitude do governo Portuguez, que não deve ser mudada: e em 20 diz concordar o governo Inglez na vantagem do encontro em Londres e em Lisboa de tecnicos militares para troca de impressões sobre a entrada na guerra.

Neste dia comunica o Sr. Freire d'Andrade ao Sr. Teixeira Gomes ter-nos o governo francez pedido com o apoio do ministro Inglez, a cedençia d'alguma artilharia, ao que o governo Portuguez respondera que não podia ceder material sem que fosse acompanhado de soldados, isto é, sem que nos pedissem o auxilio de tropas; os ministros de Inglaterra e de França concordaram que as peças seguissem acompanhadas das respectivas guarnições, mas o Sr. Freire d'Andrade objectou que as outras armas veriam com maus olhos a sua exclusão da guerra, e por isso propunha a organização d'uma Divisão completa, acompanhando as 48 peças e juntando outra artilharia que possuíssemos.

E agora, o Sr. Teixeira Gomes, 26 de Setembro, diz ter transmitido aquella comunicação a Sir Ed. Grey, acrescentando, *que pedia ao governo Inglez para ponderar bem todas as consequencias que nos traria a declaração de guerra á Alemanha, não devendo porem esquecer o nosso direito a aprezar os navios Alemães actualmente fundeados nos nossos portos.* «Resumindo, assegurei que Portugal enviaria para França

quanto a Inglaterra directamente nos pedisse *desde que invoque a aliança para justificar a beligeraneia de Portugal*».

A 28 de Setembro entra em Lisboa o cruzador inglez *Argonaut* com o contra-almirante Robeke, expressamente mandado para saudar a bandeira Portugueza. É o reconhecimento declarado da Republica, e da Aliança secular, o que o Sr. Freire d'Andrade em 30 de Setembro pede ao Sr. Teixeira Gomes para agradecer ao governo inglez.

Em 2 d'Outubro, o Sr. Teixeira Gomes communicou ao Sr. Freire d'Andrade, que durante toda a semana, a questão *do nosso auxilio à França* fora debatido em Conselho de Ministros, fazendo Sir Ed. Grey todos os esforços para evitar envolver Portugal na guerra; por fim, resolveu telegrafar ao Ministro Inglez em Lisboa, para declarar ao governo Portuguez, «que deixa ao arbitrio deste governo mandar ou não o auxilio; e caso o resolva mandar, logo que a Expedição esteja organizada, e pronta a partir, então invocará a aliança». *E o Sr. Teixeira Gomes insiste muito, em que não devemos dar nem preparar auxilio algum, sem ser invoçada a aliança*».

Em 2 d'Outubro o Sr. Freire d'Andrade diz para o nosso Ministro em Berlim: «Portugal não fez declaração, e a sua tendencia é para entrar no conflito».

Como resposta, recebe o Sr. Freire d'Andrade, do Sr. Teixeira Gomes, em 3 d'Outubro: que acha o F. O. hesitante, e declarando dar-nos liberdade para mandarmos o auxilio pedido, e só então podermos invocar a aliança; para acabar com esta duvidosa situação propõe o Sr. Teixeira Gomes: 1.º Que o Ministro de Inglaterra faça pedido formal em nome do governo Inglez;

2.º Que se não faça preparativo algum sem que a Inglaterra invoque a aliança. «Convem observar, que sendo a aliança somente defensiva, tornar-se-ha, tambem, offensiva, caso nos exijam auxilio, o que traria, de futuro, grandes vantagens a Portugal».

O Sr. Freire d'Andrade considera este telegrama de maior importancia; diz ter a mesma opinião; que tem procurado com incansavel energia e atravez de muitas resistencias manter uma situação tal como Sir Ed. Grey deseja, e julga nos ser mais favoravel, isto é, não entrarmos na guerra, a não ser instante necessidade, a pedido e por iniciativa de Inglaterra e para conveniencia desta.

Em 10 d'Outubro o Sr. Freire d'Andrade para o Sr. Teixeira Gomes: «Muito desejava que governo Inglez nos dissesse clara e terminantemente aquilo que deseja de nós, afim de evitar mal entendidos, que depois possam ser julgados como hesitação da nossa parte, que não temos tido, pois, de acordo com todo o governo, sempre tenho feito por cumprir nossa declaração perante o Parlamento, de que em caso algum faltariamos aos nossos deveres de Aliança. Depois da nota de Sir Ed. Grey dizendo devermos reservar nossas tropas para a defeza das nossas fronteiras terrestres, nota a que V. Ex.^a não deixará de referir-se nas diligencias verbaes ou escritas que julgar convenientes sobre este assunto, mas por forma que não leve a supor intenção de fugirmos á obrigação de aliados, julgo indispensavel, que o pedido de material d'artilharía com forças seja feito em nome da Aliança, pela Inglaterra, e não pela França com o apoio da Inglaterra, pois, neste caso, a situação é diversa. Este estado de

cousas é prejudicial ao paiz, pois ha em Portugal estado de natural excitação produzida, entre outras causas, pela expectativa constante. Por isso, muito convem saber, qual o desejo real de Inglaterra no presente momento, isto é, quaes os serviços que lhe devemos prestar».

Em 10 d'Outubro de 1914 é o Memorandum de Sir Ed. Grey, historiando as negociações havidas até á data, e convidando o governo Portuguez, em nome da antiga aliança a sair da attitude de neutralidade em que se tem mantido a pedido da Inglaterra, e a colocar-se activamente ao lado da Gran-Bretanha e dos seus Aliados. «Seria de grande vantagem que Portugal expedissem desde já, para o theatro da guerra, uma força, especialmente de artilharia, seguida, depois, por outras armas, afim de cooperar com as forças britannicas na presente campanha».

Depois da leitura deste *memorandum*, o Sr. Teixeira Gomes pergunta a Sir Ed. Grey qual a attitude immediata de Portugal para com a Alemanha, sendo-lhe respondido: — «Que não deviamos declarar o estado de guerra, antes de embarcar o primeiro contingente. Quanto a assistencia financeira a Portugal, estava esta assente em principio».

Em 11 d'Outubro, o Sr. Carnegie, referindo-se a este *memorandum*, julga indispensavel que a artilharia siga immediatamente para França; a Divisão irá depois.

Em 13 d'Outubro, o Sr. Freire d'Andrade comunica ao Sr. Teixeira Gomes, que o conselho de ministros resolveu ordenar a mobilisação e preparar a artilharia de forma a poder mandar material e tropas com a maior brevidade mas começando pela artilharia.

Neste mesmo dia o Sr. Frederico Rosen procura o Sr. Freire d'Andrade para chamar a atenção do Governo para a attitude hostil por este tomada desde o inicio da guerra, attitude que se comprova pelas declarações na Camara, expedições militares enviadas, artigos dos jornaes, preparativos militares, etc.

Em 16 d'Outubro o Ministro da Guerra apresenta ao Sr. Freire d'Andrade as *Bases* para a Convenção militar com a Inglaterra acerca da cooperação da Divisão Auxiliar Portugueza, nas operações com os Aliados, a saber:

1.º — Transporte da Divisão Auxiliar até ao theatro das operações, será feito pelo Governo Inglez;

2.º — Escolta maritima fornecida pelo Governo Inglez;

3.º — A Divisão ficará subordinada ao E. M. Inglez;

4.º — Agrupando a Divisão com outras unidades inglezas, o comando reverterá para o official mais graduado ou antigo das unidades reunidas;

5.º — Um official do E. M. Portuguez ficará adjunto ao Q. G. do Exercito Inglez e outro ao serviço d'ètapes, para fazer as ligações;

6.º — Vencimentos a cargo do Governo Portuguez;

7.º — Abastecimentos de viveres e forragens a cargo do Governo Inglez. Prehenchimento de baixas e material a cargo do Governo Portuguez;

8.º — Transporte dos reabastecimentos no theatro das operações, a cargo do exercito inglez;

9.º — Tránsporte para evacuação a cargo do Governo Inglez até aos depositos que se montarem, e para Portugal, quando terminada a guerra;

10.º — Tratamento de doentes e feridos, a cargo

do Governo Inglez, a partir da zona do serviço de saude de visionario;

11.º — Trez officiaes do E. M. Portuguez seguirão para o theatro da guerra, para preparar o desembarque da Divisão;

12.º — Terminada a campanha, o Governo Inglez fornecerá os transportes para repatriamento.

17 d'Outubro — O Sr. Freire d'Andrade dirige ao Sr. Teixeira Gomes a resposta ao *Memorandum* inglez: «*Portugal auxiliará a Gran Bretanha e os seus aliados com a melhor boa vontade na presente guerra, dentro dos recursos de que pode dispor*».

18 d'Outubro — Dá-se o chamado *incidente de Naulila*, que adeante se descreve.

18 d'Outubro — O Sr. Carnegie diz ao Sr. Freire d'Andrade ter recebido instrucções de Sir Ed. Grey para nada se pedir ao Governo Portuguez que possa arrastar, este, a uma quebra de neutralidade neste momento.

E n'uma carta da mesma data, dirigida ao Presidente do Ministerio, Sr. Bernardino Machado, diz-lhe que Sir Ed. Grey não deseja ver Portugal comprometido com uma declaração de guerra antes de ter embarcado a artilheria; pois, por outra forma, a quebra de neutralidade iria trazer-lhe todos os inconvenientes desta ação sem compensação alguma: accrescenta que, quando receber a resposta do Governo Portuguez ao seu *Memorandum*, então, ao acusar a recepção reconhecerá plenamente a attitude do Governo Portuguez, no sentido que este deseja.

19 d'Outubro — Partem para Inglaterra trez officiaes portuguezes para conferenciarem com o E. M. Inglez.

20 d'Outubro — O Sr. Freire d'Andrade pede

ao Sr. Teixeira Gomes para saber de F. O. qual o procedimento a adoptar com os vapores alemães refugiados nos nossos portos, no caso de declaração de guerra. E no mesmo dia o Sr. Teixeira Gomes responde que o Sr. Ed. Crowe aconselhava a que seguíssemos as estipulações da Convenção de Haya, ao que o Sr. Teixeira Gomes observou não terem sido essas estipulações seguidas pelo Governo Inglez para com a Alemanha, pois lhe prezou todos os navios.

17 d'Outubro — O nosso Ministro em Berlim informa sobre os successivos progressos da Alemanha na batalha; que ha a maxima confiança na vitoria; e que os jornaes de Berlim nos comparam aos japonezes.

18 d'Outubro — Do mesmo, dizendo que se Portugal se decidir a entrar na guerra, deve ir preparado para os maiores sacrificios. Tendo de sair de Berlim põe-se á disposição do Governo.

25 d'Outubro — Freire d'Andrade para o nosso Ministro em Berlim: Que não deve fazer declaração alguma definitiva, nem pedir passaportes, enquanto o Parlamento se não pronunciar. «Entendo que não devemos entrar na guerra por nossa iniciativa, mas somente a pedido da Inglaterra. E' preciso pois evitar, que caso passaportes seja a origem do conflito».

Em 20 d'Outubro o Governo Inglez pede-nos 20 mil espingardas, ao que o Governo Portuguez acede.

26 d'Outubro — O Sr. Freire d'Andrade para o Sr. Teixeira Gomes, historiando tudo quanto se tem passado até á data.

30 d'Outubro — O Governo Francez manifestou ao Sr. João Chagas a sua satisfação pelo concurso de Portugal.

31 d'Outubro — O Sr. Ed. Grey opõe-se á publicação do seu *Memorandum* de 10 d'Outubro, mas redigirá uma nota «*declarando aceitar o oferecimento feito por Portugal para entrar na guerra*».

31 d'Outubro — Os alemães atacam de surpresa o nosso posto de Cuangar (Angola), matando o comandante, officiaes e incendiando o posto.

6 de Novembro — O Sr. Carnegie dirige-se ao Sr. Bernardino Machado, informando que Sir Ed. Grey lhe propõe para fazer a declaração que se segue, quando a artilheria embarcar, e não antes:

«No começo de guerra, declarou Portugal, espontaneamente, estar disposto, como aliado da Inglaterra a dar-lhe todo o seu concurso. O Governo Britanico appreciou calorosamente este testemunho de solidariedade e amizade, e convidou o Governo Portuguez a pôr em execução a sua oferta de cooperação. Por este concurso, os dois governos, afirmarão os objectivos de aliança que ha tantos anos dura entre os dois paizes, e cuja conservação é de comum interesse».

A isto accrescenta, que a remessa das espingardas e munições que o nosso governo lhes vendeu é um acto passivo, e não pode considerar-se no mesmo pé que a remessa da artilheria. Pelo que, entende, não haver necessidade de declarar uma quebra de neutralidade por causa desta remessa.

10 de Novembro — O Sr. Freire d'Andrade para o Sr. Teixeira Gomes, anuncia a remessa de 48 peças 75^c e duas baterias a cavallo, (sem pessoal), indo organizar-se immediatamente a Divisão que marcharia logo que estivesse preparada.

13 de Novembro — O Sr. Teixeira Gomes para o Sr. Freire d'Andrade, comunicando a seguinte

nota de Sir Ed. Grey: «O Governo de S. M. considera essencial, que o Governo Portuguez se não abalance a declarar a guerra, ou se publique cousa alguma das recentes negociações entre os dois paizes, quer em declaração no Congresso, quer doutra forma, até que esteja realmente em condições de pôr as suas forças em campanha, e tenha decidido, em consulta com os Aliados, para que ponto e de que forma essas forças poderão ser despachadas com mais vantagem...»

Em 19 d'Outubro, o Sr. Teixeira Gomes responde ao *Memorandum* de Sir Ed. Grey, de 10:

«O Governo Portuguez tendo tomado conhecimento do Memorandum que V. Ex.^a me entregou a 10 d'Outubro, encarrega-me de declarar, que em conformidade com os tratados d'aliança entre Portugal e Inglaterra, e atendendo á grande amisade que une os dois paizes, Portugal ajudará de bom grado a Gran Bretanha e seus aliados na presente guerra, na medida dos seus reeursos».

14 de Novembro — Extensa nota do Sr. Teixeira Gomes para o Sr. Freire d'Andrade, recapitulando quanto se tem passado desde o começo das negociações, e justificando a nossa entrada:

Começa, declarando, que ao rebentar a guerra nós não tínhamos necessidade ou ambição de conquista, nem de desforra de qualquer injuria(1). Com a aliança ingleza tínhamos a garantia de integridade dos nossos territorios(2). A nossa si-

(1) A questão de Kionga como estava esquecida!...

(2) Como tambem estava esquecida a questão de Manica em 1891, e as negociações entre a Alemanha e a Inglaterra para a partilha das nossas colonias, que foram, talvez, uma das razões da grande guerra.

tuação financeira não nos aconselhava a entrada na guerra. Conhecidas as aspirações da Alemanha quanto a Colonias Africanas, e as suas repetidas tentativas para forçar a Inglaterra a accor- dar que lhe facilitassem a livre acção na Africa Portugueza, e a influencia do seu partido colo- nial, facil era de prever que Portugal seria a pri- meira victima da Alemanha vitoriosa.

Isto levou o Sr. Teixeira Gomes á convicção de que era da nossa maior conveniencia que, sem hesitação, nos pozessemos ao lado da Ingla- terra. Assim procurou conferenciar com o Sr. Eyre Crowe, que em 2 d'Agosto lhe alvitrou a conve- niencia para Inglaterra e Portugal, deste paiz se conservar neutral, sem contudo o declarar. O Sr. Teixeira Gomes afirmou-lhe que em qualquer caso, a Inglaterra podia contar comnosco. Ainda na noite desse dia, Sir Ed. Grey mandara dizer ao Sr. Teixeira Gomes pelo Sr. Crowe que Por- tugal se abstinhesse de qualquer declaração de neutralidade.

Em 4 d'Agosto, ao declarar a guerra á Alema- nha, o Governo Inglez afirmava ao Governo Por- tuguez, que no caso de qualquer aggressão da Alemanha a Portugal e Colonias o teriamos a nosso lado: que não declarassemos por então a neutralidade; e, caso a Inglaterra precisasse al- guma cousa de nós incompativel com a neutrali- dade, apelaria para a aliança.

Ficava, pois, assente:

1 — Se a Alemanha atacasse alguma possessão portugueza, a Inglaterra interviria ajudando-nos a defendel-a;

2 — O Governo Portuguez não proclamaria a neutralidade;

3 — Se o Governo Inglez precisasse de nós,

qualquer cousa incompativel com a neutralidade, invocaria a aliança.

Neste mesmo dia 4 d'Agosto o Governo Inglez comunica o estado de guerra com a Alemanha. E, caso curioso: em 8, o Governo Inglez mostra-se desagradavelmente surprehendido pela declaração do Governo Portuguez, no parlamento, de se achar Portugal, *incondicionalmente* ao lado da Inglaterra.

No entanto, acrescenta o Sr. Teixeira Gomes, as exigencias da Inglaterra não iam alem de nos abstermos da declaração de neutralidade, o que implicava o desejo de nos não envolver na guerra; o que, na opinião do Sr. Teixeira Gomes, aconselhava a que fossemos tomando algumas medidas para o caso de se tornar inevitavel a nossa entrada na guerra, e nos devíamos desde já entender com os governos d'Angola, Moçambique e União Sul Africana, para a contingencia d'uma ação comum contra os alemães (1).

Em 27 d'Agosto, Sir Ed. Grey entrega ao nosso Ministro o *Memorandum* de 26, já atraz transcripto, e nessa ocasião agradece ao Governo Portuguez os seus oferecimentos de auxilio, particularmente em Africa, apesar de lhe não serem, por então, precisos.

Cada vez se radicava mais no espirito do nosso Ministro a persuasão de que Sir Ed. Grey fazia todo o possivel para evitar a nossa entrada na guerra; o que foi comprovado pelo incidente de Zomba. Desde o começo das hostilidades se manifestara em Portugal uma forte corrente d'opi-

(1) E via muito bem; é o velho aforisma: «Si vis pacem...»

nião contra a Alemanha, e se faziam esforços para levar Portugal á guerra. Sabia-se do descalabro das finanças portuguezas, da insuficiencia dos nossos meios de defeza, sem exercito, sem marinha, sem fortalezas, sem material de guerra nem munições, e, apesar disso, os jornaes gritavam pela nossa entrada na guerra.

O escandalo foi tal, que o Sr. Teixeira Gomes teve de pedir a Sir Ed. Grey para fazer constar nas chancelarias dos Aliados, que a nossa attitude fora tomada a sollicitação do Governo Inglez. Depois veio o pedido da França para cedencia da artilheria, o que o Governo Inglez não quiz patrocinar, pois a sua satisfação implicaria beligerancia de Portugal.

Mas a 24 de Setembro, o Governo Inglez apoia o pedido da França, e o Sr. Teixeira Gomes vae ao F. O. expor a situação politica e financeira de Portugal e a responsabilidade que a Inglaterra assumiria impelindo-nos para a guerra, só porque a França, — á qual não estavamos ligados por qualquer obrigação, — o pedia. Recapitulou as negociações havidas com o F. O. das quaes apenas se podia concluir a possibilidade duma ação comum em Africa; recordou as declarações de Sir Ed. Grey de não poder a Inglaterra ajudar-nos na defeza das nossas fronteiras terrestres; salientou a responsabilidade do Governo Inglez *se nos atirasse para a guerra sem uma razão indiscutivel* (1), *razão que só a Inglaterra podia fornecer-nos pedindo-nos auxilio em nome da aliança.*

«Esta era, com efeito, a unica porta pela qual

(1) E Maziua? e Naulila?

Portugal podia digna e honestamente entrar na guerra, e assim, resolvi envidar todos os esforços para que não entrassemos doutra forma».

Seguiram-se conferencias diarias com o Sr. Crowe, pelas quaes o nosso Ministro soube que Sir Ed. Grey só envolveria Portugal na guerra, invocando a aliança, quando tal fosse decidido em Conselho de Ministros. Por fim, ás instancias repetidas do nosso Ministro, o Governo Inglez assenta em deixar ao arbitrio do Governo Portuguez mandar ou não auxilio; no caso de o mandar, uma vez pronta a expedição poderia, então, invocar a aliança.

E o Sr. Teixeira Gomes insiste com o nosso governo para não fazer preparativo algum sem que o governo inglez invoque a aliança.

E assim se preparam as cousas para que Sir Ed. Grey entregue o seu *memorandum* de 10 d'outubro cujo theor segue:

«Numa comunicação que o Ministro de S. M. em Lisboa teve ordem para fazer ao Governo Portuguez no começo da presente guerra, deu-se a segurança formal de que, em caso de ataque de qualquer possessão portugueza pela Alemanha o governo de S. M. se considerava ligado pelas estipulações da aliança Anglo-Portugueza. Em compensação o governo de S. M. declarou que, por emquanto, contentar-se-hia em que o Governo Portuguez não declarasse a sua neutralidade. A forma leal e sem hesitação porque o Governo Portuguez acedeu a este pedido, anima-me a invocar a antiga aliança entre Portugal e este paiz, para convidar o Governo Portuguez a sair da sua attitude de neutralidade e a colocar-se activamente ao lado da Gran Bretanha e seus aliados. A posição dos exercitos aliados no theatro occi-

dental da guerra ficaria muito sensivelmente fortalecida, se o Governo Portuguez pudesse expedir, agora, uma força, especialmente d'artilheria, seguida depois por outras armas, afim de cooperar com as nossas forças na presente campanha. Os detalhes dessa cooperação teriam naturalmente de ser decididos entre as auctoridades militares portuguezas e os Estados Maiores francez e britanico, mas o governo de S. M. confia que V. Ex.^a terá a bondade de submeter a proposta ao seu governo pedindo-lhe uma resposta favoravel e urgente.»

Em 13 d'outubro o Governo ordenou a mobilisação e em 17 d'outubro anuncia a entrada de Portugal na guerra ao lado da Gran-Bretanha e aliados, o que o Sr. Teixeira Gomes, nesse mesmo dia, comunica ao Governo Inglez.

A 14 de novembro, é já a Inglaterra que nos pede para activarmos a mobilisação.

O Sr. Freire d'Andrade, contudo, preocupado com a situação, pede em 16 de Novembro ao Sr. Teixeira Gomes para combinar com o governo inglez a resposta a dar a qualquer explicação que a Alemanha nos peça acerca do embarque da artilharia. O sr. Teixeira Gomes aconselha a que, em tal caso, peçam nota escripta afim de dar tempo para se esperar resposta indicada pelo Governo Inglez.

Seguem-se as negociações para o embarque de artilharia.

A 19 de Novembro o Sr. Freire d'Andrade comunica ao nosso Ministro em Berlim, que o Governador d'Angola informa terem os alemães atacado o posto de Cuangar matando 3 officiais e varias praças, saqueando e incendiando o posto, o que força o Governo Portuguez a mandar para

ali nova expedição em 1 de Dezembro. (E' o incidente de 31 de outubro).

Em 21 e 23 de novembro, o Sr. Teixeira Gomes informa achar o Governo Inglez preferivel, que seja o Governo Alemão quem declare a guerra a Portugal, apesar do caso do Cuangar; «que, sem ser preciso declarar a guerra, pode Portugal imitar o procedimento da Alemanha, entrando em acção, em Africa, da forma que entender».

A 23 de Novembro, o Congresso autorisa o governo a entrar na guerra ao lado dos Aliados.

E o governo decreta a mobilisação duma Divisão.

Neste momento dá-se um incidente curioso entre o Ministro da Guerra general Pereira d'Eça e o nosso Ministro em Londres Sr. Teixeira Gomes, como se deprehe de do seguinte telegrama deste senhor para o mesmo Ministro da Guerra:

«Tenho a honra de acusar a recepção do telegrama de V. Ex.^a de hontem, como segue:

«459—Peço V. Ex.^a informe Lord Kitchener recebi maior agrado, officio que me entregou nossa Missão Militar, ao qual respondo correio; agradeço atenção enviar official inglez, peço diga oportunamente indicarei data conveniente sua vinda. Foi publicado decreto mobilisação. — *War Minister, General Eça.*»

«Não podendo dirigir-me officialmente a nenhum dos membros do Ministerio inglez, senão por intermedio do F. O., e sendo-me igualmente defezo transmitir ao F. O. comunicação que não emane do Ministerio dos estrangeiros, mas desejando satisfazer o pedido de V. Ex.^a, encarreguei o 1.^o Secretario desta Legação, Sr. Pedro de Tovar,

de ir ao War office e dar particularmente conhecimento do telegrama de V. Ex.^a a um dos ajudantes d'ordens de Lord Kitchener.»

Em 1 de Dezembro, o Sr. Freire d'Andrade pede ao Sr. Antonio Bandeira para transmitir ao nosso Ministro em Berlim, o seguinte: «Depois do incidente de Naulila, Alemães atacaram porto Cuangar matando 3 officiaes, sargento, 5 praças europeias e varias praças indigenas. Não ha certeza do facto. Consul Alemão declarou governo geral, ser facto lastimavel, ter certeza que foi praticado sem ordem governo Alemão e estar pronto a seguir com official portuguez para a fronteira, afim de providenciar. Ataque, morticinio prisioneiros, foi feito com requintes de barbaridade, tendo sido massacrados os feridos, segundo parece.»

Identico telegrama expede o Sr. Freire d'Andrade ao Sr. Teixeira Gomes, acrescentando parecer-lhe que o governo Alemão não se acha disposto, por agora, a declarar-nos guerra, esperando que nós a declaremos, não percebendo o motivo deste procedimento, que deve ter um fim. Logo que isto se torne do dominio publico é para reccar que a opinião publica se manifesto no sentido do governo declarar a guerra. Seguindo este caminho, pode o governo contrariar a politica dos Aliados, e deseja proceder d'acordo com governo inglez,

9 de Dezembro — O Sr. Freire d'Andrade diz ao Sr. Teixeira Gomes ter dado ordem ao nosso Ministro em Berlim para reclamar contra os ataques Alemães no Sul d'Angola, e acrescenta, que parte da imprensa está explorando este caso, e o governo se acha demissionario. Não julga a questão d'Angola *casus belli*; de resto, deseja

ir adiando a beligerancia quanto puder, até ter pronta a Divisão em Portugal, e forças em Angola não inferiores a 10 mil homens, o que tem sido difficil. A divisão não pode estar pronta antes de Janeiro.

Em 12 de Dezembro organisa-se o novo Ministerio com Azevedo Coutinho na Presidencia, Augusto Soares nos estrangeiros, Cerveira d'Albuquerque na Guerra e Rodrigues Gaspar nas Colonias.

Em 14 de Dezembro, o Sr. Rosen, Ministro da Alemanha, pede informações ao Sr. Augusto Soares ácerca da prisão em Angola do subdito Alemão Dr. Schubert, e acerca da ordem do governador para os subditos Alemães serem concentrados em Loanda; e em 21 insiste pela resposta áquella reclamação.

A 18 de dezembro teve logar o combate de Naulila.

Em 22 de Dezembro, o Sr. Augusto Soares comunica ao Sr. Teixeira Gomes ter o governador d'Angola informado que houvera dois combates entre Portuguezes e Alemães, sendo n'um deles aprisionado um Major Franck, e no segundo, sermos forçados a retirar. Entende que estes successos dispensam o fazermos declaração de guerra, visto ter a Alemanha violado a paz, restando-nos constatar e tornar publico o estado de guerra. O governo Portuguez, porem, *estimaria continuar a ser considerado neutral para poder, no entanto, concentrar forças bastantes em Africa e adquirir material de guerra para si e para os aliados, se estes precisassem da sua intervenção; mas as aggressões, em Angola, podem determinar em Portugal uma corrente de opinião que force o governo a considerar-se em*

estado de guerra mais cedo do que lhe convem. Precisa pôr-se d'acordo com a Inglaterra sobre o caminho a seguir, e recomenda ao nosso Ministro para, na exposição que fizer ao F. O., *acentuar que fomos atacados pelos Alemães em Angola, unicamente por sermos aliados da Inglaterra e lhe termos prometido auxilio militar.*

Em 24 de Dezembro, o Sr. Augusto Soares ordena ao Sr. Sidonio Paes para reclamar sobre os acontecimentos de Cuangar e outros posteriores, bem como sobre a invasão d'Angola, sem prévia declaração de guerra, exigindo satisfações. Recomenda que faça sair todos os Portuguezes da Alemanha e da Belgica.

O Sr. Teixeira Gomes diz, em 20 de Dezembro, ao Sr. Augusto Soares, *que é evidente que o F. O. deseja conservar a impressão, aparente, de que o nosso conflicto com a Alemanha não naseu dos deveres da aliança que invocou, lançando, assim, sobre aquele paiz, todas as responsabilidades da aggressão em Angola, e dest'arte diminuindo a propria responsabilidade de nos ter envolvido na guerra.*

«Sem duvida, V. Ex.^a observou, tambem, pela leitura do *memorandum* do Sr. Ed. Grey de 10 d'outubro, e nota do mesmo, de 9 de novembro, que os termos em que este é redigido, diferem dos do *memorandum*, por uma certa tendencia a insinuar que, até certo ponto, foram as nossas boas e voluntarias disposições de participar activamente na guerra, que induziram o governo inglez a trazer-nos para ela.

«Longe do meu pensamento a suspeita de dobez no procedimento deste governo a nosso respeito; esse procedimento deve explicar-se, meramente, pela necessidade de aproveitar as circumstancias

para auferir vantagens (1), o que é a todos os respeitos justificavel, não havendo diplomacia alguma que vise a outro fim.

«*Por isso é que, da nossa parte, convem frisar o melhor possivel e em quantas oportunidades se ofereçam, que, embora sinceramente desejosos de cumprir os deveres da aliança, auxiliando a Inglaterra, só resolvemos participar activamente na guerra, a seu pedido, e pela invocação desses deveres. Isso tenho feito nas minhas conferencias com os funcionarios do F. O. e no meu memorandum de 24, a que se refere o meu telegrama...*

«*Nesse memorandum apontava eu, tambem, ao F. O., em termos e no intuito de estabelecer nitidamente as responsabilidades que derivam da invocação de aliança, a necessidade de autorisar V. Ex.^a a publicar as negociações que nos levaram á guerra...*»

Em 31 de Dezembro: o Sr. Augusto Soares para o Sr. Teixeira Gomes:

«*Telegrama do governador d'Angola informa diversas aggressões alemãs na fronteira Sul, sendo mais importante em 18 do corrente, em Naulila, por cerca de 2 mil Alemães, quasi todos montados: perdas portuguezas, 1 official morto, 4 desaparecidos, 3 feridos, 1 prisioneiro, e numero relativamente importante de soldados. Forças portuguezas retiraram. Governo prepara reforços, e reclama para governo Alemão.*»

31 de Dezembro — O Sr. Augusto Soares diz ao Sr. Rosen:

(1) Explica-se, mas é inadmissivel; entre Nações como entre homens a especulação a coberto da amizade é inadmissivel.

«Em principio de Setembro, o Alemão Dr. Weck atacou o porto de Masiua em Moçambique; em 17 d'outubro, sem ruptura diplomatica nem provocação, forças Alemãs auxiliadas por gentio entram no territorio Portuguez da Africa occidental e provocam o 1.º incidente de Naulila; em 31 d'outubro outras forças Alemãs auxiliadas por gentio atacam de surpresa o porto portuguez de Cuangar (Cubango) e matam 5 officiais portuguezes e varias praças. Em 19 de Novembro, uma verdadeira expedição militar invade Angola e trava combate com forças portuguezas que procuravam opôr-se á invasão. Acto algum das autoridades Portuguezas serviu de pretexto a taes aggressões. Em vista do que fica exposto, pede satisfações e compensação.»

Em 28 de Dezembro, ás 8 horas da noite, o nosso Ministro na Alemanha apresenta uma nota analoga á precedente ao Ministro dos estrangeiros Alemão, e a 30, recebe a resposta, de que lhe é impossivel dar qualquer explicação, pois ignora aqueles factos visto ter as communicações cortadas com a colonia Alemã.

Em 5 de Janeiro de 1915, o Sr. Teixeira Gomes comunica ao Sr. Augusto Soares ter o F. O. enviado instrucções ao Ministro inglez em Lisboa, no sentido de aconselhar o governo Portuguez a abster-se, quanto possivel, de declarar a guerra, mas tomando todas as medidas necessarias á de-feza do paiz.

A 19 de Janeiro, o Sr. Rosen pede explicações ao Sr. Augusto Soares do facto de navios alemães em aguas portuguezas serem revistados por navios de guerra.

Em 9 de Janeiro, o Sr. Augusto Soares diz para o Sr. Sidonio Paes, que declare ao governo

Alemão não termos responsabilidade alguma na não transmissão dos telegramas alemães; que insiste na reclamação sobre a retirada imediata de tropas alemãs do territorio portuguez; incidente de Naulila foi invasão do territorio portuguez.

Em 27 de Janeiro o Sr. Rosen protesta de novo contra a prisão de Alemães vindos d'Africa em navios portuguezes e em aguas portuguezas, por um cruzador inglez.

A 28 de Janeiro, novo governo presidido pelo Sr. Pimenta de Castro.

A 26 de fevereiro, o Ministro das Colonias Rodrigues Monteiro diz para o nosso Ministro em Berlim que a recomendação do governo inglez e o interesse de Portugal é ganhar tempo para nos prepararmos.

Em 10 de Março, o Sr. Teixeira Gomes para o Sr. Rodrigues Monteiro, diz-lhe não ser possivel conseguir dos inglezes qualquer conselho sobre a natureza das operações que devemos executar em Africa. (Tratava-se duma pretensão nossa de bater o gentio d'Angola e seguidamente invadir a Africa Alemã). Caso governo Portuguez julgue vantajoso invadir territorios Alemães, parece-lhe preferivel avizar o Governo Inglez de quaes os pontos que queremos ocupar, afim de conhecer a sua opinião.

12 de Março—Passa para o Ministerio das Colonias o Sr. T. da Trindade.

16 d'Abril—O Sr. F. Rosen para o Sr. T. da Trindade: que tendo sido capturado o vapor *Adjutant*, por um cruzador inglez em aguas Portuguezas, entre Beirá e Moçambique, e levado para Mombaça—9 de outubro de 1914,—protesta contra o facto desta quebra de neutralidade.

21 d'Abril — O consul Portuguez em Pretoria recebe um telegrama do tenente Aragão preso no S. O. Alemão.

5 de Maio — O Sr. Rosen protesta contra o facto de terem desembarcado e passado pela Beira, em 9 de Março, 600 homens do 2.º Rhodesian Contingent para serem utilizados no ataque á colonia Alemã.

18 de Maio — Novo Ministerio, da presidencia de João Chagas.

25 de Maio — Novas reclamações do Sr. Rosen.

10 de Junho — O Sr. Teixeira Gomes pergunta ao Sr. Teixeira de Queiroz se pode notificar ao governo inglez a resolução do governo Portuguez, de tomar a ofensiva no territorio Alemão.

22 de Junho — Novo governo, da presidencia do Sr. José de Castro.

9 de Julho — Termina a campanha no S. O. Alemão pela victoria dos Aliados.

22 e 31 de Julho — O Sr. Teixeira Gomes diz ao Sr. Augusto Soares estar preparando o F. O. para uma conferencia sobre a necessidade de declarar o estado de guerra, no que tem encontrado grande difficuldade.

3 d'Agosto — O Sr. Carnegie diz ao Sr. Augusto Soares que: «Sir Ed. Grey julga que, a produzir-se uma ruptura entre Portugal e a Alemanha, por iniciativa do governo portuguez, deverá ser com uma razão clara que mostre que ela foi motivada em consequencia de provocação da Alemanha (1) e não por um pretexto provo-

(1) Então todos os incidentes passados, Maziua, Cuan-gar, Naulila, etc. não eram razões claras? O pedido d'artilharia pela Inglaterra e França não era razão clara?

cado pelo governo Portuguez. Sir Ed. Grey insiste em que o governo portuguez não dê qualquer passo precipitado, antes que o governo inglez exponha a sua opinião sobre a situação em geral...»

5 d'Agosto — O Sr. Teixeira Gomes para o Sr. Augusto Soares — «F. O. comunica que o Conselho de Ministros expediu ao Ministro de Inglaterra em Lisboa o seguinte telegrama: *«Governo S. M. reeonheee fundado pedido de, easo Portugal seja forçado no sen proprio interesse a proceder contra a Alemanha, por a isso o eonstranger a Alemanha, o possa fazer, sem objeeção da parte da Inglaterra. Caso ruptura, o Governo Portuguez terá euidado que ela se dê exelusivamente entre Portugal e a Alemanha, e provocada no interesse de Portugal, e não imposta em virtude da obrigação de Portugal para com a Inglaterra.*

«Poderá V. Ex.^a assegurar ao Governo Portuguez, que estando ele em estado de guerra com a Alemanha, o Governo de S. M. garantirá, por meio da marinha ingleza, proteção contra Portugal e Colonias, em conformidade com as disposições dos antigos tratados d'aliança. Por outro lado, em vista das pesadas obrigações que lhe incumbem, o Governo de S. M. não poderá fornecer munições de guerra, nem assistencia financeira, excepto por meio de afretamento ou compra de navios mercantes alemães que sejam apprehendidos em aguas portuguezas».

Assim, apoz tanta prosa gasta e tanta discussão, a Inglaterra termina por nos dizer:

1 — Se Portugal tem muito empenho em entrar na guerra, nós damos-lhe licença;

2 — Prometemos guardar-lhe as costas, porque

nos não convem que os alemães delas se apoderem;

3— Mas se declarar a guerra, note que é por sua exclusiva iniciativa e responsabilidade, e deverá apresentar razões claras para o fazer;

4— Não conte Portugal connosco para lhe fornecermos munições nem dinheiro; contudo, quando Portugal apprehender os navios alemães que tem nos seus portos, nós comprar-lhos-hemos ou os afretaremos.

E para que nos não fiquem duvidas algumas sobre o imbecil papel que a nossa diplomacia e Governo veem representando desde Agosto de 1914, o Sr. Carnegie, que incarna perfeitamente o seu papel, acentua em 6 de Agosto de 1915:

«O pedido do Governo Portuguez para que o Governo de S. M. não faça objecção á acção que Portugal no seu proprio interesse pode ser forçado a tomar contra a Alemanha, não é destituído de razão, caso seja a Alemanha que force Portugal á ruptura; caso se dê a ruptura entre Portugal e a Alemanha deverá ella constituir claramente, um caso exclusivo dos dois paizes, feito no interesse de Portugal e não imposto contra a Alemanha como uma obrigação da parte de Portugal para com a Gran Bretanha...»

Isto o que quer dizer?

Que nos dão licença para fazermos guerra á Alemanha, mas por *nossa exclusiva responsabilidade e interesse; e não como resultado de aliança ingleza!*

A Inglaterra pretendia de nós a artilheria de que precisava, a apprehensão dos navios alemães que lhe convinha para o seu commercio, os nossos portos para bases navaes etc., mas deixava-nos

sós se quizessemos tomar parte na guerra com as nossas tropas; garantia-nos a protecção das costas, mas quanto ás fronteiras terrestres que nos governassemos como pudessemos. Cartuchos não nos forneceria; e quanto a dinheiro, só se aprezassemos os navios alemães e lhos vendessemos.

Esta foi clara e nitidamente a situação em que os nossos governos, a nossa diplomacia e a nossa aliada nos colocou.

A este *memorandum* de 6 d'Agosto responde o Sr. Augusto Soares em 16 de Setembro accusando a sua recepção e historiando quanto se tem passado, para, parece, salientar o procedimento inglez para connosco, pela forma que passamos a resumir:

Não tendo Portugal declarado a neutralidade no começo da guerra, logo nos primeiros dias de Setembro o porto de Maziua, na Africa Oriental, foi atacado e saqueado por um grupo de alemães que assassinou o chefe do posto; depois, é a Provincia d'Angola objecto de hostilidade de forças regulares de Damaraland, tudo sob o pretexto de Portugal ser aliado da Inglaterra. Em 27 de Agosto Sir Ed. Grey dizia ao nosso Ministro em Londres que não podendo a Inglaterra então, defender as fronteiras terrestres de Portugal e Colonias, deviamos reservar as nossas forças com esse destino. Em Setembro, porem, vem o pedido de artilheria que a França queria, e cuja satisfação implicava a beligerancia de Portugal, e foi resolvido a organização d'uma divisão portugueza para entrar na guerra, na Europa; depois, forneceu-se armas para a Africa do Sul, e organisou-se expedições para Angola e Moçambique e para a Africa Central Ingleza.

A Alemanha accumulou protestos sobre protestos contra nós. Tem portanto Portugal de sair da situação equívoca em que se encontra e declarar a existencia do estado de guerra nos termos do *memorandum* de 6 d'Agosto, com affectado alheamento da aliança ingleza, o que irá prolongar o equívoco, e nos cria uma difficil situação. Portugal não tem lucros a tirar do conflicto, mas não quer ficar prejudicado apoz a guerra. Portugal tem de entrar na guerra, mas não pode fazê-lo nos termos do *Memorandum* de 6 d'Agosto, e por isso vê-se forçado a submeter-se se o Governo Inglez entender dever manter o seu ponto de vista. Afirmo que Portugal nada fará sem pleno accordo com a Inglaterra e continuará a prestar-lhe os seus serviços.

Esta nota do Sr. Augusto Soares alguma impressão fez em Londres, pois, por ordem do seu governo, o Sr. Carnegie apresenta as seguintes explicações em 27 d'Outubro de 1915:

«O Sr. Carnegie recebeu instruções para exprimir o alto apreço do Governo de S. M. pela attitude e pelos valiosos serviços prestados pelo Governo Portuguez no decurso da guerra».

Mas, como não quer deixar duvidas sobre a attitude da Inglaterra acrescenta:

«Com relação ás observações do Sr. Soares, respeitantes ás quebras de neutralidade praticadas por Portugal em virtude da sua aliança com a Gran Bretanha, que poderia envolvê-lo em guerra com a Alemanha, o Sr. Carnegie teve ordem para declarar que o Governo de S. M. reconhece inteiramente estes factos, *mas que, se o Governo Portuguez declarar a guerra á Alemanha, por sua iniciativa, deve ser sob sua propria responsabilidade, e não deve dizer que é obrigado a*

este procedimento em consequencia da aliança».

Assim, o Governo Inglez insiste neste ponto capital:

Portugal pode declarar a guerra, mas por sua iniciativa e responsabilidade; a aliança com a Inglaterra nada tem de ver com isto.

Depois daquela nota a que vem, dois dias depois, a seguinte nota do Sr. Carnegie?

29 d'Outubro — «Transmiti ao Ministro dos Negocios Extranjeros de S. M. a nota de 16 de Setembro, que recebi do Sr. Soares, expondo a situação de Portugal com referencia á guerra.

«Cumprindo as instruções de Sir Ed. Grey, tenho a honra de exprimir a V. Ex.^a o muito apreço em que o Governo de S. M. tomou nota da attitude adoptada pelo Governo Portuguez durante a guerra e especialmente da declaração contida no paragrafo final da comunicação do Sr. Soares.»

E de tal forma parece estar-lhe remoendo no espirito toda aquella *confusão*, que o Sr. Carnegie volta em 30 de Dezembro a dizer, que parecendo ter a comunicação de 6 d'Agosto causado *impressões erradas por parte do Governo da Republica*, sobre a attitude do Governo Inglez, Sir Ed. Grey manda comunicar:

«O Governo de S. M. está inteiramente penetrado das suas obrigações para com Portugal. Apresentando-se uma oportunidade em que Portugal fique colocado em situação de ter de apelar para o tratado de aliança entre os dois paizes, o Governo de S. M. não tem intenção de se afastar de taes obrigações, e foi precisamente porque deseja cumpril-as, que tem pedido ao Governo Portuguez para o consultar antes de tomar a iniciativa da declaração do estado de guerra entre

Portugal e a Alemanha. Se o Governo Portuguez colheu impressão diferente da comunicação do Sr. Carnegie de 6 d'Agosto, enganou-se completamente.

«O Governo de S. M. aprecia altamente o auxilio concedido por Portugal fornecendo munições de guerra e está profundamente sensível pela attitude até agora assumida por Portugal».

Ora esta *macia* nota, que vem em parte contrariar a *aspera* nota de 27 d'Outubro, explica-se com outra nota deste mesmo dia 30 de Dezembro que diz:

«Sendo de grande vantagem para o Governo de S. M., fazer uso dos navios alemães ao presente surtos nos portos portuguezes, o Ministro de S. M. recebeu instruções para inquirir do Governo Portuguez se este julga possível requisitar esses navios. Em tal caso, o Governo de S. M. fretal-os-hia para serem empregados da maneira que fosse julgada mais conveniente».

E aqui está como a necessidade explica muitas attitudes.

Em 31 de Dezembro de 1915, o Sr. Teixeira Gomes faz uma resenha dos successos e da conferencia de 6 de Julho, e termina dizendo que nas suas conferencias com o F. O. accentuou sempre que a nossa ruptura com a Alemanha era consequencia da nossa aliança com a Inglaterra, mas o Governo Inglez não o reconhece assim nas instruções agora transmitidas ao Ministro Inglez».

Com esta nota vem um *anne.ro* com data de 5 de Agosto de 1915 assignado por Sir Eyre Crowe, que é algum tanto diferente do comunicado no mesmo sentido feito pelo Sir Lancelot Carnegie em 6 de Agosto. Transcrevemos, aqui, ambos:

Texto do Sr. Carnegie em 6 de Agosto de 1915.

Texto que acompanha a nota do Sr. Teixeira Gomes em 31 de Dezembro de 1915.

O pedido do Governo Portuguez, para que o Governo de S. M. não faça objecção á acção que Portugal, no seu proprio interesse pode ser forçado a tomar contra a Alemanha, não é destituído de razão, caso seja a Alemanha que force Portugal á ruptura.

Se, contudo, se der essa ruptura entre Portugal e a Alemanha, deverá ella constituir claramente, um caso exclusivo dos dois paizes, feito no interesse de Portugal, e não imposto contra a Alemanha, como uma obrigação da parte de Portugal para com a Gran Bretanha.

Caso Portugal e a Alemanha entrem em guerra, o Governo de S. M., conforme estipula a aliança, garantirá, com a armada britanica, a protecção das costas portuguezas e das colonias.

Devido ás grandes requisições que impendem sobre o Governo de S. M., não poderá elle fornecer o Governo Portuguez, com munições de guerra ou com dinheiro, a

O Governo de S. M. reconhece inteiramente fundado o pedido de Portugal de que, caso seja forçado no seu proprio interesse a proceder contra a Alemanha, sendo a isso forçado pela Alemanha o possa fazer sem objecção por parte da Inglaterra.

O Governo Portuguez não perderá, sem duvida, de vista, que, a dar-se uma ruptura, deverá ser claramente motivada por questão entre Portugal e a Alemanha, e provocada no interesse de Portugal, não imposta contra a Alemanha como uma obrigação por parte de Portugal para com a Inglaterra.

Pode assegurar ao Governo Portuguez, que, em caso de elle se achar em estado de guerra com a Alemanha, o Governo de S. M. garantirá por meio da armada britanica a protecção das costas de Portugal e Colonias, em conformidade com as estipulações dos antigos tratados de aliança.

Por outro lado, em vista das pesadas obrigações que lhe incumbem, não poderá o Governo de S. M. fornecer munições de guerra, nem assistencia financeira, a não

não ser alugando ou comprando os navios alemães actualmente surtos em portos portuguezes».

ser por meio de afretamento ou compra dos navios mercantes, alemães, que semprehendidos em aguas portuguezas».

5 de Janeiro de 1916 — Do Sr. Rosen para o Sr. Augusto Soares.

Insiste pela libertação dos prisioneiros alemães feitos em Africa, terminando por dizer: — «Visto não haver um estado de guerra entre o Imperio Alemão e a Republica, não pode Portugal conservar detido como *prisioneiro de guerra* nenhum subdito alemão».

2 de Fevereiro de 1916 — Do Sr. Carnegie para o Governo da Republica.

Diz ter informado Sir Ed. Grey da opinião do Governo Portuguez ácerca da requisição dos navios inimigos que se encontram nos portos portuguezes, desde que esses navios não fossem precisos para as suas proprias necessidades; que o Governo Portuguez precisava, urgentemente, pelo menos, de um dos navios, e julgava que esse poderia ser adquirido por compra. No Parlamento estava já um projecto de lei dando ao Governo poderes para requisitar todos os transportes dentro dos dominios portuguezes.

Sir Ed. Grey respondera que o Governo de S. M. ficaria satisfeito, se fossem os navios inimigos comprados ou requisitados para uso de Portugal, contanto que sejam utilizados. «*Nas circunstancias presentes o governo de S. M. não está em circunstancias de poder consentir que navios inglezes sejam empregados no commercio portuguez. A necessidade de tonelagem é tamanha, que o Governo de S. M. será compelido*

a considerar se deverão ser concedidas facilidades de navegação a navios empregados em commercio com paizes, nos portos dos quaes existem navios desaproveitados... A opinião do Governo de S. M., para a qual se chama a especial atenção do Governo Portuguez, é que os paizes cuja simpatia está com a Gran Bretanha na sua luta com a Alemanha podem auxiliar-a mais eficazmente tomando as necessarias medidas para impedir que navios, que podem ser utilizados, permaneçam desaproveitados. Sir. Ed. Grey sugere, que um metodo para levar a efeito o que precede, seria o Governo Portuguez ter poderes para requisitar todos os navios nos portos portuguezes, e quando o projecto acima alludido se tornar lei, é de presumir que esses poderes lhe sejam dados, — e então usar esses pedidos contra os navios inimigos, porque todos os navios portuguezes estão empregados, e só os navios inimigos não estão aproveitados. Sir Ed. Grey declara, que a informação de que os navios inimigos em portos inglezes não foram ainda requisitados, é inteiramente falsa».

6 de Fevereiro de 1916 — Do Governo da Republica ao Governo de S. M. Britanica — *Memo-randum* entregue pelo Sr. Augusto Soares a Sir Lancelot Carnegie — (Extracto)

O conselho de ministros, reunido sob a presidencia do Chefe de Estado resolveu fazer a requisição geral dos navios alemães impedidos nos portos portuguezes. A situação particular de Portugal como aliado da Inglaterra levou o Governo a não considerar o paiz nas condições dos *neutraes*, mas deseja que o Governo Inglez francamente o signifique antes de aprezar os navios alemães; o Governo Portuguez deseja que o Go-

verno Britanico declare que é com o seu direito de aliado que nos propõe a apreensão dos navios.

17 de Fevereiro — Sir L. Carnegie ao Governo da Republica Portugueza — (Extracto). Tendo Portugal, desde o principio das hostilidades mostrado completa dedicação á sua antiga aliada, o Governo Britanico em nome da aliança, pede a requisição urgente de todos os barcos inimigos estacionados em portos portuguezes, os quaes serão usados para o commercio portuguez 'entre Lisboa e outros portos.

21 de Fevereiro — Sir Carnegie ao Sr. Augusto Soares — Entende que, esses navios serão requisitados pacificamente, como o fez o Governo Italiano, ou o Governo Portuguez entrará em transacção com os armadores, e neste caso o Governo Portuguez não o poderá fazer sem aprovação do Governo Inglez, pois no caso contrario, este apreziaria os navios logo que saíssem das aguas portuguezas nos termos do artigo 56 da declaração de Londres.

23 de Fevereiro — O Sr. Augusto Soares a Sir L. Carnegie — Resumo — O Governo da Republica tendo em consideração as observações do Sr. Carnegie, resolveu apossar-se esta tarde dos navios alemães.

No dia 24 de Fevereiro foi publicado no *Diario do Governo* o diploma requisitando os navios alemães surtos em portos portuguezes.

25 de Fevereiro — Do Sr. Carnegie para o Sr. Augusto Soares — Transmite a grande satisfação de Sir Ed. Grey pela forma como o Governo Portuguez fez a requisição dos navios alemães.

27 de Fevereiro — O Sr. F. Rosen ao Sr. Au-

gusto Soares — Protesta em nome do Governo Alemão contra a requisição dos navios, solicitando a immediata revogação do Decreto.

1 de Março — Do Sr. Carnegie para o Sr. Augusto Soares.

Envia um *memorandum* indicando as linhas em que, segundo Sir Ed. Grey, deve basear-se a resposta a dar ao Governo Alemão :

«Durante um periodo de mais de 18 mezes os navios alemães surtos nos portos portuguezes, teem gozado da protecção do Governo da Republica dentro das aguas territoriaes portuguezas. Estas circumstancias justificam que Portugal os considere como incluidos no principio geral de *dominio eminente*, e que exerça, em relação a eles, o direito que tem de tomar, em casos emergentes, a propriedade de todas as pessoas dentro da sua jurisdicção e convertel-a ao uso que as exigencias do paiz pedirem. Nenhuma potencia estrangeira pode atacar este direito, que é inherente á Soberania dos Estados etc., etc. vêr pag. 245 dos Documentos do Congresso.

2 de Março — O Sr. Augusto Soares para o Ministro em Berlim — Transcreve o *memorandum* citado, acrescentando-lhe citações da lei 480 de 1916.

3 de Março — O Sr. Augusto Soares ao Sr. F. Rosen :

Responde á sua nota de 27 de Fevereiro, com o *memorandum* precedente.

9 de Março — O Sr. Rosen ao Sr. Augusto Soares — Recapitula todos os actos que, no seu entender, Portugal tem cometido desde o começo da guerra e termina dizendo :

«Por este procedimento o Governo Portuguez deu a conhecer que se considera como vassalo

da Inglaterra, que subordina todas as outras considerações aos interesses e desejos inglezes. Finalmente, a apreensão dos navios realisou-se sob formas em que deve ver-se uma intencional provocação á Alemanha. A bandeira alemã foi arriada dos navios alemães e em seu logar foi posta a bandeira portugueza com a flamula de guerra. O navio almirante salvou por esta occasião. O Governo Imperial vê-se forçado a tirar as necessarias consequencias do procedimento do Governo Portuguez. *Considera-se, de agora em diante, como achando-se em estado de guerra com o Governo de Portugal*.

E' a declaração de guerra — 9 de Março de 1916.

II

A expedição do Ten.-Coronel Alves Roçadas

1914

I — Organização

A 18 d'agosto de 1914 é publicado um Decreto mandando organizar duas expedições ou destacamentos, para ficarem á disposição do Ministro das Colonias, com o fim de guarnecer alguns pontos das fronteiras de Angola e Moçambique. Para comandar o destacamento destinado a Angola, é nomeado o Sr. Coronel Alves Roçadas, o qual, a 20 de Agosto faz expedir para Angola telegramas indicando uma serie de providencias a tomar e inquirindo dos recursos da colonia.

A organização deste destacamento consta da Ordem do Exercito.

Em 9 de Setembro, indicava o comandante da expedição para Angola que o seu primeiro objectivo seria a occupação do Cuanhama e precisava:

- 1) Viveres concentrados na Quihita, Gambos, Cahama, Forte Roçadas e Forte Cuamato;
- 2) Preparação de passagens no Cunene;
- 3) Mobilisação das companhias europeias, e esquadões, bem como, das 14.^a, 15.^a, 16.^a, 17.^a indigenas;

- 4) Reforço de varios postos;
- 5) Construcção duma carreteira.

Julgava o comandante Roçadas ter assim preparado tudo para que, desembarcado em Mossamedes, pudesse logo iniciar as operações.

Na Metropole fez as requisições de viveres para 4 mezes. Redigiu um projecto d'operações tendo como objectivos:

- a) Ocupação do Cuanhama;
- b) Obstar á invasão da colonia pelos Alemães.

A coluna d'operações a organizar em Angola devia ter:

1 Q. G.	2 comp. indigenas de Moçambique;
1 pel. de sapadores;	3 comp. indigenas de Angola;
2 baterias d'art. ^a ;	Serviço de étapes;
2 esquadrões;	Viaturas;
1 bateria de metralhadoras;	Auxiliares.
1 Batallião d'inf. europeia;	
2 comp. europeias d'inf. ^a ;	

Pelas informações colhidas sabia-se que o inimigo tinha no S. O. Alemão uma força instruida de Infantaria montada, Artilharia, Metralhadoras, policia, serviços auxiliares, corpo de camelos, somando tudo uns 16 mil homens.

A 11 de Setembro embarcou o Corpo expedicionario no *Moçambique*, onde se alojam os 1300 homens da Expedição e parte da carga; a maior parte do gado seguira já a bordo do *Cabo Verde*, onde foi muito mal acomodado.

A 12 de Setembro, o *Moçambique* larga de Cascaes; a 19 toca em S. Vicente e a 1 d'outubro chega a Mossamedes e começa o desembarque.

Tratou-se da organização do serviço de informações e do de etapes, aproveitando-se para isto

a linha ferrea até á Chela e d'ali para a frente camions.

A 17 d'outubro o Tenente-Coronel Roçadas chega ao Lubango, assumindo o governo do districto. Nessa mesma noite recebe um telegrama do chefe do Humbe informando que uma missão alemã com o governador de Damara, acampara junto ao Cunene, proximo de Donguena, (em frente e perto do vau de Calueque, a 72 kilometros do Humbe, e 12 de Naulila) e desejava conferenciar com a autoridade portugueza.

E nessa mesma noite, chegou outro telegrama dizendo:

«Caso não venha resposta esta noite ao meu telegrama, sigo de manhã, a conferenciar com os Alemães.»

E o Tenente-Coronel Roçadas, ás 2 horas da manhã faz expedir um telegrama ao Chefe do Humbe para que vá conferenciar com os Alemães e saber a que veem.

Dá-se, então, o incidente de Naulila seguido dias depois pelo de Cuangar; e para comprehensão dos sucessos posteriores convem narrar desde já o que se passou.

2 — 1.º incidente de Naulila

18 de outubro de 1914

Em 15 de outubro de 1914, o Dr. Schulze, administrador de *Outjo* na colonia Alemã (Africa occidental), acampava em Oculucheque ou Calucheque, na margem esquerda do Cunene, em

territorio portuguez, uns 12 kilometros a S. O. do posto de Naulila. Acompanhavam-o, o tenente Losch, o tenente Cuest, 1 sargento, 1 vagmestre, 3 soldados europeus e 10 indigenas, 11 cavalos, 16 muares e 1 carro.

Em 18, o alferes de cavalaria Sereno recebeu ordem do capitão-mór do Cuamato para seguir para Naulila e ir reconhecer aquela gente e conduzi-la ao forte Roçadas. A's 15 horas de 18, o alferes Sereno chega ao acampamento dos Alemães que o informaram de que vinham em perseguição d'um soldado desertor e ali estavam esperando licença do administrador do Humbe para seguir para o Lubango. Sereno observou-lhes que a licença dependia do capitão-mór do Cuamato, pelo que os convidava a acompanharem-no perante ele. Os Alemães accederam, mas como fosse já tarde, decidiram marchar no dia seguinte.

Os Alemães mostraram então ao alferes Sereno um numero do *Seculo* com a noticia da organização de uma expedição para a Africa, extranhando eles que os Portuguezes fossem emprehender operações contra os indigenas naquela epoca do ano.

Como dias antes este alferes tivesse apreendido 11 carros alemães com viveres, persuadiu-se durante a noite que esta gente vinha para os reaver, e esta foi a origem de quanto se seguiu. Em 12, pela manhã, o alferes Sereno pôz-se a caminho de Naulila com o administrador alemão, o veterinario, o tenente, interprete e mais 3 soldados indigenas, e chegou a Naulila ás 9^h. 30 a. m.

Desenfreados os cavalos, Sereno convidou os Alemães a almoçar, antes de proseguir na marcha para a sede da capitania; estando reunidos num

quarto veiu um soldado avisar Sereno, de que os Alemães estavam enfreado os cavalos; Sereno saiu fora, seguido pelos Alemães, que promptamente montaram, e extranhando isto, Sereno lançou a mão ás redeas do cavallo do Administrador; este puxou do coldre uma carabina que armou e Sereno largando a redea gritou pelos soldados. Estes acorreram, dispararam alguns tiros, e o Administrador, o veterinario e o tenente caíram mortos, o interprete foi preso; os outros fugiram.

Eis em resumo, o que se colhe das informações officiais sobre este incidente.

Ha, porem, aqui, uma lacuna: porque mandaram os alemães enfrear os cavalos e se apressaram a montal-os, interrompendo o almoço?

3 — Cuangar

31 de outubro de 1914

Era comandante do Baixo Cubango o tenente Joaquim Ferreira Durão, que se achava no posto de Cuangar, mantendo as melhores relações com o comandante do porto alemão, fronteiro, de Kuring-Kar. A 23 d'agosto soube-se ali do estado de guerra.

A 22 d'outubro, o capitão-mór recebeu informação da neutralidade de Portugal e da declaração do estado de sitio na Provincia. O capitão-mór não admitia a hypothese dos Alemães nos ataquem e attribuia os preparativos que lhe constava elles faziam, a precauções contra os Inglezes: de

resto, combinára ele com o comandante do posto alemão, Ostherman, de se avizarem caso tivessem de se hostilizar.

A 31 d'outubro, ás 4^h. 30 da manhã, foi o posto subitamente atacado por uns 8 a 10 alemães com uma força de policia e muitos indigenas da região.

A guarnição portugueza do forte *«habitava uma sanzala distante do forte, uns 300 metros, e os europeus, á excepção do comandante, viviam em casas espalhadas e mais ou menos distantes do posto.»*

O armamento e as munições estavam em arrecadação dentro do posto.

Ao alarme dado pelo ataque, todos os que dormiam fora correm ao posto, *«mas este estava já occupado pelos Alemães, e com a sua bandeira içada.»*

Colocaram os alemães uma metralhadora á porta do forte, e outra n'um ilheu do rio comandando a sanzala dos soldados indigenas.

O capitão-mór, apenas embrulhado numa manta correu para a fortaleza, e foi morto já perto da guarita da porta do forte: o resto da guarnição fugiu para Caiundo.

A guarnição do posto Alemão, fronteiro, era de 1 official, 4 sargentos, alguns negociantes e 10 policias indigenas.

4 — Em Naulila

Em 31 de Outubro é publicada a ordem mandando organizar as *forças em operações no Sul d'Angola*, com a seguinte composição :

Quartel General;

Engenharia — Secção de telegrafia e sapadores;

Artilharia — 2.^a bateria de montanha Canet, e bateria de montanha Ehrardt;

Cavalaria — 3.^o esquadrão de cavalaria 9; 1.^o esquadrão de Dragões d'Angola;

Infanteria — 3.^o batalhão de infantaria 14; 1.^a companhia europeia d'Angola; 15.^a companhia indigena de Moçambique; 16.^a companhia indigena de Moçambique; 3.^a companhia indigena d'Angola.

Metralhadoras — 2.^a bateria do 1.^o grupo.

Trem de combate, — serviço de étapes; Auxiliares.

Numerava esta força: — officiaes: 113

Praças europeias..... 2155

Praças indigenas..... 1028

Soma... 3296

E mais, auxiliares, e 344 cavalos e 244 muarres.

Alem desta força sobre seu comando directo, organisou o Coronel Roçadas um outro destacamento, cujo comando conferiu ao Major Salgado, com a seguinte composição:

Infanteria — 3.^a companhia do Batalhão de Infantaria 14.

1.^a bateria de metralhadoras.

1.^a bateria Ehrardt.

1.^o esquadrão de dragões.

Roçadas com a columna principal marchou para o Humbe, e o Major Salgado para o Sul.

A 23 de Novembro, o Coronel Roçadas chega ao Forte Roçadas; o Major Salgado chega ao mesmo forte a 17, e destaca uma companhia

para Otchingan, e 2 pelotões de infantaria com a bateria Ehrardt e alguns dragões para reforçar Naulila, onde estava a 16.^a companhia indigena de Moçambique.

Como presumisse que a porção da fronteira sobre a qual incidiria o avanço Alemão seria entre o Cuamato grande e o Cunene, o Coronel Rochadas fixou para o grosso das suas forças a linha de concentração Naulila-Donguena.

Na carreteira Otchinjau-Pacolo, ficaram a 1.^a companhia de infantaria 14 e a 1.^a companhia europeia d'Angola.

Os auxiliares observavam a passagem *Shwartboi-Drift* no Cunene, que dá ingresso áquella linha. O outro feixe de comunicações, — o mais importante, — ficava coberto pela linha Naulila-Donguena. Parte do destacamento, em 20, foi, como dissemos, reforçar a guarnição de Naulila; o resto do destacamento, em 4 de Dezembro seguiu pela margem direita do Cunene, em direcção ao cruzamento da picada de Naulila-Donguena com o rio, e a 7 estava na sua posição.

Assim, em 7 de Dezembro, o dispositivo das nossas forças era o seguinte:

Naulila — bateria Ehrardt; batalhão de metralhadoras; 1.^o esquadrão de dragões; 9.^a companhia de infantaria 14; 16.^a companhia indigena de Moçambique, constituindo o chamado *destacamento de Naulila*, comandado, primeiro, pelo capitão de artilharia Esteves, e depois, pelo capitão Mendes dos Reis.

No cruzamento indicado, e a 10 kilometros do 1.^o estacionamento: 1.^a bateria d'artilharia Canet; 10.^a e 12.^a companhias de infantaria 14; 1.^o es-

quadrão de cavalaria 9 — Comandante o Major Salgado, que tinha, ainda, sob suas ordens, a guarnição de Dongoena, — 1.º pelotão de infantaria 14, 1.º pelotão da 15.ª companhia de Moçambique.

Era o *destacamento Dongoena-Calueque*.

A frente de posição de Naulila foi assim distribuída:

Flanco direito — 12.ª companhia de infantaria 14 (capitão Aristides Cunha).

Centro — bateria Ehrardt (capitão Esteves), apoiada pelo 1.º pelotão da 12.ª; 16.ª indígena de Moçambique; bateria de metrelhadoras.

Flanco esquerdo — 1.º pelotão da 16.ª indígena e 1.º pelotão de infantaria 14.

Reserva — 9.ª companhia de infantaria 14.

No posto o pessoal de saúde e doentes.

O grosso do 1.º esquadrão (3.º pelotão) comandado pelo tenente Aragão observa o vale de Calueque.

Serviço de vigilância e protecção, feito por postos á cossaca e Cuamatos.

A 12 de Dezembro aparece em frente do vale de Calueque uma patrulha alemã; logo o tenente Aragão com 85 cavalos passou o vale ás 8 horas e 15 minutos, a. m. mas é recebido a tiro, retirando para a margem direita com 2 homens feridos, e menos 2 cavalos.

O Coronel Roçadas mandou seguir para Calueque o destacamento do Major Salgado, o pelotão de landins de Dongoena, a 12.ª de infantaria 14, e 1.º pelotão da 9.ª do mesmo Batalhão.

Informado de que para o Sul do Cunene não havia Alemães, o comandante Roçadas manda recolher a Naulila a 11.^a de infantaria 14, que estava na Ediva e Otchinjau, e na manhã de 15, o chefe do E. M. Mario Magalhães reconhece o vale de Calueque, e observa a existencia dum acampamento alemão a juzante do vale e na margem esquerda.

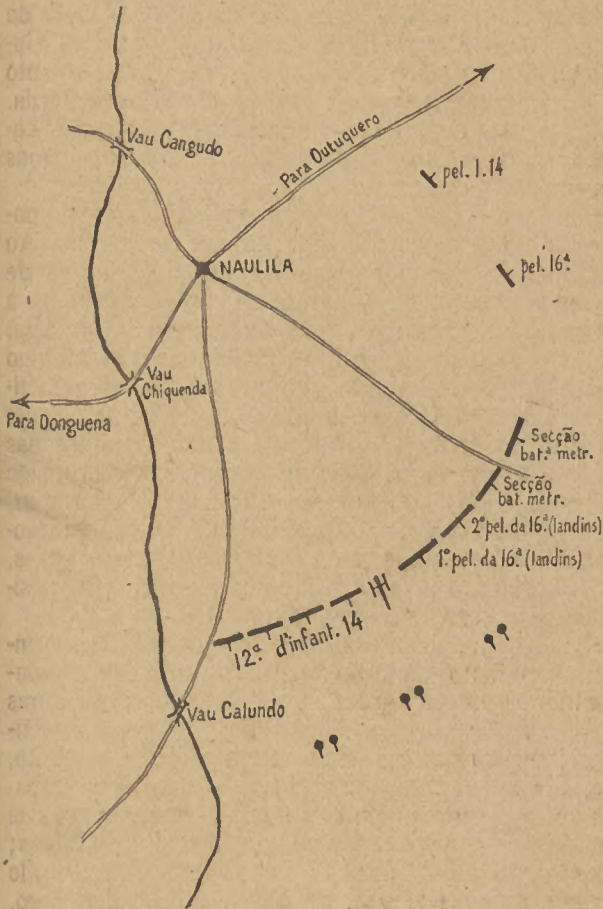
Por um prisioneiro inimigo sabe-se que o comandante Alemão é o Major Frank e tem forças na Unda e no Qualade.

Em 17 corrente estavam-se os alemães movendo para E, talvez na direcção de Naulila. Ao anoitecer o tenente Aragão passou do vau de Muholo, onde se achava, para 4 kilometros a montante, na intenção de desorientar o inimigo.

Em 18, às 5 horas da madrugada o inimigo atacava a nossa esquerda com infantaria e artilharia; as nossas metralhadoras, comandadas pelo tenente Betencourt, respondem com eficacia, mas a nossa infantaria indigena, não aguenta o fogo e mete-se nas trincheiras, disparando para o ar, e sob a pressão do fogo do adversario desmoralisa-se e desorganisa-se. As metralhadoras, muito expostas, teem de recuar para outra posição perdendo uma, inutilizada.

Abrandando o fogo inimigo, Roçadas faz avançar o seu flanco esquerdo para reocupar as trincheiras. Nesta altura haveria 2 metralhadoras fora de combate, e a infantaria indigena já dizimada e abalada pelo fogo do adversario, e, então, novamente recuou, e Roçadas, vendo que era indispensavel fazer qualquer cousa de energico, arrasta os soldados para a frente em lances successivos; mas chegados á orla do mato, o flanco esquerdo tornou a desorganisar-se sob a violencia do fogo, e toda a linha recuou.

Pelas 8 horas, o coronel Roçadas ainda tenta um novo avanço, mas é repellido e forçado a re-



COMBATE DE NAULILA — 18 DE DEZEMBRO DE 1914

tirar e ás 8,45 atravessa o Cunene e segue para a Dongoena.

O combate durára 4 horas e o comandante verificava a pouca solidez das suas tropas, devida, como é habitual entre nós, à *falta de preparação*.

E foi sempre assim: não se cuida do exercito, não se cuida no recrutamento e preparação das tropas coloniaes, e n'um dado momento, quando é precisa uma expedição e já não ha tempo para a preparar, juntam-se os elementos que é possível obter, todos mal preparados, e é com este conjunto heterogeneo que se vae fazer a guerra: emquanto a coisa tem sido só contra pretos, tudo tem ido menos mal, mas agora, em frente d'um inimigo civilisado e de qualidades militares, a derrota era inevitavel.

Emquanto isto se passava em Naulila, a artilharia do destacamento de Calueque bombardeia o acampamento alemão e estes evacua-no; o destacamento do alferes Figueiredo, infantaria 14, é atacado a montante do vale de Calueque, repele os alemães, mas o alferes é morto.

O tenente Aragão, que estava a montante de Nangula, ouviu os primeiros tiros ás 5 a. m. de 18; dirigiu-se com o esquadrão para os lados de Naulila e no caminho topou com uma ordenança transmitindo-lhe ordem do comandante para atacar o acampamento Alemão.

No seu relatorio, este tenente diz para se justificar de não ter cumprido a ordem, que supoz que no acampamento só podia haver forças diminutas, pelo que, assumiu a responsabilidade de seguir para Naulila; foi ao vau Cabelo, dirigindo-se para Oeste, chegou a 1-1200 metros do forte, d'onde, por começarem a passar granadas

e tiros de metralhadora mudou de posição para colocar o pelotão a coberto, mandando uma patrulha estabelecer ligação com o comando: esta patrulha, porem, nunca tornou a aparecer.

Informado por outra patrulha sua, de que a uns 600-700 metros para a sua esquerda estava uma força alemã com 2 peças, decidiu atacal-a com um dos pelotões (16 cavalos) em forrageadores, e o outro sob o comando do alferes Sereno em reserva.

Avançaram sobre as peças inimigas mas ao chegar a uns 80-100 metros delas, notaram a existencia de infantaria para o seu flanco esquerdo, e que o inimigo procurava envolve-los: Aragão ordenou, então, ao alferes Sereno que carregasse, o que este fez, mas, caindo ferido, os cavaleiros dispersaram na direcção de S. E; o outro pelotão, apeou-se e fazendo fogo, foi retirando, até que tornaram a montar, seguindo para Naulila; nesta retirada são feridos, o alferes Andrade e o tenente Aragão, mas conseguem alcançar um *chilongo*, onde se lhes reuniu um clarim e 2 soldados.

Assim findou o combate de Naulila de 18 de Dezembro de 1914, tendo nós as seguintes perdas:

Mortos: 3 officiaes, 54 praças europeias e 12 indigenas;

Feridos: 5 officiaes, 61 praças europeias e 10 indigenas;

Prisioneiros: 3 officiaes e 34 praças;

A's 8.45, a coluna do coronel Roçadas retirou para a Dongoena, atravessando o Cunene no vau Chiquenda, sem ser perseguida pelo inimigo.

A's 15 horas chega á Dongoena. No dia se-

guinte, ás 15 horas estava no Humbe, a 24 na Cahama donde seguiu para Tchipepe e Gambos.

A este tempo, o gentio do Humbe começou a hostilisar-nos.

A 28 d'Abril é dissolvida a coluna e a 9 de Maio embarca para Portugal.

III

A Expedição Massano d'Amorim

1914-1915

O objectivo fixado a esta Expedição, ou *Destacamento*, como foi a designação official que lhe deram, era reforçar a guarnição da Provincia de Moçambique, na hypothese de qualquer ataque Alemão vindo do Norte; submeter o indigena caso este se revoltasse instigado pelo inimigo; cooperar com os nossos aliados Inglezes nas operações que tivessem de executar nas suas colónias, se fosse requisitado o nosso auxilio.

O comando do destacamento ficaria subordinado ao Governo Geral da Provincia, que fixaria os objectivos particulares; e teria nos territorios, em que operasse, atribuições e competencia do governador do districto.

Durante o tempo que este destacamento esteve em Africa houve em Portugal cinco ministerios: Bernardino Machado, Azevedo Coutinho, Pimenta de Castro, Theophilo da Trindade, José de Castro.

O decreto da organização desta Expedição é de 18 d'agosto de 1914; o seu comandante foi o

Coronel Massano d'Amorim; a sua composição foi a seguinte :

Quartel General — 6 officiaes, 20 praças, 14 cavalos;

Serviço de Saude — 2 officiaes medicos, 2 enfermeiros;

Material de Guerra — 1 official;

Administração Militar — 2 officiaes;

Serviço de engenharia — 1 official, 1 praça, 1 cavallo;

Artilharia — 4.^a bateria do Regimento de Montanha — 7 officiaes, 214 praças, 22 cavalos, 82 muares;

Cavalaria — 4.^o esquadrão do 10 — 9 officiaes, 182 praças, 169 cavalos;

Infantaria — 3.^o Batalhão de Infantaria 15 — 20 officiaes, 1019 praças, 21 cavalos;

Tropas da Administração Militar — 24 praças.

Total: 50 officiaes, 77 sargentos, 1400 cabos e soldados, 322 solipedes.

Forneceu-se-lhe material de guerra e outro; viveres para 4 mezes.

Expediu-se ordem ao Governador de Moçambique para adquirir na Africa do Sul gado, carros e viveres; fazer as necessarias instalações na Base de desembarque e abertura de estradas.

Uniforme: o chapéu capacete, (uma desastrada invenção) e o cotim d'algodão, (outro invento não menos desastrado) tudo muito ordinario e de pessima qualidade.

As tropas embarcaram em Lisboa no *Durhan Castle*, que largou a 11 de Setembro de 1914, escoltado pelo *Almirante Reis*; ao mesmo tempo sahia o *Moçambique* com a Expedição do Coronel Alves Roçadas para Angola.

A 18 de Setembro chegou a Cabo Verde; a 30,

a Loanda; a 10 de outubro ao Cabo da Boa Esperança, e a 16 a Lourenço Marques. Era governador da Colonia o general Machado.

As tropas passam do navio inglez para o *Moçambique*.

A apresentação dos homens na cidade foi vergonhosa: a falta de hygiene e de limpeza durante a viagem, por não dispôr o navio de comodidades bastantes; o classico desprezo da gente portugueza por tudo quanto seja aceio e conforto; a falta de preparação para serviços destes; o desinteresse habitual dos graduados pelos seus homens; tudo dava a este destacamento o aspecto de tropas batidas e desmoralizadas.

A 28 d'outubro saem de Lourenço Marques, e a 1 de Novembro chegam a Porto Amelia, onde nada havia preparado para os receber. Os homens desembarcam às cavalitas em pretos e alojam-se em palhotas parcialmente cobertas de zinco: era a epoca das chuvas e a agua penetrava naqueles abrigos empapando o solo que ficava convertido num pantano. O gado patinava e atolava-se no terreno lodacento das chuvas, do estrume e das urinas.

Depois, com bastante trabalho melhorou-se esta instalação; mas de entrada, foi esta a hospitalidade que a Expedição recebeu da Companhia do Nyassa, e do previdente governo de Moçambique. E assim, em pleno seculo xx, com recursos de toda a especie, a expedição de soldados portuguezes era peor recebida em Africa que a Expedição de Francisco Barreto, no seculo xv...

Parece que só então se reconheceu que os homens nada sabiam, e iniciaram-se as escolas de recrutas, etc.

E' assim que neste ano de 1914, apoz mais de

quatro seculos de vida colonial, se organisam expedições para o Ultramar.

Preparação, é coisa que não existe em Portugal: tudo se faz por impulsos, bruscamente, segundo as necessidades de momento, e por isso tudo nos sae torto e desafinado; será o que Deus quizer! O fatalismo musulmano! A experiencia, o saber, a intelligencia para nada servem. Resultado: desastre.

Leia-se a historia da expedição de Francisco Barreto ao Monomotapa; leiam-se as narrativas das Expedições á India, á Africa; leiam-se os Relatorios modernos de Ennes, de Mouzinho, de Roçadas, de outros: é sempre a mesma incuria, a mesma falta de preparação, do que necessariamente resulta que, ou as expedições falham, ou se alguns resultados obteem, é á custa de esforços gigantescos dos que delas fazem parte.

Incontestavelmente, a Campanha de França tem uma importancia muito maior que a da Africa, pelos effectivos nela empregados e pela quantidade dos meios d'acção: mas nela não experimentaram nunca os nossos homens as miserias, as faltas de conforto, a acção desmoralisadora do clima e a sensação de abandono, de incuria e até de caridade que sofreram as tropas que combateram em Africa.

E tudo pela simples falta de *preparação e de previsão*.

A 21 de Novembro, recebia o comandante da expedição um telegrama annunciando que o Congresso autorisára o governo a entrar na guerra ao lado da Inglaterra; e a 28 novo telegrama informando ter a Inglaterra convidado Portugal a entrar activamente na guerra e de ter seguido para Londres uma missão militar.

Desta trapalhada de Ministerios com politicas internacionaes diferentes, resultou o Ministerio Pimenta de Castro ordenar a retirada de 500 homens da Expedição para Lisboa, e dias depois, a revogação dessa ordem pelo ministerio seguinte.

A 15 de Junho, o governador geral, em telegrama, propõe ao comando da Expedição a invasão e occupação do territorio de Kionga, e duma faixa de terreno alem do Rovuma: ao que o Comandante responde que para esse efeito precisaria duma Divisão mobilizada, acrescentando que as varias orientações tomadas em Lisboa o forçam a mudar constantemente de procedimento em Africa. As instruções que de Lisboa trouxe eram para manter a neutralidade e opôr-se á invasão da fronteira; o estado lastimoso das tropas da Companhia do Nyassa, com as quaes contava, obrigara-o a pedir tropas ao Governador Geral, que lhe declarou apenas poder dispor de duas Companhias indigenas. Por este tempo, os Alemães, que ao chegar a nossa expedição tinham deslocado forças para a sua fronteira Sul, deslocaram-as para o N., afim de fazer frente aos Inglezes e Belgas, sendo, portanto, de prever que por enquanto nada tinhamos a recear deles. Mas veiu a ordem de retirada de 500 homens para Lisboa, e depois a contra ordem, e assim passou a epoca propria para operações activas, tendo de se esperar pela seguinte. Necessita pois preparar-se para a nova epoca d'operações e pede que lhe sejam enviadas tropas capazes, com bom comportamento e vigor fisico; alem disso deseja que dêem ordem ao Governador da Colonia para preparar unidades indigenas, mandando o governo os quadros de Portugal; que lhe preencham as baixas que a Expedição já tem; que as tropas

tragam para Africa quanto precisam, bem como o triplo das dotações de fardamento; viveres e forragens para seis mezes; que de Lourenço Marques lhe mandem farinha, café, sal, dezenas de automoveis e chauffeurs, carros de bois, etc.

A 27 de Junho, o Comandante da Expedição telegrafia para Lisboa dizendo ter, apenas, 1200 homens, na sua maioria enfraquecidos pelo clima, e para poder iniciar qualquer offensiva precisa que lhe prehencham as baixas e lhe mandem mais 1 Batalhão de Infantaria, e 1 bateria de montanha.

A 28 de Junho, o Ministro pergunta-lhe de que reforços carece para ocupar Kionga e invadir o territorio Alemão e o Comandante da Expedição insiste no pedido feito a 27, acrescentado de 1 pelotão de sapadores mineiros, 2 navios de guerra, 6 companhias indigenas d'infantaria, enfermeiros, medicos, automoveis e 6 mezes de viveres. Mais pediu, para lhe ficar subordinado o Districto de Moçambique, autorisação para proclamar o estado de sitio e para se entender com o comando inglez; dois subalternos do E. M., aparelhos de telegrafia sem fios, e *orientação definida do governo sobre o objectivo das tropas.*

A 3 de Julho o Ministro diz para o Comandante da Expedição que não pode mandar-lhe 3 baterias de montanha, por ele pedidas, mas mandará 1 de montanha e 2 de campanha. O Comandante responde aceitando, e pede ao Governador Geral para que lhe mande 10 companhias indigenas um mez antes das companhias europeias requisitadas, visto entender necessario colocar aquelas na fronteira, para iniciar a offensiva com as europeias logo que estas chegassem.

Para garantir Muirite e Mataka precisava de prompto de 2 companhias indigenas com viveres

para 6 mezes; pede mais para que se obste a que os jornaes publiquem as intenções do governo, pois dão avizo ao inimigo; que se augmente a reserva de munições a mil cartuchos por praça indigena; que estas venham devidamente uniformisadas; que se lhes melhore o armamento; se criem depositos de carvão em Moçambique e Porto Amelia; se lhe diga com que embarcações pode contar para o desembarque das tropas, material e viveres; que se trate com os Inglezes ácerca das licenças para seguir uma companhia para Mtangula; que o informem da data em que chegarão mais 2 companhias, alem das já mencionadas; que precisa mais outra companhia para reforçar a guarnição de Palma; insiste pela remessa de quadros; que as tropas venham de Lourenço Marques já armadas, e com a artilharia prompta a desembarcar.

A 8 d'agosto renova para Lisboa o pedido de instruções sobre a orientação a seguir.

De 27 de junho a 16 d'agosto não recebe solução alguma de Lisboa aos seus pedidos.

Por fim, o Governador Geral manda-lhe 2 pelotões indigenas para guarnecer Muirite e Mtarica e o comandante da Expedição desloca um destacamento europeu para o norte, afim de abrir caminho até Macimboa e faz abrir algumas estradas.

A 23 d'agosto recebe um telegrama do Ministro annunciando-lhe que vae mandar render a Expedição.

A Companhia do Nyassa nenhum auxilio prestou á Expedição durante todo este tempo; as autoridades da companhia não tinham acção alguma sobre os indigenas, e, por isso, nem carregadores forneciam, e quando alguns mandavam, fugiam na primeira oportunidade.

Assim acabou esta 1.^a expedição a Moçambique, que nada fez pelo eterno motivo: falta d'organisação, falta de preparação, falta de orientação definida, da parte do governo.

E agora, note-se, que o comandante desta expedição era o Director Militar das Colonias, que, portanto, antes de sair de Lisboa podia, melhor do que ninguem, ter preparado tudo, ou então, não partir.

IV

A expedição Moura Mendes

1915-1916

O destacamento de 1915 para Moçambique, que foi render o de 1914, saiu de Lisboa em Outubro de 1915, (1) sob o commando do Major Moura Mendes, que levou como Chefe do Estado Maior o capitão Liberato Pinto.

No mesmo vapor seguiu o novo Governador Geral da Provincia, capitão Alvaro de Castro, que fez um relatório d'esta expedição.

Pouco depois de chegar a Lourenço Marques, o Governador Alvaro de Castro recebia um telegrama de Zomba annunciando a possibilidade dum *raid* alemão na fronteira norte da Provincia de Moçambique por não consentirem as nossas autoridades no contrabando de guerra para a colonia alemã. O Governador pede, então, para Lisboa, quo o habilitem a orientar a politica externa:

«Convem não perder tempo, diz ele, que pode conduzir-nos á mesma situação que Angola».

E' difficil de perceber como tendo o Governador

(1) A declaração official do estado de guerra é de 19 de Maio de 1915.

dor saído de Lisboa depois da série de incidentes que descrevemos no Capitulo I, não tivesse recebido instruções bastantes para o caso de guerra que se previa fatal.

Simultaneamente, pedia informações ao comandante da expedição sobre a situação das nossas tropas na fronteira, possibilidades de defeza, noticias sobre o Nyassa alemão.

A 11 de Novembro de 1915, o Governo do Transvaal decide-se pela mobilisação de 10:000 homens, com 20:000 auxiliares indigenas para a conquista da Africa Oriental Alemã. Alvaro de Castro comunicou para Lisboa esta resolução e aconselha a que se oriente a politica no sentido da co-participação na conquista da Africa Alemã, *ou operar sem acordo, quando os inglezes estiverem combatendo os alemães*, garantindo a situação futura da Provincia, e podendo dahi resultar-nos vantagens internacionaes incalculaveis; «outro caminho será conservar a defensiva. Esta attitude, porem, considero-a sem vantagens e perigosa. Em qualquer das hypotheses, porem, preciso reforços, isto é, não considero sufficiente a expedição.»

E para o comandante desta diz: «Careço informação da situação das forças; urgente estabelecer primeiro um plano de méra defensiva, caso invasão dos alemães no nosso territorio, voluntaria ou forçados pelos inglezes; indicar quaes os reforços a pedir á Metropole»; e insiste por saber qual «a distribuição geografica das tropas».

A 17 de Dezembro, o comandante da expedição responde que não pode ainda informal-o, por lhe não ter deixado o comandante da expedição anterior senão alguns apontamentos em pedaços de papel, sem referencias a datas nem proceden-

cia: «sua leitura inutil, e de enlouquecer». Contudo, a 19 de Janeiro presta algumas informações sobre a distribuição das forças: Na fronteira, desde o rio Lujenda até Palma uma linha de postos: 1) Destacamento expedicionario, em Porto Amelia; 2) Comandos militares de Palma e Moçimboa de Rovuma, com 2 companhias indigenas; 3) 100 praças do corpo de policia.

A' declaração de guerra, prosegue Alvaro de Castro, «o comandante da expedição nada me dissera ainda sobre a situação militar da fronteira, sobre o plano a adoptar em qualquer caso superviniente, ou sobre os reforços necessarios. Quanto ás requisições feitas pela expedição, foram de Lisboa satisfeitas as que se referiam a pessoal, excepto as de engenharia, tendo chegado a Moçambique em Março, pelo *Portugal*; o resto recusa-se o Ministerio da Guerra a fornecer, por ser preciso para a Divisão de Instrução.

A 1 de Março recebe o Governador, de Lisboa, o seguinte telegrama:

«Sendo provavel Governo resolver breve tomada de Kionga, peço V. informar que recursos militares julga indispensaveis, alem dos já ahi existentes; effectivo força alemã a que julga teremos de fazer frente, e effectivo e situação das forças inglezas mais proximas...»

Como vemos, estando nós a organizar e enviar expedições para a Africa desde 1914, ainda agora, em 1916, o Ministerio anda ás apalpadelas a perguntar pela situação do inimigo e dos recursos militares, de que precisamos, e da situação das forças inglezas aliadas!

Continua o Governador: «E' bastante dificil dar uma ideia exacta do que então se passou: o Ministro insistia por informações que o habilitas-

sem a tomar uma solução; eu, quasi totalmente desprovido de informações concretas em que podesse assentar uma ideia segura, pedi-as immediatamente ao comandante da expedição; o comandante da expedição, apesar de já em 20 de Janeiro se dizer estar habilitado a vir aqui expor os seus estudos, só me dava informações vagas, imprecisas ou contraditorias que, longe de resolverem a situação, a complicam mais».

Os telegramas vindos do Ministerio, diziam: 1 de Março — «Recebemos protesto da Alemanha contra requisição de navios... Possível ruptura de relações ou beligerancia. Convem estudar situação norte da Provincia para defeza ou ataque combinado com a União».

E' curioso que Ministerio, tendo mandado em 1914 a 1.^a expedição a Moçambique, «no proposito declarado de fazer frente a qualquer ataque alemão vindo do norte», isto é, na previsão de guerra, venha em 1916 recomendar «o estudo da situação do norte da Provincia para defeza ou ataque!...»

Então esse estudo não estava ainda feito? E não tendo o Ministerio das Colonias recebido quaesquer informações a esse respeito durante dois anos, nunca fez a menor observação nesse sentido, e muito pachorrentamente em 1 de Março, lembra «que se faça o estudo etc.!

E' de pasmar!

N'um telegrama de 9 de Março diz: «Hoje, 9 de Março ás 18 horas, foi declarada a guerra entre a Alemanha e Portugal».

E a 13 do mesmo mez: «Indispensavel assegurar defeza da Colonia, impedindo *raids* nosso territorio. Governo resolveu tomar Kionga maior brevidade possível, e preparar-nos desde já para

invadir e occupar territorio ao norte do Rovuma accordo força ingleza... Peço V. Ex.^a estudar assunto operação norte do Rovuma, e informar urgencia efectivos e outros elementos que é indispensavel enviar da Metropole».

Estamos vendo a desordem, a confusão do Ministerio das Colonias: O eterno systema de protelar a solução dos problemas com perguntas, com conselhos, com opiniões, com divagações, tudo para nada resolver; porque resolver, tomar uma decisão pensada, reflectida e oportuna, é cousa impossivel para aquele Ministerio. Todas as nossas expedições militares são mal organisadas; são feitas por impulsos, aos saltos, sem methodo nem previsão, seguindo-se atabalhoadamente a opinião deste ou daquele, e por isso, ou falham, ou dão um trabalho herculeo aos que tem de as dirigir na colonia.

A desordem, o desconnexo disto tudo é então evidente no facto do Ministerio tratar com o Governador, em vez de tratar com o comandante da expedição os assumptos que diziam respeito a esta. A confusão, que disto tinha necessariamente de resultar, é obvia. E' esta a causa primordial de indisciplina, de desordem, de confusão que levam as expedições a falhar, e convenceram os inglezes da inutilidade e, peor ainda, da nocividade da nossa acção, e por isso, a relegarem-nos para um campo d'acção secundario, limitando-se a desejar que guarnecessemos a fronteira norte da Provincia para obstar a que os alemães, por eles accossados, viessem refugiar-se na nossa Colonia. Pois nem isso soubemos fazer; e não admira, dadas as circumstancias que orientaram o plano politico do Governo e a organização defeituosa, desgraçada, das expedições. Mas vamos adeante.

A's perguntas do governo de Lisboa, o Governador da Provincia, que se arrogára a direcção da guerra, não soube responder; e não soube responder porque queria *dirigir a guerra*, mas não sabia ou não podia preparar essa direcção, e, assim, telegrafa por sua vez para o comandante da expedição em Porto Amelia, pedindo-lhe as informações necessarias para responder ao Governo. Bastava isto para o Governador perceber que não estava em condições de assumir comando, e, portanto, desistir de quaesquer veleidades de fazer de comandante em chefe, e deixar a conducta das operações inteiramente nas mãos do comandante da expedição, que era o tecnico competente, e como tal reconhecido pelo Governo que lhe entregara o comando.

Assim, o Governador pede ao comandante da expedição que o habilite a responder ao Ministro, e, — parece brincadeira de creanças, — terminava o telegrama dizendo: — «guardar absoluta reserva!...»

E, convencido do seu papel, diz para o comandante da expedição, em telegrama de 10 de março: «*Ordeno V. Ex.^a* peça directa e telegraficamente Lisboa pedidos necessarios mobilisação de forças actuaes e reforço necessario plano de offensiva. Comunique telegraficamente este governo pedidos Lisboa, para este governo apoiar e estudar forma aquisição material e animal na União, caso se torne necessario».

Assim, o Governador começa por *ordeno a V*, forma rude e impropria para se dirigir a um comando superior, e que alem de inconveniente e inadmissivel, demonstra a maior ignorancia de necessidade de cortezia entre autoridades, o que aliena sempre as boas vontades, e esboça confli-

tos ou, pelo menos, resistencia; e confessa que a esta hora — 10 de março — estava ainda a estudar a forma de aquisição do material e animal na União, «*caso se torne necessario*». O que quer dizer, que, considerando-se o Governador comandante em chefe, ainda agora é que vae estudar a maneira de adquirir o animal e o material!

Já é andar com pressa; e ainda tem duvidas se o material será necessario!

Parece, porem, (e é natural e comprehensivel), que o commando da expedição recebia contra-riado esta imposição d'authoridade e ingerencia em funcções da sua exclusiva responsabilidade; mas com a fraqueza tradicional dos nossos comandos, procurando evitar um conflito aberto, o comandante da expedição fugia a complicações pessoaes não lhe respondendo; pelo que, o Governador, a 12 de março, lhe dizia: «...urgente V. Ex.^a fornecer-me elementos para responder Ministro;» e lamenta não lhe terem sido fornecidos ha mais tempo.

Como se vê, desordem, desorganisação, confusão e, portanto, mau serviço e prejuizo para os interesses do paiz.

Da expedição perguntam ao Governador — 13 de março — «*quaes as forças da Provincia que no caso de necessidade, poderia, (o Governador) pôr á disposição deste destacamento*».

E, em 14 perguntava quando poderia o *Luabo* voltar ao serviço de expedição em Porto Amelia, visto ser ali preciso; e quando virão os 2 pelotões que foram organisados; e que trez casas commerciaes de Kionga já não tinham cousa alguma para vender; e que para a passagem do Rovuma eram precisos barcos; e que a estrada Palma-Lindé, por Kionga, era difficil...

O desconexo da redacção deste telegrama, e a multiplicidade de assumptos de que trata em meia duzia de palavras, tambem não abonam o criterio do commando: parece telegrama redigido por quem não faz ideia alguma da gravidade da situação.

A 15 de março, outro telegrama infantil do comandante da Expedição para o Governador: diz ele, que, para bem estabelecer a linha de defeza, era necessario apoderar-nos do territorio de Kionga: «assim, Rovuma fica fôssô d'agua difficil de atravessar, mesmo em barco».

E' adoravel! Como linguagem militar, é um modêlo, e como descripção um encanto: o Rovuma que «fica fosso d'agua» é um achado.

São estas e outras barbaridades militares, que até certo ponto justificam a interferencia do Governador nos assumptos da exclusiva competencia do comandante da expedição. E o telegrama do comandante prosegue, ainda, pedindo duas companhias de Moçambique, «muito bem armadas, equipadas e municadas», bem como, oito 2.^{os} sargentos, dez 1.^{os} cabos, um subalerno, um medico e dois enfermeiros.

Nestas requisições, feitas aos bocados, á medida que as cousas acodem á lembrança, vê-se a falta de competencia do comando; não ha ali quem saiba preparar uma expedição; ou, então, proposito de encravar o Governador.

Desta troca de impressões resulta declarar-se o Governador impossibilitado *de organizar um plano*. Mas quem era, então, o comandante da expedição? Não tinha sido já fixado a esse comandante o objectivo politico da expedição? Que tinha pois o Governador de se ingerir na organização do plano das operações, plano essencial-

mente militar, portanto tecnico, e exclusivamente de competencia do comandante da expedição? Quem ia executar o plano? Era o Governador? Então que assumisse ele o comando da expedição. Era o comandante? Então deixassem-o em liberdade por isso que só sobre ele carregava a responsabilidade das operações.

Se tanto insistimos neste ponto, é pela necessidade de chamar a atenção do Paiz para um facto que tanta vez o tem prejudicado: o da confusão de attribuições e poderes e do prurido de certas autoridades civis de se ingerirem nas cousas militares; toda a gente se julga com competencia para commandar e mandar: toda a gente se supõe com capacidade para ser general comandante ou chefe.

Já lá diz o velho rifão: — A ignorancia é muito atrevida!

E no caso d'um formidavel desastre, contra quem se voltariam todos? Claro é que contra o comandante da expedição.

Diz o Governador: «Estamos em beligerancia com a Alemanha, depois de ano e meio, sem que a nossa situação na guerra estivesse tanto em fóco, e não fazia sentido que depois disso nos ficassemos mudos e quedos, dando a impressão de que as nossas palavras não correspondiam realmente ao que queriamos, e ao que sentíamos, principalmente tendo forças junto da fronteira d'uma colonia inimiga já invadida por forças aliadas, e tendo na conta corrente da guerra acontecimentos como os de Cuangar, Naulila e Maziua».

Não ha duvida que tem razão: mas como seria possível executar, já não quero a invasão e occupação da colonia inimiga, mas até, apenas, a de

uma pequena porção de territorio, com uma expedição mal organizada, formada por elementos heterogeneos, sem instrucção solida, sem disciplina, sem vontade de vencer?

Como queria o governo que se conquistasse e ocupasse uma colonia com recursos defensivos importantes, com uma grande população branca guerreira e patriota e tão bem organizada que deu bem que fazer ás forças de muitos milhares de homens, Inglezes, Belgas e Portuguezes?

E com que meios? Com uma expedição bisonha, sem preparação, sem instrucção, sem material, sem viveres, sem solidez?

O Governador da Provincia quiz dirigir as operações; é o que se deprehende do que nos diz: «Levado por estas considerações, e sentindo, pois, a absoluta necessidade de passar ao Ministerio quaesquer elementos que podessem oriental-o para uma solução, eu ia expondo ideias d'um character mais politico que militar, que me pareciam obvias, até que, por falta absoluta de informações da expedição, *me resolvi a entrar num campo mais concreto*, não, todavia, sem frizar que eram necessarios dados seguros, e opiniões autorisadas para, por assim dizer, darem vida e movimento ao esqueleto que eu apresentava».

Definida está, pois, a orientação do Governador: Pedir ao comandante da expedição informações e opiniões e com isso armar o esqueleto que o comandante havia de roer. . . Ora isto, evidentemente, não é serio. Não se tratava d'uma brincadeira de rapazes a jogar aos soldados; tratava-se da honra e da vida da Nação, e, portanto, se o Governador entendia que o comandante da expedição não era competente para o coman-

do, e ele, Governador, sentia possuir as qualidades e conhecimentos necessarios, só uma cousa tinha a fazer, assumir ele o comando: mas isto, clara e francamente, e não se colocar por detraz do comando, o que podia fazer crer, que tencionava coroar-se com os louros da vitoria, caso vencessemos, ou atirar com as responsabilidades para cima do comandante, caso fossemos vencidos. A isto não ha que fugir: era a situação.

O que era impossivel era o exercicio efectivo do comando da expedição estar sendo solicitado pelo seu comandante natural, pelo Governador, e, ainda, pelo nosso Aliado; e deste conflito de forças resultou acentuar-se a indisciplina e desorganização, fazendo crer aos aliados que a nossa gente era insubmissa, impossivel e de valor militar quasi nulo.

Este foi o resultado das lutas travadas por causa *do penacho*, seja-me permitido o plebeismo.

Proseguindo: A 2 de março escrevia o Governador para Lisboa: «Julgo devermos tomar a ofensiva nesta Provincia, unica solução que nos dará vantagens na situação actual quer politica internacional, quer colonial; esta attitude, deprimente e perigosa para nosso futuro nacional colonial. Plano ofensivo exige forte reforço expedição breve praso para podermos cooperar com Inglaterra e União. *Entendo devemos operar sobre colonia alemã nossa fronteira, somente nossas forças, embora eombinado movimento forças inglezas operando outras posições.* Urgente aceitar adjunto militar inglez junto nossas forças, e conseguir nomeação de adjunto militar portuguez junto forças inglezas em operações. . . Mesmo caso méra defeza, que desaprovo, urgente

completar actual destacamento com elementos já pedidos...»

Muito bem; e efectivamente, a *politica* a adoptar foi a de operarmos *sobre a colonia alemã na nossa fronteira e somente com as nossas forças*; mas para realizar tal politica era necessario que tivéssemos na Africa oriental as forças precisas para a execução desse plano, forças *bem organisadas, bem preparadas, e tendo á sua frente um comandante dotado do indispensavel espirito ofensivo, e que ás suas tropas soubesse inocular esse mesmo espirito.*

Em vez d'isto, porem, o que fizemos? Uma defeza passiva, pura e simples, e pelas razões que acabamos de apontar. Para o objectivo em vista era necessario, pelo menos, uma Divisão completa, já o afirmára o comandante da expedição anterior, que por perceber bem isso, nada fizera.

Mas prosigamos.

A 12 de Março, o Governador diz para Lisboa ter ordenado ao comandante da expedição, «para preparar a occupação de Kionga, executando-a logo que eu mande.»

Continuava o prurido do mando.

A 15 de Março de 1916, explica para o Ministro as suas ideias:

«A nossa acção contra a colonia alemã tem como objectivo politico obter uma situação internacional que nos dê um logar de destaque ao lado das Nações que lutam contra a Alemanha... obtendo vantagens territoriaes pelo nosso unico esforço. Nestes termos, o nosso objectivo geografico está indicado, devendo ser a parte Sul da colonia alemã, sendo o nosso objectivo militar o mesmo que o dos Ingleses, — que vem a ser, bater o exercito alemão que opera na colonia.»

Ha aqui, evidentemente, uma grande confusão desdobrando um unico objectivo em trez, sem que se comprehenda para que nem porquê; e mais se acentua essa confusão, quando a seguir define o objectivo militar: — «ocupação de Kionga.»

Assim no dizer do Governador temos agora 4 objectivos:

1) — *Objectivo politico* — Obter uma situação internacional que nos dê um lugar de destaque ao lado das outras Nações;

2) — *Objectivo geografico* — a parte sul da colonia Alemã;

3) — *Objectivo militar* — o mesmo que o dos Inglezes, — bater o Alemão;

4) — *Objectivo immediato* — ocupação de Kionga, «o que terá o character d'um reconhecimento ofensivo; concentração e ocupação de Mikindani e Lindi,» — e, depois, ainda, «fazer o reconhecimento para o interior com fortes colunas, sempre apoiado no mar, com base em Mikindani ou Lindi; simultaneamente, cooperar com as forças inglezas do norte da Rhodesia e Nyassa Inglez. Para este efeito, procuraríamos com fortes destacamentos atingir Songêa, combinando os nossos movimentos com as forças inglezas já referidas, e procuraríamos fazer a junccão, o mais proximo de Tabora. Este movimento combinar-se-hia com progressos feitos de Lindi e Mikindani, ou Kionga para o interior da colonia alemã. As operações contra Mikindani e Lindi deviam ser em epocas proximas das operações contra Songêa, para não permitir aos Alemães deslocar forças. Em resumo, concluia ele: Considero na campanha trez fases: ocupação de Kionga, urgentissima, indispensavel; ocupação do territorio ao N. do Rovuma, — não decisiva, mas importante; ataque decisivo com

forças importantes contra o nucleo principal Alemão de Tabora, por uma operação combinada com os Inglezes, fazendo junção ao N. de Songêa.

E proseguia: Quanto á 1.^a fase, suficientes os actuaes recursos, — destacamento expedicionario, e provincia; quanto á 2.^a fase, não possuia elementos para fixar efectivos; quanto á 3.^a fase, pediu elementos ao Comandante da expedição, mas é evidente que será necessario forte contingente vindo da Metropole, cuja importancia e efectivos poderá ser calculado por informações colhidas aqui e ahi, sobre os efectivos alemães e sobre a importancia das operações a realizar. Todas as operações devem ser feitas n'um prazo relativamente curto para chegarmos a tempo.»

— D'arromba! E' d'arromba todo este plano, e toda esta prosa!

Era um momento: 1.^o golpe, Kionga e logo a seguir, ahi vamos n'um galope a Mikindani e Lindi, donde os Alemães fogem apenas no horizonte do lado do mar apareça a chaminé fumegante do *Pebane*, e do lado da terra, por entre os coqueiros, surjam os impagaveis capacetes de feltro amolgados e os calções rotos da nossa Infantaria alimentada a latas do soberbo *rancho confeccionado*.

2.^o golpe: Guarnecidas Kionga, Lindi, Mikindani, a Expedição de escassas mil espingardas ficaria reduzida a quanto? Não importa! Com essa sobra logo constituiriámos *fortes colunas* para reconhecer o interior, colunas que deixariam á retaguarda destacamentos que as ligassem ao mar, á sua base de Mikindani ou Lindi!

E, ainda daquelas mesmas mil espingardas sairiam as forças que iriam cooperar com os Inglezes

do Norte da Rhodesia e do Nyassa Inglez; dali sahiriam os fortes destacamentos que iriam atingir *Songea*, (a mais de 400 milhas da costa!), e, ainda, iriamos até Tabora fazer a junccão com os Inglezes!

Fantastico! O que pode produzir a imaginaçãõ dum homem, mesmo de certa cultura, quando se mete a tratar e discutir assumptos que completamente ignora!

E quando nas altas regiões do poder se sonhava assim, como poderiam esperar-se resultados praticos e positivos das expedições?

E o Governador, levado n'este sonho de conquista, expedia ordem do seu gabinete de Lourenço Marques para o comando da expedição:

«Prepare já tomada Kionga, para iniciar logo que este governo determine.... prevendo, depois, continuação occupaçãõ territorio norte do Rovuma, — Mikindani, Lindi, deve V. Ex.^a responder ás seguintes perguntas:

— Qual o efectivo das forças inimigas que supõe occupam a região Mikindani-Lindi?

— Julga sufficiente coluna, paraprehender avanço para norte?

— Caso negativo, de que elementos precisa?

— Pede informações sobre a região de Songêa e das forças que a occupam.

Ora, tendo o comando da expedição durante todo este tempo estado subordinado ao Governador, portanto, n'uma posição subalterna, e encafuado em Palma, isolado, e portanto n'uma situação moral deprimente, como queria o Governador, que traçava no seu gabinete de Lourenço Marques os grandes planos de operações e com um grande Q. G. á sua disposiçãõ, e portanto devia já ter todas as informações que pedia, como

queria ele que o Comandante da expedição lhe respondesse?

Naturalmente, respondia-lhe com a grande continencia que usavam os irmãos de S. Francisco, e escrevia para Lisboa dizendo ser pessimo o estado sanitario da Expedição, repetindo o pedido de reforços, e acrescentando que na hypothese de ter que tomar a offensiva, «convem que os Ingleses tomem Lindi e Mikindani (1), e se a nossa Expedição fôr sobre Tabora, preciso que de Lisboa venha 1 Batalhão de infantaria, 1 bateria de campanha de 75.»

Contentava-se com pouco: que ideia fazia tambem este comandante do que seria uma marcha sobre Tabora e da sua conquista? Veja-se o esforço que os Belgas tiveram de fazer para a conquistar.

Mas o Governador apressava-se a telegrafar para Lisboa, discordando da maneira de ver do comandante da Expedição, apesar deste lhe mandar dizer, a 15 de março de 1916:

«Não choveu muito; estado sanitario das tropas pessimo, estando a expedição reduzida a metade; para hypothese *defensiva* preciso da vinda pelo primeiro vapor do pessoal já requisitado, e mais 6 officiaes, 10 sargentos, 2 companhias armadas e equipadas, e 1 bateria de metralhadoras: com isto, tomaria Kionga, mantendo-se a expedição por detraz do Rovuma.

Na hypothese *offensiva*, «muito conveniente os inglezes tomarem Lindi e Mikindani; e para dirigir a nossa coluna sobre Tabora precisaria de

(1) Este, por si, cedia generosamente aos Ingleses, os dois portos Alemães...

mais 1 batalhão d'infanteria e 1 bateria de 75. E; pede mais telegrafistas, subalternos para o O. G., subalternos para o comboio e medicos.

E o Governador telegrafia tambem para Lisboa:

«Este telegrama está em desacordo com outro do mesmo comandante da expedição... Vou procurar esclarecer situação... Discordo nova realisação hypothese ofensiva comandante da expedição, mantenho meu ponto de vista...»

Este ponto de vista era, como dissemos: occupação de Mikindani e Lindi partindo de Kionga; reconhecimento para o interior com base em Mikindani e Lindi; cooperação com forças inglezas do norte da Rhodezia e Nyassa; com fortes destacamentos atingir Songêa; reunir aos inglezes perto de Tabora: *simultaneamente*, penetração da colonia alemã partindo de Lindi e Mikindani ou Kionga. Operações sobre Lindi e Mikindani simultaneas com a de Songêa para não permitir aos alemães deslocação de forças. Para a execução do outro plano, eram suficientes as forças já em tempo indicadas... «Alem do que, julgo essencial nossa intervenção para garantir esta Provincia contra politica absorvente da União; depois de tão claro e importante oferecimento seria desgraçada nossa situação se nada fizemos, o que depende do tempo, que é o principal factor actualmente, pois calcula-se que Smuts conquistará a colonia alemã dentro de trez mezes (1), o que exige maxima rapidez nossa intervenção».

A 17 diz o Governador para o comandante da expedição: «Indispensavel reunir n'uma só requi-

(1) Boa previsão, sim senhor!

sição e duma vez todas as suas requisições até hoje feitas conforme as seguintes perguntas:

a) Ocupação de Kionga; defensiva do Rovuma, pessoal, animaes, viveres precisos;

b) Para ofensiva, sentido indicado telegrama 318, mesma especificação;

c) Não concorda com o ponto de vista ofensiva do comandante da expedição e julga suficiente as forças pedidas.

A 18, o comandante da expedição responde considerando essencial a tomada de Kionga, para melhor organização defensiva do Rovuma; espera pela chegada do *Luabo* para o fazer; espera, tambem, a chegada das forças indigenas pedidas ao Governador, e que com elas e parte da expedição tomará Kionga e garantirá a defeza de toda a fronteira. Que emquanto espera que o Ministro das Colonias decida se deseja a ofensiva ou a defensiva, irá preparando o resto do destacamento afim de ter tudo prompto no momento da chegada dos reforços, afim de entrar em operações logo que o Governador determine!...

O que ele não queria era, realmente, dar um passo para a frente, pois que posto fosse irrealizavel o grande plano traçado pelo Governador, era, comtudo possivel e até certo ponto facil fazer-se alguma cousa, como a ocupação de Kionga, que depois se fez sem disparar um tiro, e a ocupação efectiva duma facha de terreno ao longo da costa, ou ao longo do Rovuma.

Este procedimento do comandante da expedição justifica, em parte, a intervenção do Governador na marcha das operações; e verdade, verdade, se aquele Governador tivesse melhor preparação militar e um estado maior habil, alguma cousa podia ter feito, pois boa vontade

não lhe faltava. Mas isto de comandar, não é tão facil como muita gente pensa.

A 18 de Março, o comandante da expedição informa que o *Luabo* levou as forças para Palma; e a 26 comunica ao Governador, que a nossa espionagem informa estarem-se os alemães preparando para passar o Rovuma e acrescenta:

— Estamos preparados.

E, o Governador, no mesmo dia:

— Julgo indispensavel ocupar Kionga para facilitar defeza.

E dizia bem: Já mesmo devia estar ocupada por nós.

A 30 de Março o Governo da Metropole resolve-se a enviar os reforços pedidos:

«Julgando conveniente ao interesse nacional e nossa propria defeza invadir e ocupar a colonia alemã ate ao Rufiji, sem prejuizo de ulterior cooperação com os inglezes ao norte do Lago Nyassa. Pensamos convidar coronel Rozado para comandar expedição se V. Ex.^a concordar. Forças partirão na segunda quinzena d'Abril, *mas nossa ação militar deve ser imediata...*»

Assim, Governador e Ministerio concordaram na ofensiva imediata, com as forças que havia em Africa, e a 30 de Março de 1916, telegrafa aquele, para o comandante da expedição.

Transmite o telegrama do Ministerio e acrescenta ter pedido para Lisboa (1), 3 batalhões de infantaria, 4 baterias de metralhadoras, 1 bateria de montanha, 2 baterias de campanha, 1 companhia de sapadores, 8 grupos de 2 peças, re-

(1) Então o general Rozado, convidado para o comando da expedição, não sabia pedir em Lisboa o que precisava?

forços para os diferentes serviços, carros, gado, etc.

«Em vista desta orientação, deve ocupar Kionga immediatamente, *podendo* empenhar toda a força do destacamento expedicionario, caso careça, visto ser esse o objectivo actual do destacamento». Mandar-lhe-ha uma força da Guarda Republicana, e uma bateria mixta de artilheria, afim de tornar possível a efectivação de reconhecimentos offensivos na direcção de Lindi, e pergunta se julga ter já forças suficientes para avançar sobre aquela povoação e sobre Mikindani; se precisa mais, pode ainda mandar-lhe mais 500 europeus e 500 indigenas. E, para melhor se informar, manda um ajudante que regressa com um relatorio do chefe do estado maior da expedição, pelo qual o Governador verifica não dispor o comando de forças suficientes para a missão que lhe incumbira (1); então, o Governador manda-lhe ordem para se manter na defensiva, mas que tome Kionga, para o que lhe ia mandar na segunda quinzena de Abril, 200 cavaleiros e 100 infantes europeus da C. R., 200 indigenas, mais uma bateria com 6 peças, 104 europeus e 90 indigenas.

A 16 d'Abril, já depois de ocupada Kionga, diz o comandante da expedição para o Governador:

«Agora, ocupada Kionga, é de urgente necessidade o *Luabo* vir para o norte para continuar as operações».

E a 24, um novo telegrama, diz:

«Peço V. adquirir urgentemente na Africa do Sul, bateria de tiro rapido e 16 metralhadoras...»

(1) Não teria sido melhor ter começado por aqui?

Resposta do Governador :

«Impossível obter na Africa do Sul metralhadoras e baterias de tiro rapido».

E o comandante, no mesmo dia, insiste por mais metralhadoras e companhias indigenas.

Assim, á insistencia e impulsão do Governador para que a expedição fizesse alguma cousa, o comandante resistia, opondo sempre a exigencia de mais forças. Era absurdo. Não teria ele gente bastante para executar o largo plano, primitivo, do Governador, para se apoderar do territorio até ao Rufiji e tomar Tabora, mas podia muito bem e muito facilmente ter feito muito mais do que fez : podia ter occupado Mikindani, Lindi e Massassi, assegurando assim a passagem da fronteira norte da Provincia, do Rovuma para o Lukuledi, e guarnecer o alto Rovuma por forma a não permitir *raids* como os de Van Lettow, que constituíram para nós um desastre e um grande vexame.

A 15 e 18 de Maio saiam de Lourenço Marques os reforços que o Governador acompanhou, para fazer uma ideia nitida da situação.

Ao fechar esta exposição, que temos acompanhado, o Governador, comprehendendo, intelligente como é, que exorbitou das suas funções e querendo justificar-se, diz :

«Elaborando planos de operações e determinando as missões a realisar para o seu cumprimento, eu não cometi qualquer invasão de atribuições, competencias ou profissões. Fui completamente ao encontro d'uma necessidade imperiosa creada pela demora injustificada e injustificavel que os organismos tecnicos puzeram em cumprir a sua missão. O destacamento expedicionario de 1915 não estudou a situação militar

da fronteira; não preparou a resposta a qualquer eventualidade que surgisse; a declaração de guerra encontrou-o inteiramente desprevenido na sua missão. Depois da beligerancia declarada, os seus trabalhos de preparação das operações não corresponderam pela qualidade nem pela rapidez ao que as circunstâncias exigiam. Taes são as razões do aparecimento das minhas ideias e da sua apresentação, como plano geral de operações; enquanto não tive elementos concretos, porque a expedição os não fornecia, limitei-me a considerações de ordem geral; logo que me encontrei na posse de elementos precisos, procurei harmonisar com eles o que expuzera, indicando sempre os pontos d'onde os colhesse, e aconselhando outros, facilitando sempre, por minha iniciativa, ou satisfazendo pedidos, a execução das decisões tomadas... »

Ocupação de Kionga

Deixámos para capitulo especial esta operação, para evitar confusões.

A 4 d'Abril de 1916 dizia o comandante da expedição para o Governador :

«Columna meu comando, composta de 1 pelotão de cavalaria, 3 companhias de indigenas d'infanteria, 3 europeias, 1 bateria ^m/82, 1 bateria metralhadoras, tropas de sapadores e telegrafia, com necessario serviço saude e trem, marchará sobre territorio Kionga, que ocupará, fazendo, depois, reconhecimento ofensivo direcção Mikindani, Lindi, tentando fixar-se nestes pontos. ... »

E em 10 d'Abril :

«Com imensa alegria de portuguez e patriota,

comunico a V. Ex.^a occupação de Kionga tropas columna operações meu comando, hoje 10, pelas 11^h e 30^m»

E em 17 d'Abril:

«Já marchei para Kionga. Major fica organisando resto da columna em Porto Amelia».

E uma carta do major do 21, Portugal da Silveira, datada de Palma 10 de Maio, diz:

«Como sabe, foi tomada Kionga por uma columna.

Esta columna era comandada por mim, e compunha-se de quasi 400 praças. A columna foi por mim organisada, fui eu que a dirigi, e fui eu que tomei Kionga, mas tudo isso se ocultou para Lisboa...»

Em summa, a *occupação de Kionga fez-se com a maior facilidade, pois os alemães a tinham abandonado.*

Apoz esta occupação, montaram-se 5 postos ao longo do Rovuma: Nhica, Nachimamoca, Namoto, Namiranga e Namaca. Na antiga fronteira continuaram os antigos postos de Pundanhar, Nangadi, Mocimboa do Rovuma, Matiú, Negomano, Unde, Masiúa, Macaloji, Matomone e Chivinde, já no Lago Nyassa.

A 20 d'Abril diz o comandante da expedição:

«Fronteira dividida em duas zonas: a) Kionga-Negomano; b) Negomano-Chivinde.

Ficam assim:

ZONAS	SECTOR	GUARNIÇÃO								
Kionga-Negomano	<table> <tr> <td>{ Nangadi</td> <td rowspan="3">} 3 pelotões indígenas</td> </tr> <tr> <td>{ Pundanhar</td> </tr> <tr> <td>{ Kionga</td> </tr> <tr> <td></td> <td>{ Negomano</td> <td rowspan="2">} 1.^a companhia dos territorios</td> </tr> <tr> <td></td> <td>{ Mocimboa</td> </tr> </table>	{ Nangadi	} 3 pelotões indígenas	{ Pundanhar	{ Kionga		{ Negomano	} 1. ^a companhia dos territorios		{ Mocimboa
{ Nangadi	} 3 pelotões indígenas									
{ Pundanhar										
{ Kionga										
	{ Negomano	} 1. ^a companhia dos territorios								
	{ Mocimboa									

ZONAS	SECTOR	GUARNIÇÃO
Negomano-Chivinde.....	{ Maziua	} 80 pr. da C. de pol., 1 pel ind. ^a
	{ Unde	
	{ Chivinde	} 17. ^a companhia
	{ Mitimone	
{ Macaloji		

Reserva, em Negomano, — 2.^a companhia dos territorios.

Sector Koboé — Lago do Nyassa — 100 cipaes.

Metariea, — 100 praças do corpo de policia.

Baonba — 1 pelotão.

Kionga e Palma — Columna ofensiva.

Desde a occupação á chegada do Governador a Kionga, as operações da fronteira tinham-se limitado a escaramuças entre os postos fronteiros.

A 23 d'Abril, os alemães atacam Namoto com infantaria e metralhadoras; e o comandante da expedição comunica este facto ao Governador, accrescentando «que as nossas forças resistiram, portando-se os landins com bravura. Duas horas depois de terminado o combate, tendo o inimigo retirado, os nossos officiaes mandaram evacuar o posto; mandara-os voltar immediatamente para Namoto e levantar auto. O combate durou desde o amanhecer até ás 10^h e 30^m; as nossas forças eram muito superiores ás do inimigo: tivemos um landim morto e quatro feridos. Os alemães perderam uma metralhadora; ignoram-se as suas perdas em homens».

Em 13 de Maio, o comandante da expedição torna a referir o que se passou em Namoto, e accrescenta que, ao passo que os dois officiaes que comandavam em Namoto abandonavam o posto, os soldados indigenas banquetevam-se

com as conservas que no posto havia, depois de expulsarem dali, os poucos alemães que nele tinham entrado; «os officiaes, continúa o comandante da expedição, portaram-se pessimamente; já puni dois, que alegaram doença não comprovada quando eram nomeados para ir reforçar um posto que o comandante do sector esperava fosse atacado: foi preciso que se oferecesse um sargento e um alferes de cavalaria, sendo vergonhosa a scena passada com o subalerno, que só foi, depois de a mal ser coagido pelo comandante do sector. Isto me obrigou a vir já a Kionga. Soldados landins, bem... Tem-se distinguido o alferes de cavalaria Fonseca, alferes Craveiro Lopes, sargento Cortez da 19.^a. Depois, prosegue:

Os alemães atacaram em 8 o posto de Nhica, sendo repelidos; morto sargento Benigno; o ataque foi executado por 100 indigenas com 3 metralhadoras; as nossas perdas foram 1 sargento, 2 soldados feridos e 1 desaparecido.

A 14 de Maio, diz o comandante da expedição que em 12 os alemães atacam o posto de Nhica, matando-nos um soldado, mas foram repelidos; no mesmo dia atacam o posto de Mitomo, no concelho do Lago, tendo a guarnição portugueza evacuado o posto; e para desculpar esta série de desastres acrescenta:

«Tinha pedido a V. Ex.^a 4 companhias indigenas, sendo duas para reforço do flanco esquerdo; com se vê, tinha razão: factos que narrei estão-o provando; peço a V. Ex.^a as envie; lembro que fronteira tem 900 kilometros; um destacamento nosso vae atravessar Rovuma, reconhecer caminho Mikindani, *queimar tudo que encontre; é preciso alemães conhecerem nossa autoridade*; peço a V. Ex.^a atenção momento actual ne-

cessario termos elementos capazes apoiar boa vontade das praças».

Assim, este comandante, não tendo senão sofrido revezes sobre revezes, reconhecendo a impossibilidade de guarnecer uma fronteira de 900 kilometros como se fosse a muralha da China, vendo tudo a esboroar-se por falta de organização, de disciplina, de comando, e confessando-o, vem ainda com farroncas: — «um destacamento nosso vae atravessar Rovuma, reconhecer Mikindani, queimar tudo que encontre!...» Vejam como está corajoso!

«E' preciso alemães conheçam nossa autoridade!...»

Chega a ser comico. Os Alemães faziam quanto queriam; percorriam o territorio á vontade; bastava apparecerem para as guarnições muito fracas desandarem, e este comandante, com uma inconsciencia e uma falta de percepção das circumstancias, queria ir até Mikindani — «queimar tudo que encontre,» para os Alemães ficarem sabendo quem ele era!

E' esta inconsciencia das situações, a falta de sentimento das proporções, o enfatuamento classico produzido pelas mentiras historicas, que levam o portuguez boçal e bronco a dizer quando se fala de hespanhoes: — «um portuguez pode bem com 4 espanhoes!» e outros dislates assim; é isto o resultado dos comandos que não sabem organizar, nem preparar, nem perceber as situações e provocam desastres tremendos como foi toda esta campanha da Africa Oriental.

E que outra cousa tinhamos a esperar?

Desmoralizado e desorganizado o paiz; de longa data sujeito e subordinado a governantes a quem convinha precisamente a anarchia para tratarem

à salvo dos seus interesses pessoaes, era evidente que iriam escolher para os comandos, não os homens mais habéis e competentes, mas precisamente os que se prestassem a acentuar a desordem e a confusão propicias ás especulações que enriquecem, ou os ingenuos, e puros.

E, assim, estes casos que citámos e outros, são a consequencia logica e natural de situações creadas pelos governantes e dirigentes.

Mas voltando á nossa expedição: depois de afirmar que é indispensavel que os Alemães fiquem sabendo com quem brincam, chama a attenção do Governador para o momento actual, em que «é necessario termos elementos capazes de apoiar boa vontade das praças!»

A boa vontade das praças! De que podia servir a boa vontade das praças bisonhas, sem instrução capaz, sem preparação alguma?

E' a velha pécha de se procurarem razões de ordem inferior para justificar o desleixo, a incuria, a falta de previsão, a falta de tudo quanto é essencial e indispensavel na execução da guerra. Procura-se desculpar os erros com a incapacidade dos graduados, quando durante anos e anos se deixaram esses graduados ao abandono, sem que ninguem se importasse com eles, sem lhes desenvolver a instrução nem lhes augmentar a eficiencia, abandonando-os á acção sorna e deleteria da vida das guarnições de tempo de paz, pagando-lhes tão mal que eles se vêem forçados a abandonar os deveres profissionaes para se empregarem em serviços extranhos, pondo á testa dos comandos pessoas incompetentes ou indifferentes, e nas culminancias ignorantes ou comodistas que não querem complicações, nem massadas, nem cousa alguma que os incomode.

A regra é deixar cahir tudo; deixar apodrecer, mas que apodreça surdamente, sem convulsões, sem incomodar...

E os resultados, viram-se e veem-se.

Mas, adiante.

A 15 de Maio os Alemães tomam o posto de Chivinde no caminho do Lago, e a 18 abandonam o posto de Mitone para ir construir outro no seu territorio.

A 17 de maio o *Adamastor*, que chegara a Palma a 12, largou para Kionga, onde, logo que chegou, foi o imediato do navio a terra para combinar as operações com o comandante da expedição: este requisitou-lhe varias embarcações, e pediu para que o navio fosse a Mikindani, afim de reconhecer a bahia e bombardear a povoação, preparando, assim, a occupação, pelas forças da expedição, que atravessariam o Rovuma. O comandante do *Adamastor* recusou, porém, deixar as embarcações e tripulação no Rovuma, e declarou mais, que não podia actuar em Mikindani, sem prévio accordo com o almirante inglez.

A 18, porem, em vista de troca de explicações, o comandante do *Adamastor* compromete-se a seguir no dia seguinte para o Rovuma e ali preparar uma esquadilha sob o comando do imediato, Quirino da Fonseca, o qual levaria instruções para comunicar com os comandantes dos postos.

Assim, os dois comandantes, — o da expedição e o do *Adamastor*, — acham-se em conflicto desde o primeiro dia, o que havia fatalmente de dar mau resultado, sem se lembrarem que os interesses superiores do Paiz exigiam o maior accordo entre eles.

E' o eterno mal de todas as operações *combinadas*, de mar e terra, sempre que não ha um chefe unico; é a presumpção da marinha difficilmente se subordinando ás ordens de autoridade militar do Exercito; resalta isto bem, do seguinte trecho d'um Relatorio do comandante do *Adamastor*: «... nas lutas em Africa, todos procuram apoiar-se na marinha, todos desejam a ajuda dos marinheiros, mas finda a campanha, depressa esquecem o seu valor e serviços...» Injustiça flagrante são estas frases do comandante do *Adamastor*: nas lutas em Africa, como em qualquer outra parte, o que se procura é tirar partido da especialidade de cada arma, empregando-a como deve ser; procura-se o apoio da Marinha como se procura o da Infantaria ou da Cavalaria ou de Artilharia. Era natural que n'uma operação, que tinha de se fazer por terra e pelo mar, o comandante procurasse empregar a marinha no seu elemento e na sua função; havendo ali um navio com marinheiros e um rio e mar onde operar, natural era que se empregassem os navios e suas tripulações. A queixa de que, findas as campanhas, ninguem se importa com a marinha, é altamente injusta, e portanto, inexacta: não ha gente mais acarinhada por todos nós do que os marinheiros, devido á tradição, e ninguem d'eles se esquece. A opinião contraria é uma manifestação doentia, infelizmente muito vulgarizada na marinha, e que precisa acabar.

Cada arma tem a sua applicação, e ao comando superior compete empregar-a a proposito: não ha, nem deve haver distincões entre armas, porque teem o mesmo prestimo e applicação quando precisas: não ha armas superiores nem inferiores: todas teem igual valor e importancia, e, uma vez

em guerra, o comandante em chefe é que tem de as aplicar como e quando entender.

O erro vem dos escrúpulos e melindres em definir isto d'uma vez, colocando homens e cousas nos seus devidos logares. Em operações, todas as armas e serviços teem de estar directamente subordinados ao comando, que terá o seu Q. G. organizado para a sua direcção.

O comandante d'um navio, como o comandante d'um Batalhão ou d'uma bateria, o que tem indiscutivelmente de fazer, é receber e interpretar as ordens do comando em chefe pela melhor forma, empregando todos os seus esforços em que se consiga o objectivo em vista.

Foi assim que sempre vi proceder em Moçambique no tempo de Mousinho, e por isso se fez o que se fez.

Fechado este parenthesis, indispensavel a meu ver, para de futuro se evitarem complicações que redundam sempre em prejuizo do paiz, prosigamos.

Os escaleres do *Adamastor* reconhecem o rio e aproximam-se da margem esquerda, derrubam e incendeiavam algumas palhotas; o inimigo não apareceu.

No dia seguinte, 23 de Maio, o inimigo appareceu na margem, e matou-nos 2 homens d'uma das embarcações que encalhara.

A 26, o *Adamastor* bombardeou a fabrica e outras construções da margem alemã; a 27, das 8 para as 9 da manhã, o *Adamastor* renova o bombardeamento, e a infantaria tenta a passagem do rio nas alturas dos postos de Namáca e de Namiranga; ahi embarcam, e seguem para a outra margem, mas são recebidos por um violento fogo, e repellidos, tendo mortos e feridos.

Assim terminou esta tentativa que falhou por falta de organização, de disciplina e de direcção.

A 9 de Junho, os Alemães atacam o posto de Macaloja, cuja guarnição retira.

A 13 de Junho o inimigo atravessa o Rovuma perto da foz, nas barbas da Expedição, e ataca o posto de Namoca, cuja guarnição, composta de indigenas da Companhia do Nyassa, foge, tendo nós 3 europeus e 2 indigenas mortos e 2 europeus feridos.

O comandante da expedição procurou resolver o problema. Como? Pedindo a vinda da *Chaimite* para a foz do Rovuma.

A 15 de Junho atacam-nos o posto de Undi, sendo repelidos, e o posto de Nachinamoca, tendo nós 2 feridos.

A 22 de Junho repetem o ataque a este posto: o sargento e o cabo da guarnição fogem, e no posto apenas ficam 1 cabo e 4 soldados indigenas.

A 26 os Alemães penetram na zona Chivinji-Macaloja e a 27 atacam Negomano e a 2 de Julho Nangadi.

E o Governador, comentando acertadamente o que se passava, diz:

«O que é certo é que os factos denunciaram, do nosso lado, uma situação passiva, de inacção, desgastando terrivelmente com estes insultos isolados e não respondidos, a capacidade fisica e o estado moral das tropas. Não comprehendia eu essa situação, quando os telegramas da expedição falavam tanto e de tal maneira em reconhecimentos offensivos, em offensiva e em actividade, o que me tinha levado a mudar d'opinião, admitindo a possibilidade de passar imediatamente o

Rovuma, e a contrariar a opinião do Coronel Rosado, que em telegrama aconselhára a immobilisação da coluna Moura Mendes. »

Vem, agora, a expedição seguinte, — a do General Ferreira Gil.

V

A expedição do general Ferreira Gil

1916-1917

A 16 de maio de 1916 apresentou-se no Ministério das Colonias o general José Ferreira Gil nomeado comandante da nova expedição a Moçambique.

A organização deste destacamento, segundo a O. E. de 30 de maio de 1916, era:

Q. G.; serviços de engenharia, artilharia, saúde, administrativos, topografico, transportes, administração militar. Trez baterias d'artilharia de montanha; 1.^o Batalhão de cada um dos seguintes regimentos: 23, 24, 28; 3.^a bateria de metralhadoras; n'um total de 159 officiaes, 4483 praças, 945 solipedes, 159 viaturas.

Os alemães, segundo as informações mandadas pelo governo de Moçambique, tinham em operações na sua colonia d'Africa Oriental 1620 europeus e 12.950 Askaris. Os inglezes estavam operando com 2 colunas e os belgas com uma.

O nosso governo fixou como objectivo á expedição os portos do litoral alemão para o N. do Rovuma, isto é, Kionga, Lindi, Quiloa, Rivinji etc., até ao Rufiji.

Estes objectivos tinham sido indicados pelo

governador de Moçambique Alvaro de Castro, mas o general Smuts não estava de acordo com eles, preferindo que as nossas forças operassem numa linha interior, o que levou o governador Alvaro de Castro a indicar para Lisboa, que o avanço se fizesse por Bongeia na direcção de Tabora cooperando com os inglezes, e simultaneamente se procedesse á occupação de Kionga, Mikindani e Lindi.

O general Gil, d'acordo com o Governo, projectou: Kionga ou Namoto, Mikindani, Lindi e delta do Rufiji, «embora a não julgasse em absoluto isenta de perigos e inconvenientes».

Esta maneira de dizer do general não é muito clara: fica-se a pensar se o comandante da expedição militar de 1916 julgava possível operar sem perigos, nem transtornos.

«A principal missão da gente portugueza, cooperando com os Aliados, diz ele, consistia em atrair para si parte das forças adversas, conduzindo-as, ainda, a maior dispersão...» Daqui a necessidade para os Aliados, da nossa prompta entrada em acção, — o que se não fez.

«A expedição, prosegue o general Gil, precisava d'um efectivo que lhe permitisse operar com confiança, na certeza de poder fazer frente, e bater sósinha qualquer coluna alemã, por isso que a cooperação das colunas inglezas era muito problematica.»

Qual foi a base para o calculo dos efectivos da expedição? Ignoro. Mas o curioso é que, desde a 1.^a até á ultima expedição, todos os comandantes se queixaram da deficiencia dos efectivos.

O coronel Moura Mendes informára para Lisboa que os alemães concentrados na nossa fron-

teira não excediam 500 europeus e 3000 indigenas, e propunha a organização d'uma expedição, aproximadamente como já ficou assente.

O general Gil achava suficientes estes effectivos juntos aos das unidades disponiveis da Provincia, mesmo que tivesse de guarnecer e proteger as linhas de comunicações. Esperava ainda o general demorar-se pouco na Base de Palma, iniciando a ofensiva dentro de poucos dias, para não deixar enfraquecer os homens com uma grande permanencia na Base. Era bem pensado, mas mal estudado, mal calculado e mal previsto; para que tudo corresse como ele pensava, e seria para de-sejar, era necessario:

1.º — Que, de Lisboa, ele mandasse adiante de si um official de confiança, com pessoal e poderes para preparar a Base de desembarque, montando nela todas as instalações, e ali receber e acautelar viveres, munições e mais material; estudar e preparar, quanto possivel, as linhas de penetração e de etapes, enfim organizar tudo para receber as tropas que, apoz um curto estacionamento, seguissem logo para a frente:

2.º — Aproveitar esse tempo para na Metropole organizar solidamente a expedição, amalgamando os diversos contingentes, preparando-os e instruindo-os capazmente, seleccionando officiaes e praças, emfim, organisando uma força consciente e solidamente preparada.

Nada disto se fez, e esta expedição, como tantas outras, partiu formada de retalhos mal cerzidos, com homens incapazes de resistir á acção do clima e ao trabalho, e com bastantes graduados sem competencia.

Passou-se o tempo, em Lisboa para o comando, na lufa-lufa das requisições, recepção e acon-

dicionamento, tudo feito atabalhoadamente, sem ordem nem methodo, e sem o menor aproveitamento da experiência de tantas outras expedições.

Porque a Direcção militar das Colonias está hoje, neste ponto, como quando se organisou a 1.^a expedição, se não peor: as lições da experiência não teem sido aproveitadas, e assim, n'essa Direcção não se conhecem, nem os recursos militares das colonias, nem os seus recursos economicos, nem a sua topografia; nem ha calculos feitos sobre a quantidade de viveres necessarios para um dado numero d'homens; nem estudo da ração mais propria; nem contractos ou combinações para os fornecimentos a fazer com regularidade; nem fixação das formas de acondicionamento; nem estudo dos nossos navios para se conhecer o que cada um pode transportar em homens, animaes, ou carga; numa palavra, nada ha feito, nada se sabe, para nada serve.

Por seu lado, o comando requisitou viveres para trez mezes, mas sem criterio na escolha desses viveres, adoptando-se como base de alimentação generos verdadeiramente improprios para a composição de rações em Africa, — como o chouriço, o bacalhau, o atum e as sardinhas em conserva, — e sobretudo o celebre *rancho confeccionado*, a invenção mais infame que se conhece, e que se não matou toda a Expedição, deu cabo de quanto peixe havia na bahia de Mocimboa, quando o mandei deitar fóra. Embarcaram toneladas de vinho, em grandes barris de difficil remoção e que, expostos ao sol, acabaram por abrir, não se aproveitando nem uma gota do liquido para os homens; e, assim como foi para os viveres e para o vinho, foi para os medicamentos, que por mal acondicionados se perderam, e isto sem falar num

celebre quinino que para lá mandaram, e que, parece, só continha farinha!

Verdadeiros crimes, que bradam aos ceus, e determinariam em qualquer paiz digno que se enforcassem os seus autores, ali, á vista de todos, no arco da Rua Augusta, para exemplo salutar de commerciantes pouco escrupulosos.

Os generos destinados aos indigenas foram requisitados á colonia quando a expedição chegou a Lourenço Marques! Porque não se fizeram essas requisições com antecedencia?

Da instrução das tropas não houve tempo para curar, a ponto da maioria dos officiaes e sargentos não conhecerem o material de que iam ter de se servir; e, peor, o material de metralhadoras enviado era pesado, improprio, e achava-se em mau estado.

A grande maioria das praças não possuia o vigor fisico necessario para uma campanha em Africa; as munições das metralhadoras pessimas; o gado pequeno, fraco e sem instrução.

Concentram-se as tropas em Mafra, para se lhes dar instrução, em 1 de maio; mas, como de costume, abandonados a si mesmos, os soldados, de diversas proveniencias e desmoralizados pela propaganda politica dissolvente, que ha anos se faz, insubordinam-se; e a solução que o Ministerio da Guerra encontrou para o caso, foi mandal-os á pressa para Lisboa, não recebendo, portanto, instrução alguma.

Foram estes e outros desgraçados exemplos e resultados de propaganda anarchista que produziram, depois, as vergonhosas insubordinações no C. E. P. em França.

Assentou o general com o Ministro das Colonias, em que o desembarque se fizesse em Pal-

ma, na Bahia de Tungue, e foram expedidas ordens ao Governador de Moçambique para fazer ali as instalações necessarias para o desembarque e acomodação das forças que chegasse m.

D'acordo com as ideias do comando, o Ministro redigiu as *Instruções* para a execução da missão que á expedição incumbia:

1 — Invadir a Colonia Alemã da Africa Oriental, atravessando o Rovuma perto da foz, e occupando todos os postos para norte, até ao Ruffiji; e proseguir, depois, d'acordo com as circumstancias e as instruções que recebesse do Ministro das Colonias, directamente, ou por intermedio do Governador Geral de Moçambique;

2 — Competencia de comandante em chefe do exercito em operações;

3 — Iniciativa e independencia na direcção das operações militares, subordinado, porem, á acção politica e administrativa do Governador Geral;

4 — Estabelecer accordos com o comando inglez acerca da marcha das operações;

5 — Competencia para requisitar a qualquer autoridade da Colonia quanto precisasse para a expedição.

No seu relatorio, diz o general Gil que declina toda a responsabilidade da organisação da expedição, por ter de aceitar factos consumados. Creio que se quer referir á intervenção que nessa organisação teve o general Garcia Rosado, cuja exoneração não deixou concluir os trabalhos iniciados.

A expedição saiu de Lisboa nos vapores, *Portugal* a 28 de Maio; *Moçambique* onde embarcou o Q. G. a 5 de Junho; *Zaire* a 24 de Junho; *Machico* a 28; e *Amarante* a 8 de Julho.

A organisação da expedição consta do decreto

de 25 de Maio de 1916, O. do E. 11 e 12, que segue :

Decreto de 25 de Maio de 1916

Tendo o Ministerio das Colonias ponderado a necessidade e conveniencia de ser reforçada a expedição ultimamente enviada á provincia de Moçambique, o Governo da Republica Portuguesa decidiu que, pelo Ministerio da Guerra, fôsse posta á disposição do Ministerio das Colonias a força precisa para o indicado fim; pelo que, usando da faculdade que me confere o artigo 47.º da Constituição Politica da Republica Portuguesa, hei por bem decretar o seguinte :

1.º Que pelo Ministerio da Guerra seja posto á disposição do Ministerio das Colonias um destacamento mixto com destino á provincia de Moçambique, constituído pelas seguintes unidades:

- Trez batalhões de infantaria;
- Trez batarias de metralhadoras;
- Trez batarias de artilharia de montanha;
- Uma companhia mixta de engenharia;
- Serviço de saude;
- Serviço de administração militar;
- Serviço de transportes.

A força do referido destacamento consta do mapa junto.

2.º Que aos officiaes e praças de pré, que constituem as forças acima designadas, sejam concedidos os vencimentos e mais vantagens estabelecidas no decreto de 9 de Março de 1906 e no decreto de 12 de 1900 na parte não revogada por aquele diploma, excepto no respeitante aos ven-

cimentos do general comandante do corpo expedicionario, que serão os estipulados no decreto de 3 de Dezembro de 1914; aos vencimentos do chefe do estado maior, que, alem do triplo do soldo e a gratificação de exercicio do serviço do estado maior correspondente á sua patente, perceberá a gratificação especial e mensal de 50\$; e aos vencimentos dos sargentos e equiparados, aos quaes será abonado o triplo do pré constante da tarifa marcada no artigo 1.º do decreto com força de lei de 26 de Maio de 1911.

3.º Que na nomeação do pessoal a mobilizar se observe o disposto nas instruções que fazem parte do decreto de 20 de Abril do corrente ano, publicado na *Ordem do Exercito* n.º 6, 1.ª série.

4.º Que são nomeadas para constituir o referido destacamento as seguintes unidades:

Regimento de infantaria n.º 23, 3.º batalhão;

Regimento de infantaria n.º 24, 3.º batalhão;

Regimento de infantaria n.º 28, 3.º batalhão;

4.º grupo de metralhadoras, 1.ª bateria;

5.º grupo de metralhadoras, 1.ª bateria;

8.º grupo de metralhadoras, 2.ª bateria;

Regimento de artilharia de montanha, 1.ª, 2.ª e 4.ª batarias.

5.º As tropas que constituem a companhia mixta de engenharia serão nomeadas entre as especialidades da mesma arma indicadas no mapa junto.

6.º O pessoal do serviço de saude e o do de administração militar serão fornecidos respectivamente pelos 1.ºs grupos de companhias de saude e de administração militar.

7.º Todo o material de guerra fornecido ao destacamento pelo Ministerio da Guerra regressará á metropole acompanhando as unidades a que estiver distribuido.

Expedição á provincia de Moçambique—1916**Quartel general**

Comandante, o general, José Cesar Ferreira Gil.

Ajudantes de campo, os capitães: do estado maior de cavalaria, João Luiz Ferreira da Silva, e do estado maior de infantaria, Joel Henriques Gomes Vieira.

Chefe do estado maior, o major de infantaria e do serviço do estado maior, Eduardo Augusto de Azambuja Martins.

Adjuntos, os capitães, com o curso do estado maior: do estado maior de artilharia de campanha, Mario Augusto Gouveia Xavier de Brito; do estado maior de cavalaria, Arthur Pereira de Mesquita e Antonio Maria Homem da Silveira Sampaio de Almeida e Melo; do estado maior de infantaria, Armando Bertoldo Machado; e os capitães, do regimento de infantaria n.º 12, Alfredo Ferreira Gil, e do regimento de infantaria n.º 14, Antonio Lopes Mateus.

Comandante do quartel general, o alferes do regimento de cavalaria n.º 10, Carlos Tavares Afonso dos Santos.

Provisor, o alferes miliciano do serviço de administração militar, Francisco Hermenegildo Calado.

Serviço de engenharia

Comandante, o capitão do regimento de sapadores mineiros, Roberto de Oliveira Pinto.

Adjunto, o alferes do regimento de sapadores mineiros, Fernando Galvão Jácome de Castro.

Serviço de artilharia

Adjunto, o tenente do regimento de artilharia, Arthur Gonçalves Rocha.

Encarregado do material, o tenente do quadro auxiliar dos serviços de artilharia, da columna de munições do regimento de artilharia n.º 8, José Carvalho Cebola.

Serviço de saude

Chefe, o major medico, sub-inspector do serviço de saude da 5.^a divisão do exercito, Fernando Godinho de Figueiredo e Melo.

Adjunto, o capitão medico do 2.º grupo de companhias de saude, Custodio Luiz de Oliveira Pessa.

Formações sanitárias

Capitães medicos: do regimento de infantaria n.º 6, Vitorino de Sousa Magalhães, e da guarda nacional republicana, José Augusto Rodrigues.

Tenentes medicos: do regimento de infantaria n.º 17, Duarte Egas Pinto Coelho; clinico do hospital de Belem, Rafael Futscher Magalhães Junior; do regimento de sapadores mineiros, José Maria Coelho Junior; do regimento de artilharia n.º 1, Francisco de Assis de Almeida Côrte Real; do regimento de infantaria n.º 4, Candido Emilio

de Sousa; e miliciano do regimento de cavalaria n.º 2, Eduardo Augusto Schultz.

Tenente do serviço de administração militar, Antonio da Silva Simões.

Alferes do quadro auxiliar do serviço de administração militar, Carlos Augusto Figueiredo Ribeiro.

Serviço pharmaceutico

Tenente pharmaceutico em serviço no deposito geral de material sanitario, Pedro Augusto Ferreira da Silva.

Serviços administrativos

Chefe, o major do serviço da administração militar, Alberto de Laura Moreira.

Adjuntos: os capitães do serviço de administração militar, Armando de Almeida Lima, João Nunes Balbino Dias, Fernando Emilio Pereira de Vilhena, Luiz Inacio de Seixas e Vasconcelos, Jaime Pereira da Silva e João Sebastião Ramos; os tenentes do mesmo serviço, Antonio Augusto da Costa Alves, Joaquim Gomes Salazar Braga, Agnelo Augusto de Gouveia Cabral e Acacio Augusto Nunes da Silva; e o alferes do mesmo serviço, Mario de Figueiredo Rodrigues de Almeida.

Secretariado militar

Tenente do secretariado militar, chefe da 1.ª Repartição da 2.ª Direcção do estado maior do exercito, Mario Herculano de Campos Rego.

Alferes do secretariado militar, em serviço no quartel general da 1.^a divisão do exercito, Antonio Monteiro e Julio Carvalho Vidal, e arquivista da 7.^a Repartição da 2.^a Direcção Geral da Secretaria da Guerra, Artur Gerardo Bastos dos Reis.

Serviço topografico

Tenente do regimento de infantaria n.º 16, Jorge Castilho.

Serviço de transportes

Comandante, o capitão do regimento de infantaria n.º 33, Luiz Carlos de Almeida da Costa Pereira.

Tenentes, os tenentes: do estado maior de infantaria, Fernando de Castro da Silva Canedo; do regimento de infantaria n.º 5, Alberto Herculano de Moraes; e do regimento de infantaria n.º 16, João Carlos Teles de Azevedo Franco.

Secção de automoveis

Director da oficina de reparações, o capitão do estado maior de artilharia a pé, Alfredo Augusto de Barros Junior.

Pessoal para os postos a estabelecer

Tenente miliciano do regimento de infantaria n.º 23, João Pires de Carvalho.

Alferes, do regimento de infantaria n.º 1, Manuel Pinto da Fonseca, e do regimento de infantaria n.º 5, José Libanio Chaves.

Engenharia

Comandante da companhia mixta, o capitão do regimento de sapadores mineiros, Antonio Pinto da Cruz e Melo.

Tenentes, os tenentes: do batalhão de telegrafistas de campanha, Fernando Moreira de Sá; da companhia de torpedeiros, Eduardo Corregedor Martins; e da companhia de telegrafistas de praça, Felisberto da Assunção da Silva Pires.

Alferes, os alferes do regimento de sapadores mineiros, Henrique Hipacio de Brion e Artur de Melo Quintela Saldanha, e do batalhão de pontoneiros, João Antonio Gonçalves da Cal.

Regimento de artilharia de campanha

1.º GRUPO

Comandante, o major, Leopoldo Jorge da Silva.

Ajudante, o alferes, Armando Monteiro Leite.

Adjuntos, os tenentes, Cipriano Canavarro de Almeida e Brito e Salvador de Oliveira Pinto da França.

Capitão da 1.ª bateria, o capitão, João Diogo Ramos Arroio.

Capitão da 2.ª bateria, o capitão, Gaudencio José Trindade.

Tenentes, os tenentes, Francisco Aires de Abreu e Raul Gomes Saraiva.

Alferes, os alferes, Alexandre Augusto Simões Vieira, José Maria Alves de Melo, Antonio Augusto de Sousa Oliveira e Manuel Duarte de Almeida.

Medicos, o capitão medico do regimento de cavalaria n.º 11, Jacinto Humberto da Silva Torres, e o tenente medico do regimento de infantaria n.º 2, Manuel Pinto.

Provisor, o tenente do serviço de administração militar do regimento de cavalaria n.º 5, Fernando Vitor Valente Valadas Vieira.

2.º GRUPO

Comandante, o major, Mariaco Augusto Choque Junior.

Ajudante, o alferes, Joaquim dos Santos Barata.

Adjuntos, os tenentes, Frederico Cortês Marinho Falcão e José Mac-Bride Fernandes.

Capitão da 4.ª bateria, o capitão, Manuel da Silva Martins.

Tenente, o tenente, Abilio Augusto de Sousa Donas Bôto.

Alferes, os alferes, João Nepomuceno de Brito Limpo Serra e Verissimo José da Silva e Costa.

Medicos, o capitão medico do regimento de infantaria n.º 32, Antonio Guedes Pereira, e o tenente medico do regimento de artilharia, n.º 8, Manuel Ferreira de Matos Rosa.

Provisor, o alferes do serviço de administração militar, do regimento de infantaria n.º 12, Alfredo Cristina Leuschner Fernandes.

Regimento de infantaria n.º 23**3.º BATALHÃO**

Comandante, o major Aristides Rafael da Cunha.

Ajudante, o alferes, João Duarte Biscoito.

Capitão da 9.^a companhia, o capitão, Luiz Gomes de Azevedo.

Capitão da 10.^a companhia, o capitão, Joaquim Tomás Pais de Vasconcelos.

Capitão da 11.^a companhia, o capitão, Severino Joaquim Gordo.

Capitão da 12.^a companhia, o capitão, Raul Verdades de Oliveira Miranda.

Tenentes, os tenentes, Benjamim Antonio dos Santos, Eduardo dos Santos Guerra, Caetano Alberto de Barcelos e Anibal Artur Marcelino.

Alferes, os alferes, Paulo Benard Guedes, Julio Duarte Ferreira, David José Fernandes Moreira, João Vicente Dias, João Dias Mendes, Celestino Baptista da Silva e Antonio Joaquim Dias.

Aspirante a oficial miliciano, o aspirante a oficial miliciano, Alberico Teixeira de Almeida.

Medicos, o capitão medico do regimento de infantaria n.º 14, Eduardo da Silva Pereira, e o tenente medico do regimento de artilharia n.º 3, Americo Pires de Lima.

Oficial provisor, o alferes do serviço de administração militar, Antonio Libanio Fernandes Gomes.

Regimento de infantaria n.º 24**3.º BATALHÃO**

Comandante, o major, José Pires.

Ajudante, o alferes, Duílio da Silva Marques.

Capitão da 9.^a companhia, o capitão, Bernardino de Sena Lopes.

Capitão da 10.^a companhia, o capitão, Zeferrino Camossa Ferraz de Abreu.

Capitão da 11.^a companhia, o capitão, Henrique Gomes da Silva Junior.

Capitão da 12.^a companhia, o capitão, Antonio Benedito Pereira de Azevedo.

Tenentes, os tenentes, Manuel de Almeida Oliveira, Manuel Rodrigues Leite, Agostinho Coelho Peixoto da Costa e João Teixeira de Barros Carvalhais.

Alferes, os alferes, Antonio de Oliveira Rodrigues, Antonio Gomes da Cruz, Luís Henrique Cordeiro, Afonso Pereira, José Antunes Prazeres, Antonio Gomes Ferreira, Alvaro Leite Antunes e José dos Reis Lazaro.

Medicos, o capitão medico, Manuel Rodrigues da Cruz, e o tenente medico subalterno do 3.º grupo de companhias de saude, João Ferreira da Silva Couto Nobre.

Oficial provisor, o alferes do serviço de administração militar, Alfredo Ferreira de Azevedo Lobo.

Regimento de infantaria n.º 28**3.º BATALHÃO**

Comandante, o major Antonio Urbano da Gama Lobo.

Ajudante, o tenente, Henrique Augusto Correia.

Capitão da 9.^a companhia, o capitão, José Julio de Almeida da Costa Pereira.

Capitão da 10.^a companhia, o capitão, Artur de Meireles de Vasconcelos.

Capitão da 11.^a companhia, o capitão, José Maria Pereira.

Capitão da 12.^a companhia, o capitão, José de Ascensão Valdês.

Tenentes, os tenentes, José Arede Santa, Henrique Ferreira, José Augusto de Aragão e Antonio da Costa Figueiredo.

Alferes, os alferes, Antonio Pinto, João Palmeiro Pinto, José Maria de Mendonça, Augusto Sargento, José da Mota Marques, João de Sousa Mateus, Carlos Gomes Fernandes e Luís Aires Pereira de Matos.

Medicos, os capitães medicos, José Rodrigues Madeira, e do regimento de infantaria n.º 12, Ricardo Garcia.

Oficial provisor, o tenente de serviço de administração militar, João Eleutério da Rocha Vieira.

4.º grupo de metralhadoras**1.^a BATARIA**

Comandante, o capitão, Antonio Fernando de Oliveira Tavares.

Alferes, os alferes, Julio Cesar de Almeida e Manuel Augusto de Melo Cabral.

5.º grupo de metralhadoras

1.ª BATARIA

Comandante, o capitão, João Rodrigues Baptista.

Tenente, o tenente, Alberto Vieira Coelho.
Alferes, o alferes, José Esquivel.

8.º grupo de metralhadoras

2.ª BATARIA

Comandante, o capitão, Inacio Soares Severino de Melo Bandeira.

Tenente, o tenente, José de Magalhães Queiroz de Abreu Coutinho.

Alferes, o alferes, Julio Augusto Valadares Torres.

O efectivo total era de 159 officiaes; 4:483 praças; 945 solipedes e 159 viaturas.

O *Moçambique* chegou a Cape Town a 22 de Junho, e a Lourenço Marques a 27. Aqui conferenciou o general com o Governador Geral Alvaro de Castro, e assentaram no auxilio que o governo da colonia prestaria á Expedição, quer

em tropas indigenas, quer em viveres, material de engenharia, e transportes maritimos.

Foi nesta occasião informado o general, de que as tropas da expedição Moura Mendes, com as quaes contava, não estavam em condições de prestar qualquer serviço, precisando ser repatriadas; e o Governador exigiu que o destacamento da guarda republicana de Lourenço Marques, que ainda se achava no norte, recolhesse á séde.

O general saiu a 1 de Julho no *Moçambique* para o Tungue, convencido de que o Governador Alvaro de Castro ficara nas melhores disposições de o auxiliar, «*e de que S. Ex.^a, de nenhum modo procuraria ingerir-se na direcção das operações, nem invadir attribuições que só ao eomandante da expedição haviam sido outorgadas*».

Convem notar aqui, que o general, verificando durante a viagem a insufficiente instrução das tropas, fizera executar um programa de ensino, em que figuravam palestras ou conferencias executadas por officiaes, algumas das quaes, diz o general, «*revestiram um caracter de pessimismo verdadeiramente alarmante*»: avolumavam-se as deficiencias da organização da expedição, emquanto ás faltas de material de guerra, e pintavam-se com lugubres côres as dificuldades a vencer.

«*Foram os officiaes do E. M., acrescenta ele, com excepção do chefe, que mais ou menos feriram a nota pessimista.*»

E assim, do Relatorio do General conclue-se:

a) Que ao chegarem a Palma, os officiaes estavam em parte desmoralizados, e transmitiam essa desmoralisação ás praças, sendo os do E. M. do General os que mais frizavam essa nota;

- b) A instrução das tropas era quasi nula;
- c) Tudo fazia prever que a Expedição caminhava para a derrota.

A viagem fôra um horror, segundo a narrativa d'um expedicionario; alojados nos porões empastados de gordura, de restos de rancho e de vomitos. Em cada porão foram alojados 250 homens, que meio vestidos, se deitavam em enxergas lançadas no chão, emporcalhadas de rancho e vomitos, exalando um fetido horrivel de suor e roupa suja. Iam aos grupos, aos montes sobre os colchões e sobre as mochilas. A vida é de ociosidade: algumas historias massadoras, pesadas, indigestas, e nada mais. Os homens entregues a si proprios, desprovidos de qualquer preparação moral, sem possuirem dentro de si recursos para se ocupar em qualquer cousa util, abandonados pelos graduados, que, de resto, tambem não tinham preparação sufficiente para ocupar e distrair os homens, passaram a viagem como irrationaes, n'uma depressão moral que se acentuava mais a cada volta da helice.

Os officiaes, quando muito, discutiam vencimentos e um ou outro artigo do regulamento; os sargentos, prolongavam as estações á meza do jantar e por fim, jogavam ás cartas sobre as toalhas gordurosas de restos de comida (1).

Era com esta preparação, que iam desembarcar no theatro das operações d'um inimigo excepcionalmente activo.

(1) Antonio de Cértima, *Epopéia Maldita*.

Em Palma

A 5 de Julho de 1916, ás 9^h 30^m fundeia o *Mozambique* na Bahia do Tungue, ao fundo da qual fica Palma assente n'um terreno de pantano. Já ali estava o *Portugal*, chegado a 3, mas não começara, ainda, a descarga.

Na bahia não havia a menor preparação para o desembarque das tropas e material, nem a menor instalação em terra, nem tinham tão pouco chegado os viveres requisitados ao Governador da Provincia. Apenas se erguia o esqueleto d'um barracão; e nem pesquisas d'agua estavam feitas.

«Impressionou-me, diz o General, o pouco ou nenhum cuidado havido em cumprir as ordens do Ministro (1); . . . serviu de desculpa a falta de artifices e de materia prima. E tive, mais uma vez, a noção clara e nitida do que ia dar-se: só estorvos e contrariedades havia a esperar. . . »

Pouco depois de fundear o *Mozambique*, apareceram a bordo o comandante da expedição de 1915, Tenente-Coronel Moura Mendes, com o seu chefe do E. M., capitão Liberato Pinto, os quaes informaram estar a sua expedição destrocada pelas doenças, apesar do seu serviço se ter limitado á occupação pacifica de Kionga, e á guarnição dos postos do Rovuma. Os hospitaes de Melamba, Kionga e Palma, regorgitavam de doen-

(1) Ao governador da Provincia que era ainda o mesmo da Expedição anterior, não servira, como se vê, a experiencia do passado: «Tudo como d'antes... Q. G. em Lourenço Marques.»

tes, sem haver medicamentos para os tratar: havia homens loucos!...

Apezar destas informações, o General Gil incorporou a expedição de 1915 na sua: Moura Mendes foi nomeado comandante da artilharia, e Liberato Pinto Sub-Chefe do E. M.

Publicou-se uma alocução ás tropas e fixou-se que estas passassem a receber instrução tactica, diariamente, depois da 2.^a refeição; de tiro depois da 3.^a, seguida de canto choral.

Parecia estar-se n'uma guarnição de tempo de paz em Braga ou Thomar, em plena vida de caserna. Deviam ser interessantes estes cantos coraes, depois da refeição do *rancho confeccionado!*

Mas desta ilusão os veiu tirar logo no dia 6 o tenente João Belo, trazendo ao general o seguinte telegrama do capitão Guedes Vaz, comandante de Base:

—Rogo informar General Gil, que de Kionga comunicam telegraficamente que estão sendo atacados pelos Alemães por mar, em lanchas, e por terra. Determinei ás 23^h 25^m, em resposta á comunicação recebida ás 20^h 20^m, que resistissem emquanto se tomavam providencias. Aqui não ha recursos.»

Kionga fôra a séde da expedição de 1915, e ali se achavam os depositos de viveres e munições; tinha uma guarnição pequena.

O general deu ordem para seguir para lá a *Chaimite* e nela o Tenente-Coronel Moura Mendes, não mandando o general mais cousa alguma, pois os homens, e o armamento encaixotado, tudo estava, ainda, a bordo.

Foi de pequena duração, porem, o sobresalto, pois veiu nova comunicação dizendo ter havido

engano! Fôra o caso que do rebocador que exercia a vigilancia no rio, tinham visto luzes suspeitas em terra, e sem mais averiguação, fizeram o sinal d'alarme: ouvido este, a guarnição do posto desatou aos tiros e o capitão Rosa, que a comandava, pediu logo, para Namoto, o pelotão de cavalaria que ali se achava, e para Palma, 250 espingardas!

Este episodio define bem o estado a que chegára a Expedição de 1915.

A 5 e 6, desembarcam do *Moçambique* as secções de quartéis para preparar os bivaques, bem como alguns viveres e material de guerra; e uma comissão de medicos com um oficial do E. M. foram escolher os locais para o Q. G. e para o hospital provisório.

A 7, desembarcam: 2 companhias do 3.º Batalhão do 23; o Batalhão d'Infantaria 24; a 1.ª bateria do 4.º grupo, a 1.ª bateria do 5.º grupo e a 2.ª do 5.º grupo de metralhadoras.

A 8 e 10 desembarcam as outras unidades.

A 11, o Quartel General.

O serviço de desembarque é morosissimo devido á deficiencia de material de desembarque, de rebocadores, de caes, e de carregadores. Não havia nada, e só mais tarde foi para ali mandado o *Pebane*.

«O transporte fazia-se em pangaios atracados ao vapor; em cada um eram metidos 20 a 30 homens, e iam até á praia, fundeando o mais perto possivel dela, sem encalhar.

«Daqui eramos finalmente carregados para terra, sobre os hombros nus d'uma legião algazarrante de pretalhões que nos alçapremavam de pernas caidas para a frente, ao longo dos seus thorax salientes de Hercules, n'um arremedo de mitho

comico, galopando comnosco para o areal n'uma gritaria de feras eroticas... Durou horas este desembarque grotesco, mil vezes deprimente para as armas garbosas dos torneios cavaleirescos dos Amadis da Luzitania, em terras remotas de C. Delgado... Aqui, renteando a baía, como a acompanhar o litoral nas toalhas sinuosas de N. e S., os terrenos baixos de pantano, começavam espraiando-se para o interior, n'uma extensão de kilometros, fazendo crer que em epocas geologicas não muito afastadas, o mar tivesse inundado toda esta região onde, agora, uma vegetação lacustre cresce abundantemente, cortada de riachos de exgoto e charcos infectos, que o ar de braza corroe, e faz exudar pestilencias. Algumas ilhotas d'areia quente, pululantes d'alcateias de indigenas, formando bairros, povoam este deserto onde uma morbidez vitrea de charco andava á flor das coisas, impaludando-as. Depois, era a Serra, — o limiar do Sertão, — crista áspera de montanha, vestida de troncos seculares, e no topo, rodeado pela espessura da selva, o planalto destinado ao estacionamento.» (1)

A 8, entrou na bahia o cruzador *Challenger*, com as boas vindas do General Smuts, e com a insinuação para que o General Gil *avançasse sem demora*. O General respondeu, que, logo que a Expedição tivesse desembarcado, «teria a satisfação de se entender com S. Ex.^a sobre o conjuncto das operações a efectuar.» Como se vê, o general vinha de Lisboa, cheio de ilusões...

E puzeram-se a esperar a chegada do *Zaire*, do *Machico* e do *Amarante*, entretendo o tempo

(1) *Epopéia Maldita*, pag 45, Antonio de Cértima.

a construir os depositos de Base. Havia apenas quatro camions da Expedição de 1915, insufficientes para reabastecer os postos já estabelecidos, e para fornecer a agua e viveres necessarios ao Hospital de Melamba e ás forças estacionadas no planalto de Palma.

As unidades não possuíam viaturas nem gado; tiveram de lançar mão do recurso dos carregadores fornecidos por ordem do Governo Geral, dos districtos mais proximos. Quem sabe o horror que o preto tem a este serviço calcula as dificuldades em obter carregadores, e sobretudo em os conservar no serviço: desertavam em massa, e os que ficavam eram tão fracos que para nada prestavam.

Iam-se construindo algumas casas, mas com grande morosidade, pois de Lourenço Marques não vinham os materiaes requisitados, por escassearem no mercado. Era caso para se perguntar: — Mas porque os não adquiriu o Governo da provincia a tempo, e porque não ordenou a tempo, tambem, a construção das instalações necessarias para receber a Expedição?

Então os soldados fizeram abrigos de capim, que pela falta de cuidado e disciplina, se incendiavam: houve fogo em todos os bivaques, inclusivamente no proprio Q. G., perdendo-se muito material de guerra, fardamento, roupas, e até dinheiro.

Naturalmente, sem abrigos capazes, permanecendo n'um terreno recentemente revolvido; sem hygiene alguma, e apoz uma viagem tambem sem hygiene nem cuidados, e com uma alimentação irracional, logo a malaria entrou com os homens, e então, . . . reconheceu-se não haver recursos para os hospitalisar nem para os tratar! Os bar-

racões de madeira e capim que tinham servido á Expedição anterior estavam inhabitaveis, podres e cheios de vermina. O pessoal medico clamava, mas era o mesmo que nada. O general procurou resolver o problema requisitando ao Governo geral o vapor alemão *Zieten*, então em Moçambique, para navio-hospital; mas a requisição não foi satisfeita por ter ainda o vapor carga a bordo, não haver rebocador para o conduzir, e, finalmente, *porque o Governo o cedera á Companhia Nacional de Navegação.*

Então o general voltou-se para o Ministerio das colonias pedindo dois navios: de Lisboa nada mandaram até 23 d'outubro, em que ali chegou o *Quelimane*, (antigo *Kronprinz*) destinado a navio-hospital; mas, cinco dias depois, o *Quelimane* voltava para Lourenço Marques com o pretexto de fazer aguada, e lá ficou um mez.

A 19 de Julho, seguem para Lourenço Marques, *trezentos officiaes e praças julgados incapazes pela junta de saude; e a 29 retiram, pelo mesmo processo, 545, no Zaire, que chegaram ao Tungue a 24 de Julho: na sua maioria era gente da Expedição de 1915.*

Portanto, esta Expedição ficava reduzidissima, o que levou o General Gil, em 28, a telegrafar para Lisboa pedindo reforços.

Assim, só ao chegar á base d'operações é que o General comprehendia a insuficiencia numerica da sua Expedição. Em officio de 7 d'agosto, confirmando o pedido de reforços, dizia prever que o numero de baixas, por doença, seria muito grande, por isso que na Expedição de 1915 a percentagem fôra de 75 0/0. E concluia dizendo ser dever seu informar o Ministro com verdade da situação que esperava e previa.

Agora, no vasto acampamento, procedia-se á instrução das tropas e estudou-se uma carreira de tiro, que não passou de projecto, por não ter a Expedição munições proprias, «*pois não fôra dotada com granadas ordinarias.*»

A grande maioria das praças não eonhecia o meeatismo da espingarda, nem o da metralhadora!

«As munições das metralhadoras reeonheceu-se não prestarem, deslocando-se os projecteis, dando frequentes interrupções no fogo; os earluchos, mal equilibrados, não entravam nos canos.»

O comandante da artilharia teve de mandar abrir todos os cunhetes e proceder á escolha das munições.

Nos exercicios de tatica verificou-se :

a) Falta de ligação superior e inferior durante o combate, e nas marchas d'aproximação ;

b) Desconhecimento do aproveitamento do terreno ;

c) Avanços sem ordem nem coordenação ;

d) Desconhecimento do emprego da ferramenta portatil ;

e) Falta de preparação dos quadros, sem instrução, nem treino.

«A demora ali das tropas, se teve gravissimos inconvenientes de ordem hygienica, se foi prejudicialissima á saude dos homens, tornou-se providencial para lhes dar, quanto possivel, a preparação militar que lhes faltava».

Erro profundo : a demora das tropas em Palma não teve a menor vantagem, porque para nada servia a instrução a homens que ao cabo dela ficavam inuteis para o serviço.

Semanas decorriam apoz semanas, «e ao mes-

mo tempo os comandos iam triturando esta carne energica, submetendo a infantaria a flagelantes exercicios de caserna, sobre os areas ardentes da planicie. Era inacreditavel este criterio dos maioraes! Todos os dias se assistia a uma *escola de recrutas*. Parece que ás cegas tinham trazido esta gente do continente, como se fossem agarrados de surrelfa pelos campos e trazidos clandestinamente para os acampamentos destas regiões. Pode lá admitir-se com bom senso, que a soldadesca viesse para aqui repetir o que, pelo criterio da legislação de guerra, ela devia ter aprendido com proveito nos tres mezes de permanencia nos quartéis da Metropole?... (1)

«Os exercicios eram já fatigantes por si. Fazia-se á *escola de pelotão*, estabelecia-se o *serviço de segurança em estação*, simulavam-se pequenos combates, e a fechar esta obra grandiosa de tactica e estrategica, havia o famoso *exercicio de sacos*, que era o que mais horripilava o soldado, devido ao penoso cansaço que lhe infligia. Esta especialidade era executada por uma linha de atiradores deitados no chão, de ventre para baixo, e protegidos por um saco cheio de terra, que tinham á frente da cabeça, e que eles eram obrigados a deslocar com a mão esquerda, e sem se levantarem, quando houvesse necessidade de *avanços*... O resto, era os soldados regressarem aos bivaques, recosidos do corpo, espapaçados, com halucinações no cerebro e o olhar riscado das vertigens oftalmicas da luz, todos a escorrerem o visco do suor, e

(1) *Epopeia Maldita* — Antonio de Cértima — pag. 55 e seg.

cujo apetite, já meio embotado pela sede e pela fadiga, se ia apagar n'uma lata de rancho ou conservas do Algarve, empapado em 2 litros d'agua dos charcos que as glandulas sorviam com uma avidez exaustiva, raivosa, epilepsiados de vermelho! Depois disto, estiravam-se pelo chão, como toiros abatidos, e vinham as dores de cabeça, e os 40° febris!...

«Ao mesmo tempo, o tédio, — esta flor do mal, — ia dilacerando satanicamente o coração da malta. Bocejava-se a toda a hora, uma fadiga moral mais que a imensa dor dos corpos, avassalava as audacias, aniquilando a pouco e pouco o sonho heroico do instinto! O riso murchava. Aos cantos das barracas, os soldados liam as cartas da familia. Isto era a derrota, mas uma derrota sem gloria e sem nome, uma queda aviltante que fazia estremecer. Todavia, a protestar contra a derrota, a protestar contra a queda, o soldado erguia ainda o peito musculoso, e, n'um repto ousado, atirado fozosamente á cara dos que mandavam, dos que tinham a responsabilidade desta inercia criminosa, exclamavam como um tracio:

— Quando combatemos?...»

«E a uns milhares de leguas de Portugal e dos seus campos de instrução, a uns 30 kilometros do inimigo, e das suas metralhadoras, o Q. G. reedita nestas areias escaldantes e para passarem aos vindouros, a inconfundivel estopada d'uma *Escola de recrutas!*...»

«E apesar de tudo, o Q. G. lá tem as suas razões. Ha artilheiros que não conhecem, de vista sequer, a sua peça; ha soldados de infantaria a quem os escassos tres mezes da lei de recruta não permitem distinguir, talvez muito

bem, o toque de *cessar fogo* do sinal de *carga*. Nos batalhões não ha maqueiros devidamente instruidos. Soldados das equipagens e dos comboios, não diferenciam uma carabina Mannlicher duma espingarda Mauser-Vergueiro; nunca deram um tiro com a pistola da ordenança, nunca tiveram, mesmo, instrução theorica de tiro.

«E os comandantes dos batalhões, alarmados com esta ignorancia universal, lembram a necessidade de aproveitar tão longos dias de repouso, para algumas horas de instrução diaria... Em outros dias da semana é a instrução de tiro, n'uma vaga *carreira* improvisada n'uma *langua*.

«Não ha entusiasmo, juventude, galhardia mocidade que resistam ao halito da fornalha destas areias, quando o sol, depois das 8 horas da manhã, começa subindo em braza viva... Os soldados, porem, começam já caindo como tordos, tiritando com as primeiras febres, ganhando a cor esverdeada e terroza dos primeiros impaludismos... Entretanto, de quando em quando, chegamos da fronteira, dos nossos postos do Rovuma, a noticia irritante de mais um ataque do boche... O comunicado vibra sempre do orgulho idiota de havermos resistido heroicamente, mas de havermos tambem por desigualdade de forças abandonado nas mãos do inimigo algumas dezenas de latas de conserva, alguns cunhetes de polvora, algumas carcassas de carregadores e soldados negros prisioneiros» (1).

O general visitou as posições e postos da margem direita do Rovuma: o estado sanitario das

(1) *Tropa d'Africa*, Carlos Selvagem.

guarnições não podia ser peor. Os doentes da 21 e da G. R. de Lourenço Marques, achavam-se em Kionga em barracas miseraveis, e o general ficou desagradavelmente impressionado com o estado fisico e moral desses desgraçados.

O hospital de Melamba, bem situado, . . . não tinha agua; o mesmo succedia em Cullindi.

Foi a Namoto cuja posição a cavaleiro do rio dominava a margem oposta occupada pelos Alemães; visitou ainda os portos de Namiranga, Namoca, Nachinamoca, e a 21 estava de regresso a Palma, e nomeava o Coronel Moura Mendes, comandante da região de Kionga, levando consigo uma companhia do 24 e uma secção d'artilharia; depois, mandou outras unidades para Namoto e outros postos, afim de renderem as guarnições que ali estavam havia muito.

Um pelotão de engenharia foi abrir a estrada Palma-Namoto; uma brigada de telegrafistas ligou Palma com Nhica; reconheceu-se o terreno para N. de Palma até ao Rovuma e de Nhica á foz do rio, bem como o local para o lançamento duma ponte sobre o Rovuma.

No entanto os Alemães iam operando activamente e a 31 de Julho atacam o posto de Nangadi, d'onde são repellidos; repetem o ataque a 1 d'agosto com o mesmo resultado.

Como já dissémos, o General Gil recebeu do General Smuts um convite para entrar em operações o mais depressa possivel.

Nesta data, a situação militar era a seguinte:

O grosso das forças inglezas, — 50 mil homens, — directamente sob o comando de Smuts operando perto de Kilima-Njaro, repelira os alemães para sul, apoderando-se de Mashi e Arusha, terminus da linha ferrea de Tanga. Os alemães re-

tiram para a região de Msambara, e apoiando-se na costa, esperam os inglezes ao longo d'aquelle caminho de ferro.

Então Smuts dividiu o seu exercito em 3 grupos:

1.º comandado pelo general Hoskins, constituido por tropas inglezas, indianas e africanas;

2.º comandado pelo general Van Deventer, de Sul Africanos;

3.º tambem de africaners, comandado pelo general Coen Brits.

Van-Deventer avança sobre Masai Stepp, e a 19 d'abril ocupa Kondoa-Ironge, onde os alemães o atacam a 9 de Maio e o deteem até á primeira quinzena de Junho; mas, então, Van-Deventer retoma a ofensiva e segue na direcção do caminho de ferro central.

As columnas Hoskins e Brits detem o inimigo em Msambara, tomam Wilhelmsthal em 12 de Junho, e Korongue em 15, e os alemães retiram por Andeni para os Montes Negurú; os inglezes, porem, na segunda quinzena de Junho apoderam-se d'aquelles dois pontos, e a 7, de Tanga e de toda a costa até Bagamoio: o inimigo retira na direcção do caminho de ferro central.

A columna do general Northey, que operava a NE do Nyassa, sae de New Langenburg sobre Malangal, que atinge na 1.ª quinzena d'Agosto.

Os belgas, sob o comando do general Tombeur operam na fronteira oriental do Congo e na região do Lago Vitoria, com a sua base em Bukate na margem do Lago, e o coronel Militor, a 6 de Maio, ocupa Kigali, a capital do distrito de Ruanda; uma columna ingleza, operando com eles e comandada pelo tenente-coronel Ardye ocupa a 9 de Julho a Ilha Ukerewe no Lago Vitoria.

A 14 de Julho os belgas forçaram o inimigo a abandonar Muanza, onde fazem a base do seu movimento contra Tabora, e os alemães retiram para o sul.

A este tempo, nós ocupavamos Kionga e colocavamos postos na margem sul do Rovuma, postos que, agora, o inimigo muito inquietava.

Esta era a situação geral á chegada do general Gil, em principios de Julho de 1916, em vista da qual, o general entendeu que a nossa missão devia ser a occupação dos portos do litoral alemão, desde o Rovuma até ao Rufiji.

No dia 8 de Julho, recebe ele um comunicado do general Smuts que dizia, em resumo :

«Todas as informações dizem que a intenção do inimigo é retirar para sul do caminho de ferro central, apoderando-se de Mabenge e da linha da costa, e talvez de Iringa. *Um avanço immediato das suas tropas, seria de grande efeito.* Agradeceria se me desse a conhecer a sua opinião a este respeito.

Resposta do general Gil: Agradece a informação e que só poderá responder cabalmente depois da concentração de todas as suas forças; «e, então, terei o prazer de me encontrar com V. Ex.^a, para acordarmos no conjuncto das operações a executar».

Qual seria a impressão do general Smuts ao receber esta resposta? Naturalmente, a de que não podia contar comnosco para cousa alguma, e contudo, o general Gil não podia responder outra cousa, pois a essa hora ainda não tinha desembarcado o material da expedição!

No dia 13 d'Agosto recebe o general Gil um telegrama do Ministro das Colonias dizendo: «Governo considera necessario iniciar offensiva

rapida, para não correremos o risco de chegar tarde ou ser inutil a nossa acção».

A que o general responde em 15, «que aneicia por efectuar a offensiva», mas não podia fazel-a já: estava desembarcando a carga do *Inhambane* e do *Machico* muito morosamente, por falta de meios de desembarque, e ainda á espera dos solipedes e da artilharia que vinha no *Amarante* e dos medicamentos do *Beira*, e do *Clan Buckingham* que deviam trazer camions da America. Estava, tambem, á espera de trez companhias indigenas que o Governador ficara de mandar e do esquadrão de cavalaria 3, então estacionado em Porto Amelia, e, assim, supunha não poder atravessar o Rovuma antes da primeira quinzena de Setembro; renova o pedido de navios hospitaes, e justifica, ainda, a sua demora a entrar em operações com mais as seguintes razões: O *Zaire*, com o 3.º troço da expedição chegou ao Tungue a 24 de Julho; a 2 d'Agosto chegava o *Inhambane* com 200 cavalos e 300 muares; este gado, porem, não só não tinha ensino, como não trazia sequer cabeçadas; não havendo embarcação propria para os desembarcar, teve de ser atirado ao mar, para vir a nado para terra onde parte desapareceu metendo-se pelo mato; depois, veio o mormo que matou grande numero. Nesse mesmo navio chegaram 32 carros e 200 bois para tração. Em 9, chegou o *Machico* com 654 solipedes, fardamentos, fitas para metralhadoras, medicamentos e 2 milhões de cartuchos. A 3 de Setembro chegava o *Luabo*, com a 24.^a e a 25.^a indigenas e 276 indigenas para a columna de munições; a 4 chegava a Porto Amelia, no *Machico*, o 4.º esquadrão de cavalaria 3, mas como ao desembarcar um grande caixote com arreios de

cabeça, este caisse ao mar, ficou o gado sem cabeçadas.

«O que demonstra bem a infelicidade que nos persegue», remata o general descoroçoado.

A 5 de Setembro chega o *Amarante* com mais 724 solipedes, a 1.^a bateria de montanha e vario material; a 6, é o *Beira* com 412 praças de infantaria 21, a companhia de transportes, o estado maior e menor do 1.^o grupo de artilharia de montanha, munições, medicamentos e material telegrafico; a 19 desembarcam 800 carregadores.

A 18 d'Outubro, chega o *Africa* com o contingente para a columna de munições. Depois, vem o *Machico* com 5 Fiats, 8 Italas e 1 Réo, cuja montagem leva semanas por ser fraco o pessoal dos *chauffeurs*, e muito atacados de doenças incuraveis.

Só a 28 de Setembro, já depois de transpor o Rovuma é que chegam a Palma os 20 Kelly trazidos pelo vapor *Gaza*, mas não podiam trabalhar no terreno arenoso, e foi preciso adaptar pneumaticos ás rodas, trabalho mal feito, do que resultou rebentarem tantas camaras d'ar que se esgotaram as reservas. E por fim, quando se conseguiu ter carros bastantes, já não havia *chauffeurs*, abatidos pelas doenças e trabalho!

A 5 de Setembro recebe o general um telegrama diréto do Presidente do Ministerio, Antonio José d'Almeida, dizendo:

«Entende o Governo, diminuido nosso prestigio de Nação beligerante não se realisando quanto antes offensiva, invadindo territorio alem-Rovuma. Inglaterra deseja cooperação imediata e energica das nossas forças».

E no mesmo dia, estoutro do Governador Geral: «Consul inglez informa que campanha deve

terminar no mez corrente. Nossa situação exige acção rapida».

Ora como acima se viu, neste dia ainda, é que chegara à bahia o *Amarante* com artilharia, e no dia seguinte o *Beira* com Infantaria, etc.

Como era possivel ao general, nestas condições, qualquer movimento?

Em vez de ter preparado tudo a tempo, o Governo tudo deixou para a ultima hora, segundo o costume Portuguez, e, agora, apertado pelo Inglez, desapertava para cima do general telegramas sobre telegramas para que se puzesse em marcha.

E era por isso que o general respondia, no mesmo dia 5 de Setembro, que marcharia logo que lhe chegassem os elementos necessarios.

A 6 de Setembro, outro telegrama do Presidente do Ministerio:

«Governo inglez insiste por immediata ofensiva; Alemães concentraram-se em Mahenge.»

E em 8, telegrama do Ministro: «Seria vergonha para Exercito e desprestigio para a Patria, se a guerra acabasse antes da nossa entrada em operações. *Em circumstancias como as actuaes, deve-se avançar em quaesquer eondições.*»

E' espantoso que isto se diga!

E o general, parece que com a cabeça perdida, dizia para o Ministro:

«Tomarei a ofensiva o mais rapido possivel. Destacamento pedido meu telegrama 608 é para nos render. Expedição 916 estará exausta em Novembro proximo, com a occupação do territorio conquistado.»

Em 19 de Setembro diz o General para o Governador, que tendo-o o General Smuts consultado sobre a possibilidade de poderem as tropas portuguezas avançar para Liwale, julgava irrea-

lisavel a operação por falta de caminhos; e quando os houvesse, levaria 2 mezes a marcha e por isso respondera: Liwale é só acessivel por Kilwa-Kissiwani. Forças portuguezas podem avançar por Mikindani para Lindi caso V. Ex.^a julgue conveniente...»

Smuts responde-lhe apenas que o inimigo vae deslocar-se para o Sul de Rufigi na direcção da fronteira Sul alemã.

Ao pedido do General para lhe enviarem forças para reorganisar a expedição de 1915, e doutra expedição de efectivo igual para reforçar ou render a de 1916, respondia o Ministro em fins d'Agosto, que o Ministro da guerra só consentia em formar uma Expedição de efectivo igual á de 1915, que partiria de Portugal a 15 de Setembro, não podendo seguir os reforços pedidos, por ir isso transtornar os serviços do Exercito. Mais dizia, que no *Beira* iriam 452 praças de Infantaria 21, transferidas para as colonias nos termos do art.º 35 do R. D. E. e mais as praças necessarias para constituir-se um Batalhão d'infantaria.

Depois, recebe o General outro telegrama do Ministro dizendo:

«*Sendo de prever para breve o termo da campanha, na Africa Oriental Alemã, e parecendo suficientes as tropas que temos actualmente nessa Provincia, para a missão auxiliar que nos poderá caber desempenhar, rogo informe com urgencia se, ponderando todas estas circumstancias, e especialmente os encargos que traz para o paiz, considera, ainda, indispensavel enviar d'aqui destacamento referido no meu telegrama 989, o qual, não podendo estar ahi antes do fim d'outubro, se afigura não chegar a tempo de coope-
rar com as forças empenhadas nas operações!...*»

Esta *previsão* em 1916 de que estava a terminar uma campanha que durava, ainda, em Dezembro de 1918, dá ideia do valor dos estadistas portugueses! O que o Governo não queria era arcar com as dificuldades de organização de novas forças, visto a relutancia da população em as fornecer, não por falta de patriotismo, mas por falta de confiança nos dirigentes. Achava o Governo preferível deixar perder todo o trabalho, despesa e sacrificios feitos até então. E por esta e outras razões analogas é que fizemos um papel desgraçado em Africa, e não recebemos a menor recompensa pelas despesas em vidas e em dinheiro feitas.

O general, agora já embotado, responde pa-chorrentamente, que é indispensavel satisfazerem o pedido feito por ele, por isso que a expedição de 1916 em Novembro já deve estar exausta.

Depois, já quando a Expedição estava do outro lado do Rovuma, ainda o Ministro repetia julgar o Governo desnecessario mandar um novo destacamento de efectivo igual ao de 1915.

Recuzava pois o governo satisfazer a requisição do General, o que devia ter desastrosas consequencias.

A situação dos Aliados nos ultimos mezes era a seguinte:

Belgas: A coluna do coronel Oïen ocupa Mdjiji na primeira quinzena d'agosto, e ela e a do coronel Molitor convergem sobre Tabora, que ocupam a 17 de Setembro, retirando os Alemães por Sikonge e para S E.

Inglezes e Boers: Van Deventer ocupa a linha do caminho de ferro central, de Kilimatinde a Dodoma, avança sobre Kilossa que toma na se-

gunda quinzena d'Agosto, retirando o inimigo para Kissaki. Hoskin e Bits ocupam Bagamoyo, cercam Morogoro, apoderam-se de Kissaki e Dar-es-Salam em 4 de Setembro. A 7, a esquadra toma Kilwa. Northey ocupa Zoniga a 29 d'agosto.

O General Gil comprehende, então, a necessidade absoluta de sair da inacção em que se encontra e propõe ao Comando inglez uma marcha pelo litoral, — Mikindani, Lindi, até Quiloa para onde transferiria a sua Base d'operações, e d'ahi nos internarmos para Liwale. O comando britanico, porém, não concorda e impõe-lhe a linha do Rovuma, por Massassi e Lukeledi.

Logo na carta do Q. G. Portuguez apparecem marcados dois pontos negros — Newala e Massassi — como primeiro objectivo da Expedição.

A 15 d'agosto de 1916, o chefe do E. M. da expedição saiu a reconhecer os vaus do Rovuma para a passagem da columna, e fixou os de Nakoa, Namoto, Kionga, e o dia 17 para a passagem d'um destacamento no vau de *Nhica* e a do grosso das forças, a 19, no de Namoto; simultaneamente, forças concentradas em Mocimbo do Rovuma e Undi atravessariam o rio, ficando as de Mocimboa incumbidas de atingir Newala e Massassi, e as de Undi, — Sassavara e Songea.

Ao destacamento ou *coluna de Nhica*, sob o comando do capitão Gordo, e tendo por chefe do E. M. o capitão Liberato Pinto, deu-se a seguinte composição:

1 Secção T. S. F.;	1 comp. ^a d'Inf. ^a 23;
1 pel. de Inf. ^a montada;	19. ^a comp. ^a d'Inf. ^a indigena;
1 divisão d'art. ^a ;	21. ^a comp. ^a d'Inf. ^a indigena;
1 bateria de metralhadoras;	24. ^a comp. ^a d'Inf. ^a indigena.

Recebeu instruções para se concentrar em Naquidanga, atravessar o Rio, seguir para Mikindani pela estrada Nhica-Mikindani, cobrindo o flanco esquerdo do grosso das forças, cujo objectivo era o mesmo.

Este *grosso* foi dividido em trez colunas:

1) — *Coluna da direita* — 1 pelotão de sapedores mineiros; 9.^a, 10.^a e 11.^a companhias d'Infantaria 24; 25.^a de Infantaria indigena; 1.^a bateria do 5.^o grupo de metralhadoras; 1 divisão d'artilharia de montanha. Esta coluna era comandada pelo Major José Pires, tendo por oficial do E. M. o capitão Mesquita.

2) — *Coluna do centro* — 9.^a, 10.^a, 11.^a de Infantaria 25; companhia indigena da G. R. de Lourenço Marques; 1.^a secção do 7.^o grupo de metralhadoras. Comandante Major Aristides da Cunha; E. M. capitão Brito.

3) — *Coluna da esquerda* — 22.^a indigena; 9.^a, 10.^a, 15.^a de Infantaria 28; escolta do Q. G.; 2.^a bateria do 6.^o grupo de metralhadoras. Comandante, Major Gama Lobo; E. M. capitão Machado.

4) — *Reserva geral* — 12.^a do 24; 12.^a do 22; 1.^a companhia europeia expedicionaria.

A *coluna do Lago*, do comando do Major Campos, e organizada pela expedição de 1915, apesar de muito fraca já, recebeu ordem para marchar na direcção do L. Nyassa, e por ahi, alcançar Songea: o absurdo desta ordem é evidente, e por isso nada fez e nela não tornaremos a falar, porque morreu de inanição.

A occupação de Mikindani pelos inglezes incomodou o general Gil, porque verificou que com todos estes nossos vagares, já não podiamos exer-

cer qualquer acção nos portos do litoral, campanha mais facil e mais proveitosa, e teriamos de ir para o interior se alguma cousa queriamos fazer.

Evidentemente, o comando inglez não podia estar á nossa espera, e, de resto, não lhe convinha a nossa instalação no litoral.

Na sua ilusão de alguma cousa fazer nos portos, o general a 10 de setembro escreve ao comandante Freitas Ribeiro, pedindo a comparencia do *Adamastor* e da *Chaimite* no Rovuma afim de cooperarem nas operações. O comandante Freitas Ribeiro, porem, n'uma conferencia que no dia seguinte teve com o general, disse julgar inconveniente o bloqueio, pois estava a cargo dos inglezes; e que para qualquer offensiva em terra, não tinha gente.

Apezar disso, o general faz expedir ordens para a concentração em Naquidama, das forças que deviam operar a montante de Nhica, e em Namoto, do grosso das forças. A 10 de setembro deslocam-se as primeiras tropas, mas a 13 recebe o general um telegrama do almirante inglez annunciando a occupação de Mikindani. . .

Codilhado, o general confessa no seu relatório, «ter ficado deveras embaraçado»; o caso não era para menos, pois o inglez apressara-se a occupar Mikindani, o porto mais proximo de nós, deixando nas mãos do inimigo, ainda, outros portos mais ao Norte.

Eis o resultado das hesitações e demoras em Palma, devidas á lentidão da concentração e falta de preparação. O general sabia muito bem, que os inglezes sempre tiveram a preocupação de nos afastar do litoral alemão; Smuts insistia sempre porque occupassemos o vale do Rovuma, ati-

rando-nos para o interior e não nos cedendo uma polegada de terreno para além da fronteira.

A 14 de setembro começou o levantamento dos acampamentos, saindo infantaria 21 e 24, grupo de metralhadoras, viaturas de munições e cavalaria; os soldados soltavam gritos de prazer por saírem do estagnamento em que os tinham conservado tanto tempo.

A 15 saíram o 23 e o 28.

«Subia a ansiedade, o burborinho, o ruído. Uma sensação eloquente andava á flor das almas como um verso épico dos *Luziadas*... O *Serrano* sentia nos ouvidos as notas estridentes d'um clarim a buzinar-lhe uma divina canção d'ouro! E o coração acelerava-se-lhe, o olhar ardia-lhe, e a architectura da boca rude mal chegava para dar forma ao turbilhão dos sentimentos que vinham lá do fundo a borbulhar como jorros candentes d'um metal precioso, informe e quente, a espadanar rutilações.

Berrava, gesticulava, cantava, e tudo a correr, n'uma pressa doida, — a pressa de quem corre para a morte, — ou para o triunfo da vida, os dois polos magneticos do homem».

A' 1 hora da noite de 16, o batalhão estava em forma: «O corneteiro deu o toque de *4 á direita*; o major comandante pigarreou a voz de *marcha!* — e o batalhão rolou na poeira do caminho, e sob o ceu picado de duvidas, em direcção a Kionga».

Apoz esta marcha de noite, chegam a Kionga os officiaes que iam a cavallo, com algumas praças, excepções de energia: o grosso do batalhão ficou espalhado pela floresta, cahido de cansaço sob o peso do malote onde cada um metera quanto pudera, e ainda, os 150 cartuchos da Mauser.

A Kionga, deserta, foram chegando os soldados, aos poucos e poucos, durante toda a noite.

Na madrugada seguinte, largava para Namoto onde em 16 se estabelece, o Q. G., e se concentra toda a expedição. Enquanto esta concentração se fazia, lá para dentro, a uns 40 kilometros da foz, a coluna de Nhica, também chamada *Coluna Negra*, reconhece em 16, o vale de Mayembe, e a 17, o de Nhica com a troca de alguns tiros; a 18 atravessam o rio sem um só tiro, 6 kilometros a montante de Nhica.

Em 18 de setembro, faz o general expedir a *ordem para marcha*, que segue:

EXPEDIÇÃO

A MOÇAMBIQUE

QUARTEL GENERAL

N.º 14

Namôto, 18 IX-1916

às 16 horas

Ordem para a marcha
para 18/19

DISTRIBUIÇÃO

DAS TROPAS

Coluna da esquerda

22.ª companhia indígena, 9.ª, 10.ª, 11.ª companhias de infantaria 2ª, escolta do quartel general, 2.ª bateria do 8.º grupo de metralhadoras. — Commandante major Lobo.

I. SITUACÃO: O inimigo ocupa a margem norte do Rovuma. A montante, em Nhica, passa uma coluna das nossas forças.

II. FIM: Tomar posições na margem esquerda do Rovuma para passar o rio e nos locais indicados pelo itinerario.

III. DISPOSIÇÕES:

a) Coluna da esquerda, estrada de Nachinamoca, caminho para O. até 7 kilometros Coluna do centro, estrada de Nachinamoca—caminho de planalto a 1500 metros de

Coluna do centro

9.^a, 10.^a, 12.^a companhias de infantaria 23, companhia indigena guarda republicana, secção de metralhadoras do 7.^o grupo. — Comandante major Cunha.

Coluna da direita

1 pelotão de sapadores mineiros, 9.^a, 10.^a, 11.^a companhias de infantaria 24, 25.^a companhia indigena, 1.^a bateria do 5.^o grupo de metralhadoras. — Comandante major Pires.

Reserva geral

12.^a companhia de infantaria 24, 12.^a companhia de infantaria 28, 1.^a companhia europeia expedicionaria.

Namoto-margem do rio. Coluna da direita, estrada de Nachinanoca — estrada do estaleiro (planalto) — estrada para a margem do rio. Reserva geral tem o itinerario da coluna do centro abrigando-se na margem do rio.

b) Horas de partida:
Coluna da esquerda, 17^h.
Coluna do centro, 1^h.
Coluna da direita, 2^h.
Reserva geral, 2^h 30^m.
Grupo de artilharia, 3^h.

c) Cavalaria: Segue o itinerario da coluna do centro, aguardando ordens ao N. do bivaque da coluna, ás 5 horas.

d) Artilharia: Toma posição inicial: a 5.^a bateria a N. de Namoto; a 2.^a e 4.^a, no planalto a O. de Namoto; a 1.^a divisão da 1.^a bateria fica em reserva a N. O. do bivaque da coluna.

e) Engenharia: Estabelece ligações telegraficas das colunas e artilharia com o quartel general e organisa a passagem do rio para a coluna da direita e para as evacuações e abastecimentos.

f) Ligações: Cada coluna terá um oficial de artilharia. Por cada batalhão e grupo de artilharia serão fornecidas ao quartel general duas ordenanças. Por cada companhia indigena uma ordenança.

g) Ambulancia: Estabelece-se no estaleiro (planalto) ás 4 horas.

h) Alimentação: As forças transportam um dia de viveres de reserva para o consumirem.

i) Trens regimentaes: Aguardam ordens em Namoto carregados com um dia de viveres de reserva e tendo os solipedes desengatados.

j) Guias: Cada coluna, esqua-

Transmitido aos comandantes das unidades.

drão, grupo de artilharia terá um interprete e um guia.

IV. LOCAL DO QUARTEL GERAL: Na crista militar a O. do esteiro, 300 metros.

1

Namôto 18

15

Para combate

19

DISTRIBUIÇÃO DAS TROPAS

Coluna da direita

9.^a, 10.^a e 11.^a companhias de infantaria 24, 23.^a companhia indigena, 1.^a bateria do 5.^o grupo de metralhadoras. — Comandante major Pires. — Adjunto do Estado Maior capitão Mesquita.

Reserva geral

12.^a companhia de infantaria 24, 12.^a companhia de infantaria 28, 1.^a Companhia Europeia Expedicionaria.

I. SITUAÇÃO: Inimigo ocupa a margem N. do rio Rovuma. A montante em Nhica passa hoje uma coluna. A jusante encontram-se *Adamastor* e *Chaimite*.

II. FIM: Transpor Rovuma de jangada e a vau de madrugada, atacando ao nascer do sol o Quartel de Migomba e depois a fabrica. As colunas do centro e da esquerda transpõem o Rovuma simultaneamente.

III. DISPOSIÇÕES:

a) Infantaria: Marcará a passagem por secções que ganharão terreno para a margem N.

b) Cavalaria: Seguirá a coluna do centro e terá por missão perseguir o adversario.

c) Artilharia: Posição inicial em Namôto. Uma bateria de acompanhamento procederá conforme ordens posteriores.

d) Engenharia: Procede ás ligações telegraficas e faculta as evacuações e reabastecimentos por jangadas.

e) Ligações: A coluna deve cobrir as forças de marinha que pro-

curem fundeadouro. A coluna do centro deve manter a ligação pela margem N. do Rovuma com ela.

f) Alimentação: As tropas transportam um dia de viveres de reserva para o consumirem.

g) Ambulancia: Junto da reserva geral e depois Naceas.

h) Evacuações e reabastecimentos: Realisam-se por Naceas.

i) Reserva geral: No caminho marginal a Noroeste de Namôto á disposição do Comando Superior.

IV. LOCAL DO QUARTEL GERAL: Junto da reserva geral e depois da madrugada Naceas.

Transmitido por escrito ao comandante da coluna.

Namôto, 18-9-1916

às 21 horas

1

Para combate

16

19

DISTRIBUIÇÃO DAS TROPAS

Coluna do centro

9.ª, 10.ª e 12.ª companhias d'infantaria n.º 25, Companhia indígena da Guarda Republicana, Secção da 2.ª bateria do 7.º Grupo de Metralhadoras.
— Comandante major Cunha, Adjunto do Estado Maior capitão Brito.

I. SITUAÇÃO: O inimigo ocupa a margem N. do rio Rovuma. A montante em N'lica passa hoje uma coluna, a juzante encontram-se o *Adamastor* e *Chaimite*.

II. FIM: Transpor o Rovuma a vau de madrugada e ocupar ao nascer do sol o sector a N. O. de Nacoas dois kilometros cobrindo esta povoação dos ataques inimigos. As colunas da direita e esquerda transpõem o Rovuma simultaneamente.

III. DISPOSIÇÕES:

a) Infantaria: Marcará a passagem para sucessivas colunas orientadas a N.

b) Cavalaria: Seguirá a coluna

Reserva Geral

12.^a companhia d'infantaria n.º 24, 12.^a companhia d'infantaria n.º 28, 1.^a Companhia Europeia Expedicionaria.

do centro e terá por missão perseguir o adversario.

c) Artilharia: Posição inicial em Namôto. Uma bateria de acompanhamento, procederá conforme ordena posteriores.

a) Engenharia: Procede ás ligações telegraficas e faculta as evacuações e reabastecimentos por jangadas.

e) Ligações: A coluna deve manter a ligação com esta.

f) Alimentação: As tropas transportam um dia de viveres de reserva pára o consumirem.

g) Ambulancia: Junto da reserva geral e depois Nacoas.

h) Evacuações e reabastecimentos: Realizam-se por Nacoas.

i) Reserva geral: No caminho marginal a Noroeste de Namôto á disposição do Comando Superior.

IV. LOCAL DO QUARTEL GERAL: Junto da reserva geral e depois da madrugada Nacoas.

Namôto 18-9-1916

ás 21 horas

1

Para combate

17

19

**DISTRIBUIÇÃO
DAS TROPAS**

Coluna da esquerda

9.^a, 10.^a e 11.^a companhias de infantaria n.º 28, 22.^a companhia indigena, 2.^a bateria

I. SITUAÇÃO: O inimigo ocupa a margem N do rio Rovuma. A montante em N'hica passa hoje uma coluna; a jusante encontram-se o *Adamastor* e a *Chaimite*.

II FIM: Transpor Rovuma a van de madrugada e atacar ao nascer do sol Kionga e Katibus. As colunas do centro e direita transpõem o Rovuma simultaneamente.

do 8.º Grupo de Metralhadoras, Escolta do Quartel General. — Comandante major Gama Lobo, Adjunto do Estado Major capitão Machado.

Reserva geral

12.ª companhia d'infantaria n.º 24, 12.ª companhia d'infantaria n.º 28, 1.ª Companhia Europeia Expedicionaria.

III DISPOSIÇÕES:

a) Infantaria: Marcará a passagem de sucessivas colunas intervaladas cerca de vinte metros. O posto de Nachinamóca fica subordinado ao Comando da Coluna da esquerda e ocupado por força mínima.

b) Cavalaria: A escolta do Quartel General deve passar a vau de madrugada e perseguir o adversario procurando ligar-se á cavalaria que seguirá a coluna do centro e que tem missão identica.

c) Artilharia: Posição inicial em Namôto, devendo convergir o fogo de Nachinamóca no ataque a Katiibus. Uma bateria de acompanhamento procederá conforme ordens anteriores.

d) Engenharia: Procede ás ligações telegraficas e faculta as evacuações e reabastecimentos porjangadas.

e) Ligações: A coluna deve procurar a ligação com a coluna do centro pela margem do N. do Rovuma.

f) Alimentação: As tropas transportam um dia de viveres de reserva para o consumirem.

g) Ambulancia: Junto da reserva geral e depois Nacoas.

h) Evacuações e reabastecimentos: Realizam-se por Nacoas.

i) Reserva geral: No caminho marginal a Noroeste de Namôto á disposição do Comando Superior.

IV. LOCAL DO QUARTEL GENERAL: Junto da reserva geral e depois da madrugada Nacoas.

EXPEDIÇÃO

A MOÇAMBIQUE

Namôto, 19-IX-1916

QUARTEL GENERAL

às 6 horas

N.º 18

Ao Senhor Comandante
da reserva geral

Namôto

General diz tome disposições para passar nas jangadas, depois de ter atravessado o rio a coluna da direita.

EXPEDIÇÃO

A MOÇAMBIQUE

QUARTEL GENERAL

Namôto, 19-IX-916

1.ª Repartição

às 6 horas e 20 minutos

N.º 19

Ao Senhor Comandante
da coluna da direita

Namôto

General manda pôr disposição coluna direita a divisão de artilharia de reserva que deve passar jangada em seguida á coluna.

A reserva geral atravessará depois o rio para jangadas.

EXPEDIÇÃO
A MOÇAMBIQUE

QUARTEL GENERAL

1.ª Repartição

N.º 20

Namôto, 19-IX-916

às 7 horas

Ao Senhor Comandante do 4.º
Esquadrão do Regimento
de Cavalaria N.º 3

Namôto

General diz comandante venha
com um oficial do quartel general.
Solipedes podem ficar, se enten-
der conveniente, desaparelhados
até seu regresso.

EXPEDIÇÃO
A MOÇAMBIQUE

QUARTEL GENERAL

1.ª Repartição

N.º 21

Namôto, 19-IX-916

às 9 horas e 10 minutos

Ao Senhor Comandante
da Reserva Geral

Namôto

Excelentissimo General diz 1.ª
companhia expedicionaria deixa de
estar subordinada á reserva geral,
passa a estacionar na margem do
rio ao sul das jangadas e fornece
imediatamente vinte (20) homens
desiquipados ao comandante de en-
genharia nas jangadas.

EXPEDIÇÃO
A MOÇAMBIQUE

QUARTEL GENERAL

Nacoas, 19-IX-916

1.ª Repartição

às 12 horas

N.º 22

Ordem para o estacionamento
para 19/20

I. SITUAÇÃO: O inimigo abandonou os seus entrancheiramentos na margem norte do Rovuna.

II. FIM: Bivacar junto do Quartel de Migomba.

III. DISPOSIÇÕES:

a) Postos avançados: constituídos pelo 3.º batalhão de infantaria 23 no semi-circulo tendo por centro o quartel.

b) Comandante do estacionamento-Major Pires.

c) Ligações: O esquadrão de cavalaria envia patrulhas ao anoitecer e de madrugada para o posto da Fabrica, para Nacoas e para o norte pela estrada para Mikindane, comunicando horario destas patrullias ao comandante do estacionamento e dos postos avançados.

d) Alimentação: Pelos trens regimentais que fornecerão rações de reserva com um suplemento de chouriço e vinho.

e) Local de distribuição: De frente das jangadas às 6 horas de 20.

IV. LOCAL DO QUARTEL GENERAL: Namôto.

Distribuida aos comandantes de coluna e de cavalaria.

O Comandante — (a) *Ferreira Gil* (general).

Na madrugada de 19 a coluna que durante a noite saiu de Namoto, estava na margem direita do rio, pronta para o atravessar. Eram 4 mil homens com 2700 espingardas, 10 metralhadoras, 14 peças T. R., divididos em tres colunas como atraz dissemos, e a reserva geral.

«A tropa do 28, marchára em 18, para Nachinamóca (1), onde devia tomar posição; e, assim, á boquinha da noite, as tres companhias, 9.^a, 10.^a, 11.^a, lá começaram a esgueirar-se atravez do arraial de Namoto, n'um bota fora funebre, elegiacamente. Depois, foi a entrada no matagal cerrado, erriçado d'uma vegetação hostile, que mais atormentava o pezadelo da marcha. Caminhava-se a um de fundo, n'uma bicha enorme... Marcha terrivel... ofegava-se.

«A's vezes, o salto brusco duma fera que se escapulia, a passagem d'um antilope assustado, dava o rebate do inimigo... e então, a noite riscava-se de pavores e a soldadesca desvairava, com a mão, ora acariciando a escopeta ou aferada com o nervozo, ao punho do sabre. Daqui a tensão moral que oprimia a marcha. Pelas 10 horas da noite estavamos no lugar destinado às posições de partida para a travessia. Começa, então, uma noite horrivel, mordida de trevas e apprehensões de toda a ordem, fantastica, crua, flagelante. Acachapados, cosidos com a terra, o equipamento a tolher a respiração, os musculos oprimidos, sendo vedado fumar ou conversar, asfixiados, meio tontos, os soldados viviam a sua peor hora, ou antes, a sua hora superior... E

(1) Antonio de Cértima—*Epopéia Maldita*.

assim esta noite rolou até agora, — madrugada de 19, junto ao rio.

«Os soldados com as roupas enxarcadas pela cacimba, as pernas tropegas da imobilidade, encostados ás espingardas, esperam já meio vencidos.

A's 5 da manhã, dá-se uma ordem, e começam a descer para o rio a cuja borda ha nova espera; profundo silencio acabrunhante: e o *medo* em formas vagas, fantasticas adeja sobre a coluna pondo arrepios no dorso; uma pá, picareta que tenia batendo de encontro aos arbustos e logo abafada com irritação».

«Cinco horas e um frio alvacentos; de repente um tiro... depois outro... e outro; o *Adamastor*, na foz do rio abrija o fogo, com o fim de proteger a passagem da coluna, e logo a artilharia de montanha se faz tambem ouvir. A uma ordem, os homens metem os pés á agua, batendo o dente, a espinha gelada.

Entra primeiro a tropa negra, depois, a 11.^a e o 28 por secções de costado. Enthusiasmo, não ha, nem confiança: tudo isso desapareceu de ha muito.

«Desprovidos de base moral, sem convicções nem confiança nos chefes; desprezando os governos, esses dirigentes do Paiz que os mandaram para a Africa, para a guerra, sem preparação, sem chefes habéis, e sem mais se importarem com eles, aqueles homens, ao entrar na agua, desmascaravam-se, e confessavam-se uns aos outros como condemnados á morte: um capitão entrega ao impedido, uma medalha, para que lha leve para Portugal; outro, incumbe um sargento de lhe olhar pelo espolio; quasi todos cochicham fazendo as ultimas disposições.

Continua a ouvir-se o troar da nossa artilharia, sem resposta; a coluna, agora, está toda dentro d'agua, avançando lentamente, apalpando o fundo do rio com a ponta do pé, antes de o assentar, com a agua subindo sempre, até aos sovacos... Se o inimigo neste momento surgisse com duas boas descargas!...

Mas não, felizmente; e percorridos os mil metros de rio, os soldados indigenas, que iam na frente, poem pé na margem esquerda, seguidos pelos europeus; e então, sacodem a agua do corpo, como fazem os cães, e voltam-se a fitar o *Rovuma*, esse *papão* que tantos sustos causára, tão facilmente vencido. A coluna da direita atravessára o rio em jangadas, as outras a vau. Para montante de N'hica, o capitão Torre do Vale faz uma demonstração, e no planalto de Namôto uma peça de 10,5 esperava a voz d'alarme. E ás 2 horas da tarde deste dia 19 de Setembro de 1916 a Expedição em territorio alemão, içava o pavilhão verde-rubro de Portugal n'um mastro erigido na Steppe de Migomba (1).

O inimigo desde 17 que retirára para Oeste!

Em 18, o pelotão de cavalaria da *Coluna negra*, atravessava o *Rovuma* no vau de Mayemba, ás 3 da madrugada:

«Havia um luar palido, escasso, de quarto minguante (2), claridade suficiente para avançarmos na agua, sem nos denunciarmos á outra margem. Uma aragem fresca, suavissima, agitava os canaviaes e juncos altos da nossa margem, com um brando rumor espreguiçado, que talvez marcas-

(1) Antonio de Cértima — *Epopéia Maldita*.

(2) Carlos Selvagem — *Tropa d'Africa*.

sem o marulho de agua agitada de leve, pela travessia de tantos homens... Lá longe, na outra margem, as suas colinas tenebrosas permaneciam silenciosas e torvas; e por unico sinal de vida, a debuxar uma linha de vigilancia de sentinelas *askaris*, de espaço a espaço, alguns lumes timidos de fogueiras, bruxoleavam, imoveis, sob os arvoredos, ou se deslocavam como candeias de bruxas que vagueassem por trilhos familiares».

Paráram á espera do grosso da coluna; este, porem, perdera-se no caminho, e desde as 3^h, 30^m da madrugada até ás 11, (7 horas e meia), estivemos na margem á espera dela».

A Expedição bivacou proximo ao Quartel de Migomba.

O 3.º Batalhão do 23 estabeleceu os postos avançados; ocuparam-se os postos de Marunga, Migomba e Fabrica.

O total do efectivo presente nesta manhã de 19 de Setembro, numerava 120 officiaes, 4060 praças, representando 2682 espingardas (1), 10 metralhadoras, 14 peças de T. R.

Então, na selva de Migomba corre o boato:

— Regressa-se a Portugal!...

Donde partiu ele? Não se sabe. De resto era o que melhor havia a fazer. O Inglez apoderara-se já da terra e para nos afastar as pretensões denominara-a:

— *Districto inglez de Mikindani.*

(1) A comparação destes dois numeros demonstra o desperdicio de homens pela má organização: n'um efectivo de 4.000 homens figuram como não combatentes 1378, isto é mais de $\frac{1}{3}$.

E não consentia em que avançássemos para o Norte.

Que estávamos, pois, ali a fazer? E em Namôto principiou-se a encaixotar tudo para o regresso.

Combate de Mahuta

4 de Outubro de 1916

Constava ter o inimigo retirado na direcção de Newala e Massassi, e o General apesar de ter resolvido *esperar instruções do Governo*, ordenou um reconhecimento a Newala, «*como preparativo para empreza de maior monta*». Constava haver ali uma guarnição Alemã de 18 europeus e 500 Askaris, com 1 peça e 2 metralhadoras.

Foi nomeado o capitão Liberato Pinto para fazer um reconhecimento, levando, *como escolta*, um destacamento composto pelas 19.^a e 24.^a indígenas e 1 bateria do 4.^o grupo de metralhadoras. E' a *coluna negra*.

Evidentemente, esta força, para *escolta* era demasiada, para *operar* era insuficiente: para que a nomearam? Com 4 ou 5 homens desembaraçados e bem montados, o capitão fazia muito mais e melhor.

Largaram a 25 de Setembro, e a 28 estavam em Mayemba já com o gado fortemente dizimado; a 30 atingem Miambue; a 4 d'outubro, pelas 15 horas, entre Mahuta e Nkunde são atacados pelos alemães e retiram para Sikumbiro, «por, se aproximar a noite e haver falta d'agua».

A 4 d'outubro, a coluna larga de Sikumbirio ainda com estrelas no ceu: deixam a margem do rio, e vão subindo a rampa escarpada, com pequeno declive...

«Veio o sol chispando taliscas de fogo no aço das armas, e a matulagem negra, de guelas a escalear, sonhando nos jorros d'agua fresca que Mahute prometia, vá de escalar os ultimos talhões, n'uma poeiraça brutal, correndo e resfolgando. Como em paiz conquistado, a tropa ia á vontade, morta de sede, mas sem pensar na morte. Aquilo de inimigo não existia. Tinham-o visto, sempre, incendiar palhotas, destruir os postos, e ao fim por-se na perna... de resto, um tiro seco na floresta, um despejar de cartuchos da parte dos nossos... e nada mais.

«Passaram horas de queima. A torreira do meio dia inflava nas latas dos cantis quentes, sem pinga d'agua e punha camarinhas de suor na caveira prognatica dos landins. Havia um desespero surdo na resignada tortura desta récua de valentes...»

«Vão marchando; n'uma volta do caminho, de subito, rebenta o fogo de dentro do mato, um fogo doido, n'uma rajada, n'um ciclone, n'um inferno! Eram 16 horas.

Segue-se o panico; debandam largando as armas; foge-se n'um galope, com espanto, atabalhoadamente... empurram-se, atropelam-se, ha um tumulto de luta! Ha um caminho por onde todos se precipitam, uma nesga que o Boche propositadamente deixara livre e por onde os nossos se precipitam; a garganta d'um terrivel despeinhadeiro aparece, e onde se despejam todos, não tornando a aparecer! Um horror! Metralhadoras, gado, armamento, tudo foi abandonado. Era a

flecha da coluna. Era muito, mas não seria nada se uma voz de comando se erguesse firme num momento. E tudo desandou. Apenas um sargento, agarrado á sua metralhadora, n'um esforço epico, esplendido de desespero ficou despejando fitas para o mato.

Então, o fogo do Boche abrandou e a matulagem estacou e reorganizou-se. No fim da tarde, o inimigo já não respondia. Com as sombras da noite, a tropa escoava-se pela vereda de Natchichira, indo aninhar-se em Sikumbiro. Nos montes de Mahuta ficavam para sempre, 1 alferes, 1 sargento e algumas duzias de cabos e soldados. Feridos, 1 capitão, 1 sargento e 12 soldados. A 21.^a indigina perdeu $\frac{1}{3}$ dos graduados e $\frac{1}{4}$ dos soldados».

O capitão Curado, no seu Relatorio diz: Iniciou a marcha ás 6 da manhã de 4 de outubro, com a sua companhia como guarda-avançada. A's 16 horas o inimigo ataca de frente. Com a extrema guarda-avançada ia o capitão Liberato Pinto que dirige o movimento, e o capitão Zilhão d'artilharia. Curado ia com o grosso da guarda-avançada. Ouvindo fogo na extrema guarda-avançada, Curado fez estender em atiradores: o inimigo estava disposto em duas linhas, uma a 60^m e outra n'uma elevação a 1000^m. Liberato Pinto e Zilhão, passam para a retaguarda. Curado, com custo, faz avançar a linha d'atiradores, obrigando a 1.^a linha do inimigo a recuar; porem, parte dos soldados de sua companhia escoam-se e desapparece; o grosso da coluna faz o mesmo, e Curado então retira indo ocupar uma posição mais atraz; chegava ahi, quando ouve tocar a retirar, e retrocede passando atravez do material que a coluna abandonara.

Curado atribue a fuga da sua gente á falta de preparação dos seus soldados, incorporados á



ultima hora na companhia, «e á falta de assistencia moral, talvez, menos vontade, da maioria dos graduados, officiaes ou não, para qualquer esforço onde possa perigar a sua vida. A quantidade de partes de doente e baixas ao hospital que tem levado á mutação constante dos graduados nas unidades, e mesmo, falta desses graduados na unica occasião em que podiam dar alguma cousa ao paiz que lhes sustenta a vaidade do uniforme e paga do tempo de paz, tambem deve ter influencia no moral do soldado preto, bem mais observavor do que se julga».

Os que escaparam, seguiram para Sikumbiriro, onde se achava a *Coluna de Massassi* do comando do Major José Pires do 24, que ali, «de olho cautelozo pela fumaceira lá de riba, esperou alentos afim de proseguir na marcha, aqui interrompida á força, neste rescaldo duma peleja dura» (1).

O comandante Liberato Pinto, batido, desorientado, só parou em Palma, e a gente ficou no areal á espera de reforço.

Falei na *Coluna Massassi* sem ter dado explicação da sua organização para não interromper a descripção do combate de *Mahuta*; convem por tanto, agora dizel-o:

Nos principios d'Outubro fez o general organizar uma nova coluna para apoiar e reforçar a outra, de reconhecimento, do capitão Liberato Pinto. Compunha-se esta coluna de 1 pelotão d'infanteria montada, 2 companhias indigenas d'infanteria, 1 divisão d'artilheria e 4 metralha-

(1) Antonio de Cértima — *Epopéia Maldita*.

doras, e entregou o seu comando ao Major José Pires do 24.

A 9 d'outubro, esta coluna estirava-se alquebrada, nas areias do posto de Sikumbiriro, na falda alemã do planalto de Newala. Outra coluna seguiu esta, comandada pelo Major Gama Lobo do 28, composta de 9.^a e 10.^a do 28, uma divisão d'artilheria e 3 metralhadoras. Sairam de Migomba ás 4 horas de 9 d'outubro e chegam a Massunga no mesmo dia; em 10 fazem uma exgotante marcha de 24 kilometros chegando ao antigo posto alemão do Tchidia em frente a N'hica; a 11 estão em Mayemba, 26 kilometros debaixo de sol; a 12 d'outubro Kiromba; em 13 já não teem rações; em 14 recebem alguma bolacha e café; em 15 ligam-se em Sikumbiriro com a coluna de Massassi do comando do José Pires, «que aqui digeria pacatamente os ultimos écos do desastre de Mahuta, e com prudencia, tomava alentos, á espera de forças novas para proseguir na marcha...»

Reunidas as duas colunas, com elas e com os restos da *Coluna Negra* de Liberato Pinto, organisou-se a *Coluna de Massassi*, como adeante veremos.

No entanto, passavam-se alguns dos postos da margem direita do Rovuma para a esquerda: o de N'hica foi para Tchydia, o de Nachinamóca para Massunga, o de Namoca para Fabrica. Feita esta occupação recebe o General uma comunicação de Smuts, de que o Comandante de Mikindani informava que soldados nossos tinham assassinado um indigena «em territorio pacificamente occupado por forças do meu comando». O general protes-

tou contra o facto dos Inglezes se julgarem senhores do territorio ao N. do Rovuma que nós, só agora invadiamos, e nesse sentido telegrafou para L. Marques e Lisboa.

O Governador geral concorda com a opinião do General Gil, mas alvitra que as nossas tropas avancem para Mahenge, ou directamente, ou por Liwale.

O general fica assombrado e retorque que um tal movimento, para tão longe da costa, era incompativel com as nossas forças e recursos, e desprovido de transportes e comunicações faceis; e acrescenta:

«Era deveras para extranhar a insistencia do Governador Geral em se ingerir na direcção da campanha, o que só a mim pertencia, e indicar planos de operações, quasi sempre irrealisaveis.»

Não ha duvida que o absurdo da proposta é evidente: a Expedição com menos de 3 mil espingardas, desprovida de transportes e de viveres, e composta de elementos já desmoralizados desde Lisboa, e sem organização nem disciplina, como poderia fazer um percurso que a levava a operar a uns 400 kilometros da base?

Para demonstrar ainda, o desacerto desta maneira de ver, bastará notar que o Ministro das Colonias tambem viu as cousas assim, e nesse sentido telegrafava ao general: — Que avançasse; que fosse para Mahenge combinando com o comando inglez as disposições que lhe facilitassem os abastecimentos (1) e não demorassem a sua acção, *fossem quaes fossem as difficulda-*

(1) O Governo é que não queria tratar disso; empurrava então, a expedição para os Inglezes!

des. E o governo acrescentava, ser preferível afrontar uma batalha difícil e perigosa, a ficar parado. E na mesma ordem de ideias, o Governador Geral transmitia ao General, em 6 d'outubro, um telegrama de Lisboa para fazer sentir ao General Smuts que as forças portuguezas tinham invadido a colonia Alemã, em consequencia da declaração de guerra que a Alemanha nos fizera, e usando do nosso pleno direito de Nação livre e independente etc. etc. e insistia em que o General actuasse *rapidamente* na direcção Liwale-Mahenge, ao mesmo tempo que outro destacamento seu avançasse para Ouiloa e Miu-jaka (?).

Muito se havia de ter rido o General Smuts quando lhe transmitissem esta nossa maneira de ver e estas nossas intenções! Que sonhos pode fazer germinar a atmospheria do Ministerio das Colonias em cerebros pausados e graves, quando lhes dá para, sentados nos seus fauteils de couro, desatarem a esgrimir as canetas de penas d'aço!

E assim é que, conseguiram convencer o General Smuts do valor e recursos das nossas tropas, a ponto daquelle General, em 29 de Setembro enviar uma nota ao General Gil para deslocar todas as suas forças para Liwale, afim de conter o inimigo que ele queria bater no Rufiji.

O General respondia-lhe: «Liwale só é accessivel por Quiloa-Kissiwani, que está em vosso poder; no entanto, as forças portuguezas podem avançar por Mikindani e Lindi naquella direcção».

A intenção do General Gil era pois, regressar ao seu objectivo favorito, transferindo a base d'operações para Quiloa antes de se internar; «a

marcha seria assim possível, e feita em condições muito favoráveis, se me não faltassem os meios de transporte».

A isto retorquiu Smuts explicando; que recebera informações de que o inimigo tencionava marchar para S. do Rufiji na direcção da nossa fronteira, pelo que, seria inconveniente deslocar as forças portuguezas para N. ao longo da costa, deixando-lhe assim aberto o caminho para o interior da nossa colonia; recomendava por isso ao General Gil o caminho pela linha do Rovuma, seguindo depois para N. da confluencia de Lujenda com o Rovuma, em direcção a Liwale.

Este plano do general boer, sim, este era intelligente, posto tivesse para nós a grande dificuldade dos abastecimentos, de que nós tinhamos a culpa, pois durante todo o tempo que decorreu, já tinhamos tido tempo de sobra para organizar esse serviço na previsão da hypotese que se devia dar. Mas, infelizmente, nada se fizera, e até as pequenas colunas que deslocavamos para o alto Rovuma sofriam falta de viveres, pela total ausencia da organisação do serviço de reabastecimentos.

O general Gil, em vez de se conformar com as intenções do general Smuts, que era realmente o comandante em chefe, e procurar pôr em execução os seus planos, cooperando assim eficazmente para apressar o fim da guerra, *com vantagens positivas para nós*, replicava, que não havia caminho directo da confluencia do Lujenda com o Rovuma, para o Liwale, tendo de seguir-se a carreteira de Sassaváca e Songea a Liwale, d'uma extensão enorme. Limitou-se pois, «para satisfazer aos desejos de Smuts, a reforçar o reconhecimento de Newala, seguindo, depois,

para Massassi e Lukuledi aproximando-se o mais possível de Liwale».

Um comandante energico e com vontade de servir, teria logo deslocado para o poente todos os abastecimentos, estabelecido um serviço regular que lhe assegurasse o reabastecimento dos depositos, e *marchado com toda a expedição sobre Massassi*.

Em vez disto, o general perdeu e desperdiçou todas as suas forças em destacamentos, previamente condenados a insucessos: e reforçou o destacamento de Newala tanto e tão bem, como veremos.

Assim, antes ainda do desastre de *Mahuta*, o general ordena a organização da coluna de Massassi, afim de proseguir na ofensiva e estabelece uma nova linha de comunicações por Nangadi.

Esta coluna ficou constituída pelas companhias indigenas, 19.^a, 21.^a, 23.^a, 24.^a; 1.^a bateria do 4.^o grupo de metralhadoras; pelotão montado de infantaria 25; 1 divisão de montanha; 2.^a bateria do 3.^o grupo de metralhadoras, e 1 secção d'ambulancia; o seu comandante era o major José Pires.

Tinha recebido ordem para largar a 1 d'Outubro pela margem N. do Rovuma, e por Marunga, Tshydia, Mayembe, Natchichira, e Newala ou Massassi, como o comandante entendesse.

Mais tarde foi esta coluna reforçada pela coluna do major Gama Lobo, 2 companhias do 28, uma divisão d'artilharia montada, 1 pelotão da 22.^a indigena; 1 contingente indigena da G. R., a 1.^a bateria do 5.^o grupo de metralhadoras e parte do 2.^a do 7.^o grupo, e 1 secção de sapadores mineiros.

O chefe do estado maior da expedição, ma-

jor Azambuja Martins, foi reconhecer a nova linha de comunicações, procurando atingir Newala; levou uma escolta, comandada pelo capitão de cavalaria Joaquim José da Conceição, formada pelo 4.º esquadrão de cavalaria 3, uma bateria do 5.º grupo de metralhadoras, 1 pelotão da 22.ª indígena e 2 pelotões da 17.ª indígena.

De Palma foram incessantes os telegramas para o comandante da coluna de Massassi avançar, mas a coluna via-se embaraçada para o fazer, pois não tinha viveres.

Era a eterna falta d'organisação.

Em 12 d'Outubro, o general expede a seguinte ordem de marcha para a coluna de Massassi:

EXERCITO PORTUGUEZ

SERVIÇO DE CAMPANHA

EXPEDIÇÃO

A MOÇAMBIQUE

QUARTEL GENERAL

Palma, 12-X-1916

1.ª Repartição

às 16 horas

N.º 23

Ordem para a marcha
para o dia 18

DISTRIBUIÇÃO DAS TROPAS

Coluna de Massassi

Comandante, major
J. Pires: Duas com-

I. SITUAÇÃO: O inimigo encontra-se na direcção de Newala.

II. FIM: Apoderar-se de Newala marchando para Massassi.

III. DISPOSIÇÕES:

a) Será enviado um reconhecimento de oficial pela estrada de Ntshitshira-Newala;

panhias de infantaria 23, 1.ª bateria de montanha, Bateria do 4.º Grupo de Metralhadoras, Bateria do 8.º Grupo de Metralhadoras (8.º Grupo), Companhia Indígena da Guarda Republicana, 19.ª Companhia Indígena, 21.ª Companhia Indígena, 23.ª Companhia Indígena, 24.ª Companhia Indígena, Pelotão montado de Infantaria 23.

Escolta do reconhecimento Mocimboa

Comandante, capitão Joaquim José da Conceição: Esquadrão de cavalaria n.º 3, Bateria do 5.º Grupo de Metralhadoras, Pelotão da 22.ª Indígena, 2 Pelotões da 17.ª Indígena.

Transmitida por escripto aos Comandantes.

b) O itinerario da Coluna de Massassi será em 18 de Ntshlithira para Massassi, iniciando a marcha á 1 hora;

c) O reconhecimento de Mocimboa terá o itinerario de Mocimboa-Newala, procurando atingir por W. Newala;

d) A alimentação será por rações de reserva;

e) Um deposito de viveres será constituído em Ntshlithira para reabastecimento da coluna e reconhecimento;

f) Ambulancia: Em Nagadi

IV. LOCAL DO QUARTEL GENERAL: Palma.

O Comandante

(a) *José Cesar Ferreira Gil*
General

Está conforme

Palma, 12 de Outubro de 1916
O Chefe do Estado Maior

E a 17 d'Outubro, o comandante da coluna, major José Pires redige o seguinte:— *Ordem preparativa de combate.*

I. SITUACÃO: O inimigo ocupa Newala, com postos em Mahuta, Mepache, e margem esquerda do Rovuma a partir de Pindimbe; tem um posto a 5 kilometros a O. do bivaque; parte das nossas

forças concentram-se em Mocimboa do Rovuma para reconhecer o inimigo a O. de Newala; a 19.^a indigena com uma secção do 4.^o grupo de metralhadoras estão em Nitchichira;

II. FIM: A coluna vae marchar para O. ao encontro do inimigo.

III. DISPOSIÇÕES:

a) Infantaria: Constitue duas alas sendo a 1.^a do camando do major Gama Lobo, constituída pelas 9.^a e 12.^a de infantaria 28; 23.^a, 24.^a indigena. A da esquerda sob o comando do capitão Bivar constituída pelas companhias da G. R. de L. Marques, e 21.^a indigena.

b) Infantaria montada: Ficou na ala direita...

c) Metralhadoras: etc.

d) Hora de partida: 4 horas.

E' interessante a descripção deste combate, como o viu uma praça que nele tomou parte, e que o descreveu no seu *Diario* (1):

18 d'Outubro — Saimos hoje, ás 3^h 30^m da manhã de Sikumbiro para a frente. Dizem que vamos para Massassi... Foi adoptado um dispositivo de marcha muito bonito, mas que não serve. O meu pelotão, ao cabo de uma hora de marcha, estava perdido! As linguas obrigam-nos a desvios frequentes... o capim, farto, tem 2 metros e mais, d'altura, sendo preciso empregar pelotões inteiros em patrulhas de ligação; a certa altura da marcha deliberam retroceder, e viemos outra vez cair em Sikumbiro, depois de nos esturrarmos um dia inteiro sob a torreira do sol. Ainda não tivemos o prazer de lóbrigar qualquer official do E. M. d'aqueles que acompanham a coluna. O

(1) *Epopéia Maldita.*

Q. G. está em Palma, uns cento e tantos kilometros, onde nem o berro do canhão chega... Hoje, o soldado passou fome. Os pretos não comiam desde as 17 horas de hontem; só ás 11 horas da noite tiveram algum feijão.

20 d'Outubro — Em 18 estivemos em bivaque d'alarme; em 19 estivemos em descanso até ás 3 da tarde, vindo então ordem para se improvisar uma pequena coluna, que seguiu pela direita, emquanto o outro troço trotava junto do rio com o trem requintal... Só ás 11 da noite conseguimos atingir a margem, onde o grosso da coluna tinha já bivacado.

Hoje, seguimos logo de manhã, na direção d'um posto onde constava haver 2 brancos e 8 Askaris. A certa altura bivacámos, e já das muares de munições se retiravam os aparelhos, quando ouvimos 4 a 5 tiros... houve um estremecimento geral. Tudo foi ás armas, as muares aparelham-se de novo, e alguns pelotões estendem e avançam cautelosos... Aparece um soldado d'infantaria: montada, a pé, dizendo que uma patrulha alemã atirara sobre ele, e como o cavalo não quizesse voltar, abandonara-o e vinha correndo.

21 d'Outubro — Falta de viveres; sae a fazer um reconhecimento o pelotão montado, a 12.^a do 28, e a 23.^a indigena; penetrando n'essa garganta, encontram uma patrulha inimiga; ao mesmo tempo, do interior do mato, vem sobre a coluna, uma saraivada de balas: a 23.^a faz algumas descargas, apoz o que tudo socega. De regresso ao bivaque, o comandante enthiasmado, manda distribuir meio litro de vinho a cada praça: — ficou-se chamando o *combate do 1/2 litro!*

22 d'Outubro — A coluna põe-se em marcha com meia ração.

25 d'Outubro — Chegamos ao posto abandonado de Namitema.

26 d'Outubro — Marcha sobre Newala, o objectivo da coluna. «*Newala*, praça alemã, alcançada magestosamente como aguia imperial na extremidade do planalto Maconde, n'uma posição de difficil acesso, isolada no interior, a 200 kilometros do litoral, sem caminhos, sem percurso claro, tornava-se um terrivel desafio para o chupado esforço das nossas armas.

«Um cerro extravagante, pezado, cortado no azul do ceu com uma crueza feroz, altivo, desafiando as nuvens, desafiando os ceus, desafiando Deus, — era aquilo mesmo, um ninho d'aguia esplendido para valorisar romances. Estava ali a cidadela!»

A coluna concentra-se em baixo, n'uma clareira, estupidamente exposta ás vistas e ao alcance do forte: tinham-se ali reunido todos: os do Major Pires, os de Gama Lobo e os de Azambuja Martins.

O comandante resolve mandar lá acima um parlamentar; escolhe-se o capitão Torre do Vale, homem frio, decidido, e que fala o inglez. Em quanto o parlamentar se prepara, poem-se as caldeiras ao lume para cozinhar o rancho. Já a infantaria desfilava deante delas, de marmita em punho, a artilharia engatada, os cavalos selados, tudo prompto para logo que o Torre do Vale voltasse com a resposta dos Alemães, se esta fosse contraria, se lhe ir para cima, quando do alto da fortaleza soa um estampido seco que vae rebolando pela serraria fóra; segue-se novo tiro, e outro, outro...

«Entre os nossos succedeu, então, o mais triste espectáculo que olhos d'homem podem presen-

cear. Ha nova debandada formidavel, numa fuga louca, desordenada, arrastando n'uma avalanche todo o arraial! Pelotões inteiros precipitam-se pela encosta n'uma carreira demente, abandonando as peças; o gado espanta-se e embrenha-se no tumulto e tudo rola numa halucinação, nessa enorme vertigem, batido por um infrene vendaval de pavor, por um medo pavoroso que envoluma o planeta. E, vergonha é confessal-o, mas poucos, muito poucos são os graduados que sustentam o sangue frio e se opoem á tormenta. Todos fogem... é uma miséria». (1)

«Mas na barafunda d'aquela avalanche humana que, de subito, contagiada do mais abjecto pavor, só pensava em debandar, não me foi possível, sequer, reaver o sitio do meu pelotão. A maré cheia de panico, engrossava a cada instante, n'um remoinho, de tropel, desvairada, baralhada dos uniformes cinzentos das tropas europeias, do Kaki das tropas negras, das carapinhas e dorsos nus da malta escura dos muleques e serviçaes e pizada de cavalos amarrados, metralhadoras, canhões, toda a carriagem atrelada ás suas muares, n'uma turba informe de medo, acosada por um flagelo, as faces decompostas, as gargantas roucas, perdida toda a dignidade de seres bipedes». (2)

Por fim os esforços dos graduados conseguem dominar o panico, e felizmente, os artilheiros alemães eram pessimos, e os seus projecteis, ou estoiravam a meio caminho, ou iam rebentar alem da posição.

(1) *Epopeta Maldita.*

(2) Carlos Selvagem — *Tropa d'Africa.*

Socegado tudo um pouco, quando se esperava recrudescimento na batalha, vê-se a bandeira alemã descer lentamente no seu mastro e erguerem-se nuvens de incendio para o ceu.

O alemão retirára. E, então, a nossa artilharia que só então consegue entrar em bateria, começa a troar...

E a nossa infantaria, na doçura daquele cair de tarde africano, vae subindo, vae trepando lentamente as penedias abruptas. O 1.º pelotão que chegou ao cimo, era de infantaria indigena; e chegado lá começou gritando... a fortaleza estava deserta.

«Olhando as escarpas da nossa frente d'assalto, só agora reconheciamos que, por aquele lado, dois ou trez batalhões negros, apenas, lá do alto, á pedrada, bastariam para nos embargar o passo. Já noite cerrada, esbofados só de preparar aqueles alcantis, entramos todos, emfim, na lisa esplanada que rodeia o forte». (1)

Para «cohonestar a tomada de Newala», como dizia o chefe do E. M., foram-se reconhecer as estradas de retirada do inimigo, com uma pequena coluna de 2 companhias indigenas, 2 pelotões de cavalaria e 1 bateria de metralhadoras.

«O inimigo retirara, levando quanto quiz, e quemando o resto; e agora, o vencedor, exausto pela subida, estendia-se no chão, miseravel, cheio de febre e de fome, sem ao menos ter a consolação de ter obtido um resultado util, ou pelo menos, glorioso, para a nossa Patria. Newala passou ao nosso poder, porque os alemães não ligavam aquêle ponto a importancia que muitos ima-

(1) *Epoepia Maldita.*

ginavam ter; conservava-se ali apenas para que se dissesse terem um posto naquela altura; a operação dataque, não podia ter sido mais mal conduzida; se o alemão não estivesse ancioso por partir, na clareira onde a coluna formou, ficariam ali todos só pelo efeito da artilharia de cima.

Mais uma vez a teimosia portugueza, mesmo bronca, vencia; mais uma vez cantavamos vitoria graças à sorte e graças a esta carne de soldado sempre prompta para todos os sacrificios.

Os nossos homens, deitados no chão, alquebrados de todo, iam trincando o milho achado num cazebre ou folhas verdes d'ananaz. O delirio da fome causava pavor e a disenteria entrou com os homens; o vestuario, que havia mezes se não mudava, estava esfarrapado e impregnado de suor e poeira. Não parecia uma tropa de vencedores com uma base d'operações onde não faltava cousa alguma, mas uma quadrilha de maltrapilhos esfomeados.

Um capitão relatava, que devido á falta de alimentação e hygiene tinha a sua companhia reduzida a 96 praças; desde 15 de setembro que não havia roupas para mudar; desde 9 de outubro que não recebia sabão; não havia capotes, etc.

Para reforçar a coluna de Massassi, muito enfraquecida pelas baixas por doença, mandou o general seguir para ali em camions, a 2 de novembro, quanto podia dispensar em Palma: foram os restos do 28 com o capitão José Maria. Ao passarem em Mahuta sae-lhes ao caminho a gente desse posto, dizendo terem ali aparecido os alemães às 7 da manhã a tirotear com eles, do que resultou ter ficado ferido o comandante do posto e 2 soldados indigenas mortos; em vista

disto, despediram o camion e ficaram no posto onde começam a abrir trincheiras. Como o alemão não aparecesse, a tropa do capitão Pereira seguiu para Newala, onde chegou á noite.

O novo comandante da coluna de Massassi e Newala é o major Leopoldo da Silva, homem energico, viril, cheio de crença, que consegue dominar a gente, e logo no dia seguinte ao da chegada, — 8 de Novembro, — sae de Newala para Lulindi, pela estrada de Kitangari, a caminho de Kiwambo. A coluna era uma horda de rotos, meio desmoralisados pela permanencia em Africa, e pelo abandono.

Ao chegar ao alcance de Lulindi, a artilharia (1) abre o fogo; o inimigo não responde, e Leopoldo da Silva recomeça a marcha; mas o alemão, emboscado, cae-lhes em cima de surpresa. Sempre as surpresas, que só são possiveis contra tropas sem instrução, sem espirito militar, bisonhas: segue-se a confusão, o tumulto, a fuga, e a estrada fica atravancada pelas viaturas, cargas que os carregadores abandonam, etc. A infantaria indigena, ainda estende sob o comando do tenente Saraiva da 22.^a indigena e do sargento Matos do 28; mas o inimigo vence tudo com as rajadas das suas metralhadoras; a nossa artilharia não teve espaço para meter em bateria e fazer fogo, e as metralhadoras difficilmente entram na linha de combate; mas quando o conseguem, fogem os carregadores e escasseiam as munições. O major Leopoldo da Silva multiplica-se, corre a buscar um cunhete, mas uma bala vem, e atira-o morto ao chão. A desordem e a confusão chegam, neste momento, ao seu auge: o chefe do E. M. tenente

(1) *Epopeta Maldita.*

Salvador de França tenta dominar o tumulto; o capitão Curado vem, e assume o comando da coluna, que pertencia ao capitão Baptista das metralhadoras, que o recuzou, e faz com decisão avançar a sua companhia de pretos, e com este movimento arrasta os outros e estabelece-se a ordem: ao entardecer, o inimigo retira na direção de Sukeledi, e a coluna retira para Naugoma.

Neste mesmo dia os Alemães atacam o posto de Mahuta, sendo repelidos.

A 18 de Novembro consta que forças importantes, alemãs, se concentram em Massassi e Lukeledi e que uma coluna de 500 Askaris com europeus, marchara sobre Newala, onde então havia uma guarnição de 500 espingardas. O comando da coluna de Massassi passara, com a morte de Leopoldo da Silva, para o Major Aristides da Cunha. O efectivo desta coluna era de 23 officiaes, 347 praças europeias, 399 indigenas, com 330 carregadores, no todo 486 espingardas.

Grande numero destas praças estava muito fraca e doente e, por isso, o comandante manda pedir reforços, e nesse mesmo dia ás 10 horas reúne o conselho d'officiaes que vota pela retirada para Newala, a qual iniciam ás 4^h 45^m de 19; e chegam a Newala ás 12^h 30^m.

Em Newala estavam: a 17.^a indigena com 85 homens validos; 19 praças do 28, 72 praças indigenas de varias companhias; 167 praças da 24.^a indigena; guardando a agua a 2500^m de distancia, 1 pelotão do 28.

Logo que chegou, o major Aristides da Cunha ordenou a construção de novos entrincheiramentos, que a 22 ainda estavam por concluir. O posto foi dividido em sectores comandados por capitães e estabelecem-se, fóra, 4 postos á cossaca

do lado mais acessível ao inimigo; dos outros lados, o acesso era muito difficil, pelo que não foram guarnecidos senão por vedetas. Nas trincheiras permanecia sempre $\frac{1}{3}$ da guarnição; a artilharia e metralhadoras estavam sempre promptas a funcionar; havia 4 metralhadoras promptas a deslocar-se para onde fôsse necessario. Em deposito havia, apenas, 2 dias de viveres normaes para europeus e indigenas e 8 dias de reserva mas sem bolacha nem vinho. Durante o cerco que se seguiu, as rações foram reduzidas e acabou a bolacha desde 25 e o vinho desde 27. Depois, deixou-se de dar ração aos carregadores e ao gado.

A 21 chegou informação de que, entre Newala e Mahuta, se concentravam 200 Askaris com metralhadoras, e passara alguma artilharia por Kitangara, para Newala.

Em 22 ás 5^h 30^m, o inimigo ataca Newala, chegando a 200^m da face E. e estabelecendo-se nuns drenos que ali havia. O posto da agua, ou da Ribeira, era simultaneamente atacado, debandando a guarnição e a partir desta data foi reduzida a ração d'agua a 0^l,3 diarios.

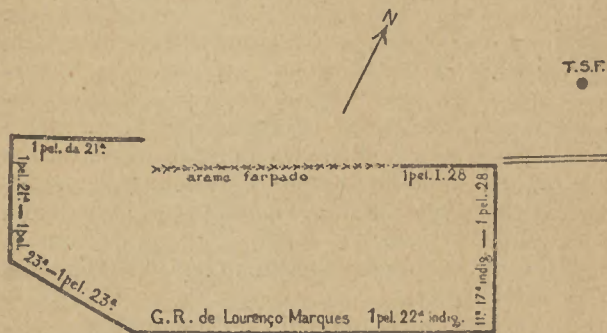
Repetem-se os ataques em 23 e 24, e neste ultimo dia já não há agua para o café.

A 25 recebe-se pela telegrafia sem fios, um telegrama de Palma, do chefe do E. M., para que tentem restabelecer ligações com Mahuta, e que com este fim vae marchar para Newala o capitão Benedicto d'Azevedo com reforços; que mande alguém ao encontro d'aquelle official por Nangadi e que não manda mais gente por a não ter.

No seu Relatorio diz o comandante Aristides da Cunha, que não retomou o posto da Ribeira, «porque impossivel se tornava, com gente com-

pletamente exgotada, fazer qualquer sortida, em que tivesse de haver grande resistencia.»

Em 26, um oficial alemão com a Cruz Vermelha, sob o pretexto de procurar o cadaver d'um



FORTIM DE NEWALA — 22-28 DE NOVEMBRO DE 1916

Askari morto, vem reconhecer as nossas posições e calcular distancias para regular o tiro!

Em 27 os Alemães esboçam um ataque, que é repellido, mas nesse mesmo dia o conselho d'officiaes resolve a retirada.

A 28 o inimigo bombardeia Newala, ao que a nossa artilharia responde. A falta d'agua tornava insustentavel a posição; os homens cahiam nas trincheiras, com a boca pegajosa, a lingua entumescida, o olhar esgazeado, com os movimentos de deglutição tão paralysados já, que algumas gotas d'agua que os medicos lhes ministravam, as expeliam pelo nariz. Mastigavam folhas para illudir a sêde, e a alimentação que lhes distribuiam, o maldito *rancho confeccionado* inventado em Portugal por um bandido que devia ser enforcado,

e o atum e as sardinhas, — ainda mais excitavam a sêde.

Tres vezes malditos estes organizadores de expedições que fazem a base da composição de rações para a Africa, atum e sardinha e rancho confeccionado, que enriquecem os fornecedores, matando ou inutilizando os nossos soldados, e provocando os desastres!

E' que neste paiz não ha justiça alguma!

Este rancho era de tal raça, que os proprios indigenas o não podiam tragar: não havia outros viveres na expedição, mas o rancho confeccionado era ás montanhas. A disenteria amibiana veio tambem fornecer o seu contingente para a derrota, atirando diariamente com 40 a 50 homens para a enfermaria.

Os carregadores tambem, apesar da fome, não entravam com o *rancho confeccionado* e tiveram de se mandar embora; os desgraçados, porem, muito longe das suas terras, não queriam ir-se porque os Alemães os não deixavam passar. Trez vezes foram postos fora, e outras tantas voltaram, «até que em 25 lhes mandei fazer uma intimação ameaçadora, porque preferi esta violencia a vê-los morrer de sêde e de fome.»

E eles lá se foram a morrer pelos caminhos; foram milhares os que deixaram as ossadas a embranquecer marcando os itinerarios para as suas terras!

A's 22^h 50^m de 28 puzeram-se em marcha; o guia mete a corta mato; ouvem-se dois tiros, e logo a coluna se fracciona e dispersa. O comandante com o Estado Maior, e 2 officiaes do 28 vão cahir sobre uma patrulha inimiga:

— Kinani? Quem vem lá?

Seguem-se dois tiros.

«Senti-me empurrado e derrubado contra o mato, passando-me por cima bastantes individuos; sou pizado, e nesta situação me encontrei com o tenente do 28 Costa Figueiredo; então, procurámos internar-nos no mato, até que não pudemos mais, e assim nos conservamos toda a noite, vindo, de manhã, juntar-se-nos os alferes Biscoito do 23 e Chaves do 28... Pelas 16 horas do dia 29 resolvemos sahir daquela situação succedesse o que succedesse, e então, atravessámos a estrada, em direcção ao Rovuma; decorridos poucos metros avistamos um posto alemão...; resolvemos caminhar para S. E, o que fizemos, primeiro atravez duma machamba bastante extensa, depois a corta mato durante 16 horas consecutivas, subindo e descendo declives asperrimos, por vezes com perigo de nos precipitarmos em escarpados profundos...» Chegaram ao Rovuma ás 18 horas de 30 de Novembro; atravessaram e no dia seguinte chegam a Lidede, e d'ahi seguem para Nangadi.

Durante estas operações 22-XI a 3-XII-1916 teve esta coluna as seguintes baixas:

	Europeus	Indigenas
Mortos	1 sarg. e 1 sold.	16
Feridos	2 ofic., 3 sarg., 7 sold.	25
Prisioneiros.....	3 ofic., 2 sarg.	—
Desaparecidos..	1 ofic., 2 sarg., 19 sold.	17

Informação do Major Curado no livro — *A grande guerra em Moçambique*:

«No dia 8 de Novembro, marcha sobre Lulinde (Kiwambo), primeira da etapa Newala-Massassi.

Dia de sol, mas de sol abrazador, como é usual no interior do continente africano, naquela latitude e quadra do ano.

A coluna iniciára a marcha ao nascer do sol, marchando a minha companhia na testa do grosso.

Na estrada de marcha, serpeando por entre o denso mato, que cobre o planalto dos Makondes, (só revelando clareiras nas terras de cultivo dos indigenas e onde se não encontrava qualquer poço ou nascente de agua, onde se pudesse mitigar a sêde e encher os esvasiados cantis), ouvem-se os primeiros tiros, trocados entre as duas avançadas, ás 11^h 50^m.

Fui chamado ao comandante. Era meio dia.

A 21.^a companhia indigena tinha por missão o ataque á frente da posição do inimigo; o ataque de flanco seria executado por outras *forças*.

Avança-se com a companhia ao encontro do capitão Melo de engenharia, comandante da guarda avançada, (que se encontrava na estrada de marcha); este indicaria a frente a ocupar e a bater.

Avancei na formação preparatoria de combate e tendo encontrado o comandante da guarda avançada este indicou-me a frente a tomar pela companhia e informou de que a flecha combatia á direita e á esquerda; á esquerda uma das secções do pelotão da 22.^a indigena do comando do tenente Gemeniano Saraiva e á direita a outra secção do mesmo pelotão comandada por um sargento; que elemento algum da guarda avançada se encontrava na minha frente, completamente desembaraçada para o avanço e fogo.

Mandei estender em atiradores, á direita da estrada de marcha, o pelotão do meu alferes An-

tonio José Pires a ligar-se com a secção que já lá combatia; á esquerda o pelotão do meu alferes Antonio Simões Godinho, a ligar-se com a secção comandada pelo referido tenente Saraiva. Em apoio ficou o pelotão comandado pelo alferes do quadro privativo João de Faria, eventualmente fazendo serviço na companhia.

A's 13 horas, a artilharia rompe o seu fogo de preparação, que foi de curta duração, por ter pedido ao capitão Melo que avisasse do avanço da infantaria; e que sendo em terreno coberto era perigoso com o fogo da artilharia.

O inimigo manifestou-se por um fogo violento de infantaria e metralhadoras, fogo que manteve durante todo o combate, mas que não obstou ao nosso avanço firme e decidido; avanço que foi, durante uma parte do combate, eficazmente apoiado pelo fogo de uma secção de metralhadoras, da bateria do capitão Rodrigues Batista, sob o comando do tenente José Ezequiel.

Como pelas 14 horas e 45 minutos o inimigo não manifestasse frouxidão na sua resistencia e eu tivesse feridos, que tive de enviar ao posto de socorros por praças da linha de combate e como o remuniamento de linha de fogo se não fazia, pedi ao capitão Melo para ir á rectaguarda providenciar convenientemente, incorporando eu na linha de atiradores o 3.º pelotão.

Soube nesta altura dos ferimentos mortaes do comandante, atingido quando, para encorajar e dar o assalto geral, que foi brilhantemente executado por toda a linha ao canto guerreiro dos soldados indigenas. O inimigo retirou desordenadamente em varias direcções ficando nós, ao pôr do sol, na posse de toda a posição que ele occupava.»

Ouçamos Carlos Selvagem, na *Tropa d'Africa*:

«De Palma, porêm, uma bela manhã, em vez dos prometidos reforços ou tropas frescas, chegou a Newala o major de artilharia Leopoldo Silva, com uma carta, uma bússola, todo um estado-maior de jovens artilheiros, e a ordem do avanço sôbre Massassi, dada pelo Quartel General de Palma.

A presença dêstes novos reagentes, que ardiam, quási intactos de energias, na justa ambição dum esforço glorioso — provocaram em Newala, junto das extenuadas tropas da coluna, a mais descoroçoada e sombria das apreensões.

Depois das promessas do Quartel General de Palma, que, por seus próprios olhos, tinha avaliado a situação e tomado o compromisso de resolvê-la, esta insólita reviravolta de opiniões e resoluções tomava quási o aspecto duma felonía contra as tropas, contra o novo Comandante da coluna, contra a própria honra das nossas armas, que assim pareciam marchar cegamente para um desastre irreparavel.

O major L. Silva, porêm, a mais pura alma de soldado que pisára aquelas areias hostis, reünuiu os seus officiaes em conselho, ouviu o depoimento de todos, informou-se do meu combate na estrada de Lulindi; e lançado, emfim, o seu golpe de vista sôbre a situação, a despeito de tantos ventos contrários e preságos, de todas as resistências passivas do cansaço e do desalento, de todas as dificuldades que pareciam apostar-se diabólicamente contra a sua homérica empresa, — têmpera-rija de spártano, energia calma de beirão, portugûes dos velhos tempos heróicos, multiplicando-se em esforços, desdobrando-se em energias, ani-

mando, contagiando com o seu prestígio e m^oça galhardia o escasso grupo dos seus officiaes, e apenas atendendo á sua missão de chefe e seu dever de soldado, — reorganiza em três dias a sua r^ota coluna, e, no cumprimento exacto da ordem do Quartel General de Palma, dá emfim, sem um desfalecimento, a sua «ordem de marcha» em termos tão claros e fortes, na sua luminosa singularidade:

«... I — Situação: O inimigo ocupa a região de Lulindi.
II — Fim: Desalojar o inimigo e ocupar Kiwambo».

«.....»
«.....»

Foi uma tarefa gigantesca, uma exaustiva e rude tarefa. E aquella ordem de marcha, que, só por si, merecia figurar à margem de todos os nossos tratados da arte da guerra, vale, em boa literatura militar, por todas as teorias complicadas dos tratadistas e pedagogos, por todas as exortações às tropas na hora incerta que precede os assaltos.

Pelas quatro horas da madrugada, com noite ainda no céu, a coluna sai de Newala, pela estrada de Quitangari, em marcha s^obre Lulindi.

Depois de oito horas de marcha, — ao longo da mesma esconsa azinhaga, aonde os meus pelotões haviam combatido — o alferes Craveiro Lopes com a sua patrulha de cavalaria e escoteiros, descobre do mato as primeiras vedetas inimigas.

Sem rumor, a nossa infantaria negra da guarda avançada desdobra em atiradores, ocupa as suas posições. A primeira fuzilaria rompe então entre

as avançadas. Do campo adverso, colhidos na surpresa, rompem também as primeiras rajadas de metralhadora e fuzilaria que varrem, enfiando a estrada, toda a nossa coluna a descoberto. E, conforme eu previra e tanto receára, cá na rectaguarda, aos primeiros tiros d'enfiada, engasgadas as tropas na estreita língua de azinhaga, e sem vantagens de terreno, quási a descoberto dos fogos inimigos, a debandada esboça-se, agravada com a aglomeração de viaturas, e carregadores, e impedimenta de combóios e trens de mantimentos.

Há um longo momento de oscilação, de derrocada. A artilharia, porêem, entrando a custo, em posição, faz os seus primeiros tiros de barragem que impedem o *boche* de chamar á linha de fogo as suas reservas da rectaguarda.

Sob a inclemência do sol da tarde o combate vai aquecendo com ardor e com estrépito.

Na frente, o bravo capitão Curado com a sua heróica infantaria negra e os seus bravos oficiais, vão avançando por lances; e o tenente Esquivel, ao manípulo da sua metralhadora, afronta com serena galhardia, a canção áspera de morte e de fúria da metralha inimiga.

É então que o major Leopoldo Silva, para assegurar na linha de fogo o remuniciamento das tropas, e reconhecer de perto a situação, se aproxima da primeira linha, acompanhando alguns soldados que transportam cunhetes de pólvora.

Duas balas certeiras atingem-no logo em cheio, uma sôbre o ventre, outra sôbre o ombro.

Desfalecido, ferido de morte, volta ao seu posto de comando, cambaleando já, trazendo já no olhar a névoa que lhe tolda o entendimento.

Houve, como não podia deixar de ser, um

abalo profundo no ânimo das tropas. Na ansiedade dos primeiros momentos, chegou a pensar-se muito sériamente na retirada, para tal efeito se sacrificando voluntariamente o Aires de Abreu e o Canavarro que, á conteira das suas peças, numa girândola final de todas as suas granadas, deveriam proteger a retirada da infantaria, até que o *boche* carregando sôbre êles os aprisionasse ou trucidasse à baioneta.

A flama porêm, que animára o heróico major L. Silva havia-se contagiado já ao espirito da maioria dos seus officiais; e assim, emquanto êstes propósitos incertos de retirada se concertam febrilmente junto do seu leito de agonia, o tenente Salvador França dirige-se à frente, a levar á linha de fôgo o entusiasmo, o ardor, a teimosia, a firme vontade de vencer que à rectaguarda vinha faltando já.

Não é indiferentemente que se tem na linha de fôgo um bravo como o capitão Curado...

... E o combate prosegue, pois, com fúria, com redobrado encarniçamento, sob o raivoso troar da artilharia, sob todo o pêso da canícula tropical, que àquela hora, na fornalha daqueles matos ardidos do sol, recordam alucinadamente um dos sete circulos dantêscos.

Sem uma gôta de água já nos bornais, as gargantas queimadas do sol, e dos cheiros acres da polvora, e de todas as sêdes do sangue excitado pelo combate...

Oh, o suplicio dessas horas incertas, na alucinada, na vermelha raiva de vencer, os olhos raia-dos de sangue, o cérebro congestionado, todos os nervos crispados na empreza, o silvo incessante das balas casquinando por toda a parte a balada macabra da Morte!...

Durou seis horas êste suplicio. Pelo fim da tarde, o *boche* exausto, abandona emfim, em plena debandada, a sua linha de fôgo.

Esboça-se o nosso assalto á baioneta.

Mas o fôgo da nossa artilharia, ignorando a retirada inimiga e concentrando agora o granizo dos *shrapnell* sôbre as suas trincheiras, impede por uns momentos o arranco da nossa infantaria.

E assim é, que, ao tombar da noite, quando as nossas tropas puderam dar o assalto, já o *boche* tinha desalojado, abandonado as trincheiras, milhares de cartuchos detonados, toda a sua prosápia.

A nossa artilharia pode ainda, por um alongamento de tiro, perseguir as tropas em debandada; mas, no rápido cair da noite, sem cavalaria, sem reservas frescas, a perseguição não podia levar-se mais longe — e, mercê de Deus, bem ganho já tínhamos nós o nosso dia, com essa tão cara vitória rijamente disputada ao *boche*, com essa primeira noite já dormida em terreno duramente conquistado e pago com sangue português...

Nessa dura acção, que um momento parecera perdida, — primeira *étape* sôbre Massassi, primeira barragem a embargar-nos o passo, primeira incontestável e digna vitória sôbre o orgulho teutão, — perdêramos nós um dos nossos mais bravos soldados e um dos mais valorosos chefes que teem vestido a farda de artilheiro do Exército Português.

De nada, porém, nos serviram tantos esforços desesperados, tamanha fúria de vencer e tanto sangue vertido, além da pura glória que envol-

vera num resplendor, as nossas armas vitoriosas.

Glória inútil, glória vã!

Com os tôrvos rochedos de Massassi à vista, lá no extrêmo do horizonte, dia a dia, as dificuldades de todo o género, agravadas e multiplicadas pelas deficiências irremediáveis dos serviços de etapas, nos immobilizavam, impotentes de novo arranco, naquelas fráguas de Kiwambo.

Por fim, autênticamente reconhecida a impossibilidade de dar mais um passo, ameaçados de retirada cortada e correndo o risco de um desastre irreparavel, como todos os dias viessem chegando ao bivaque notícias de manobras e concentrações de fôrças inimigas, em breve recolhíamos de novo a Newala, mais exaustos, mais trôpegos, e guardando apenas comnosco, por consolação única, a memória de uma tarde gloriosa em que gente portuguesa soubera ter ainda a alma dos antigos soldados, soubera ainda bater-se e morrer...

Mais um dia que nos demorassemos e não voltaria de Kiwambo uma correia de equipamento, uma culatra de espingarda, um soldado sequer — porque, chegados a Newala, dois dias depois, trocavam-se os primeiros tiros com as tropas alemãs que vinham em massa pôr o cêrco à fortaleza.

Glória, pois, áqueles que na tarde de Kiwambo, a derradeira tarde de vitória para as nossas armas, morderam o pó, como os heróis antigos,

.... amortalhados
Na fulva luz dos gládios reluzentes!...

Glória aos vencidos!...»

O facto é que á situação angustiosa de Newala não correspondia o verdadeiro sentimento da situação, da parte do Q. G. em Palma.

«Quando um official do E. M. recebeu o aflitivo radio a que acima nos referimos, e, trémulo e ofegante lhe comunicava o despacho recebido, o General, (que estava sentado a jogar as cartas), sem se desconcertar voltou-se para os parceiros:

— Quem é a dar?

A estas horas, alguns desgraçados menos fortes, e doidos de sêde, urinavam nos copos dos cantis e tentavam beber o liquido... e os centenas de carregadores, que as nossas autoridades tinha forçado a ir para Mocimboa, eram expulsos do acampamento, como bocas inúteis e atirados para as bocas das espingardas dos alemães, ou das fêras do mato!

E tudo isto porque? Apenas por falta de organização, por falta de direcção, por falta de comando, por falta de governo digno da Nação!

Ninguem com um pouco de senso, iria montar um posto em logar onde não fosse facilmente abastecido d'agua; ninguem com um pouco de sciencia de comando, deixaria um posto aquela distancia do litoral sem viveres para alguns mezes; ninguem com consciencia das responsabilidades, aceitaria o *rancho confecionado* como base de rações em Africa, nem as sardinhas, nem o atum, nos tempos em que estamos e em que ha conservas de boa qualidade.

Quando de Mocimboa comunicam para Palma a gravidade da situação em Newala, o Q. G. sai-se com esta reprimenda:

— Não são permitidas informações que provocam panico!

E efectivamente provocaram-o no Q. G.

Newala aflicta gritava por soccorro; Palma, com as repartições cheias de gente anichada não acudia; o Q. G. ainda fez um apelo a *voluntarios*, mas ninguem respondeu!

O comandante do posto de Mahuta ainda faz sair uma pequena coluna de 13 europeus e 105 indigenas com 4 carros em socorro de Newala, mas não consegue passar.

O tenente do 24, Manuel d'Oliveira telegrafou para Palma:

—Peço ao General licença para ir morrer a Newala!

Era a voz da honra militar bradando; deram-lhe a licença, mas não o seguiram. Depois, a custo, saíram de Palma alguns grupos em automoveis, comandados pelo capitão Antonio Benedicto d'Azevedo do 24; largou de Mahuta a 28 de Novembro com 70 europeus, 250 indigenas e 2 metralhadoras; encontrou o inimigo entrincheirado e após trez horas de fogo retirou, perdendo 1 soldado europeu e 3 indigenas mortos; 1 oficial, 4 europeus e 18 indigenas feridos.

A guarnição de Newala quando retirou, abandonou no forte 4 peças de 7,5; 7 metralhadoras Maxim; 45 carros; centenas d'arreios; 2 automoveis Fiat; 1 estação de T. S. F., toneladas de munições, de leite, de doces e tabaco, ...e os homens morrendo de fome! Ficam ali, todos os solipedes e uns 50 bois.

Sairam do posto a um de fundo, *mil e tantos homens*, calados, n'uma longa bicha atravez da floresta, fugindo dos caminhos. Perdem-se, extraviam-se, e só na tarde de 29 chegam ao Rovuma; a 30 chegam a Nangadi do Lago e entram no regimen do atum em azeite, cujo cheiro já não podiam suportar.

Comandava este posto o alferes Augusto Sargento; ninguem ali tem para os pobres batidos o simples gesto de uma mão estendida de boa e leal camaradagem. Mas aos raros dizia-se em voz baixa que no posto de socorros se daria uma lata de leite a quem a pedisse. E no entanto, no interior da *mess* dos officiaes havia fartura, e os gambuzios, vagueando pelas imediações, contemplavam com a pupila estatica o magnifico festim (1).

Na tarde de 1 de Dezembro um tiro cavo reboou dos lados de Nitchichira e uma granada veio explodir no posto; seguiram-se outras. O arraial, que assentara ao N. do posto ergueu-se n'um clamor; aparece então o capitão Curado, tentando conter a torrente; de balde; ao cair da tarde, bandos dessa tropa atingia Nangadi da Serra, gritando:

— Já ahí vem tudo!...

E de passagem, saqueavam os postos, de sociedade com os moleques e carregadores, que, bebidos, largavam o fogo ás casas, enquanto os restos da coluna seguiam para Matchemba onde chegam ao cair da noite; ali, nem uma simples trincheira havia, nem uma bolacha. Continuaram chegando grupos vindos de Nangadi, com 12 dias de fome.

A 7 de Dezembro corre a noticia da aproximação dos Alemães: parte da gente abalou para Pundanhar e parte para Mocimboa da praia.

Ao chegarem a Pundanhar, a guarnição dormia a sono solto, e quando o sargento de ronda

(1) *Epopéia Maldita.*

ao romper do dia inquiriu das vedetas se havia novidade, respondiam-lhe:

— Não houve novidade meu sargento!

Foi então que o comandante do posto se convenceu de que estava em guerra, e vá de cavar trincheiras á pressa, de forma que eram os desgraçados que traziam 170 kilometros de marcha quem tinha de as abrir.

Pelas 11 horas, um novo incidente surgiu, para mais aterrorisar aquella gente. O interprete Camara Leme, que fora acompanhar o capitão do Estado Maior Ferreira da Silva enviado como parlamentar a Sikumbiro, ao retirar foi atacado por uma patrulha alemã, e o parlamentar morto; o interprete que escapára, avisava da vinda do Alemão sobre o posto. Não veio: era isto a 8 de Dezembro, e a 20 reocupam-se os postos de Matchemba e Alto da Serra.

Assim, a expedição, que com grande trabalho fora 3 mezes antes, até Newala, cheia de esperança, vinha, agora, rolando por Nangadi, Alto da Serra, Matchemba, Pundanhar — 120 kilometros — até ao mar em Palma, coberta de miseria, fulminada pela demoralisação.

— Que succedeu? Que foi?

Ninguem o sabia explicar. Ninguem viu o Alemão, mas o ar estava cheio de presagios, de susto, e a coluna esfarrapada, dispersa, avolumava os episodios: um automovel atacado de noite, askaris insubordinados dando tiros; um medico extraviado, morto pelos Macondes, a guarnição de Matchemba largando fogo ao posto; o alferes do 21 Viriato de Lacerda, no Alto da Serra, obstinando-se, á antiga, a rir, a bater-se, apenas com meia duzia de cipaes. De Palma fugira aquella serena paz, os bons almoços, as partidas do bridge;

e os depositos cheios de tão boas cousas que se tinham recusado aos soldados e iam cair nas mãos dos Teutões famintos!

Tentou-se organizar a defeza, e redigiu-se uma ordem dividindo o terreno em sectores, cada qual com seu comandante etc.; mas o vasto plano defensivo caiu pela base, pela deficiencia de efectivos para o guarnecer. Na bahia não havia nem um chaveco; o proprio *Adamastor* desertara, indo limpar o fundo a Durban.

Nesta altura acode uma ideia! Uma esperteza! Mandar um parlamentar ao Alemão sob um pretexto futil, e reconhecer a situação do inimigo; e foi então que se deu o incidente a que já nos referimos, onde Ferreira da Silva encontrou a morte.

Acelerou-se a organização defensiva; telegrafou-se para o *Mossamedes*, que um dia antes partira com doentes, para voltar a Palma e exultou-se quando uma manhã apareceu á barra o cruzador *Princess*.

Depois, houve rebates falsos, de noite, fuzilando-se os homens uns aos outros, e os soldados das equipagens e de artilharia, de espingarda na mão, aflictos, declaravam nunca em sua vida ter disparado um tiro!

E foi preciso, nesta altura, voltar á instrução individual!

Depois, vieram outros navios Inglezes, a verificar como as nossas basofias e veleidades de ocupar a colonia Alemã, «que nos pertencia de direito», ficavam atoladas no miseravel lodo de Palma, e no olhar azul, frio, acerado do Bretão luzia uma ponta d'ironia!

EXERCITO PORTUGUEZ

SERVIÇO DE CAMPANHA

EXPEDIÇÃO
A MOÇAMBIQUE

Palma, 8-XII-1916

QUARTEL GENERAL

1.^a Repartição

N.º 40

Ordem de operações
para o dia 8DISTRIBUIÇÃO
DAS TROPAS

Sector Norte

Comandante, capitão d'artilharia Barros Junior: Companhia de Automoveis.

Sector Noroeste

Comandante, capitão de Engenharia Melo: Companhia M. Engenharia, Escolta do Quartel General.

Sector Oeste

Comandante, major Cunha: Batalhão 1,

I. SITUAÇÃO: O inimigo ocupou o posto de Matchemba.

O nosso posto de Pundanhar tem ordem de resistir.

II. FIM: Cobrir os depositos de Palma com a maior decisão.

III. DISPOSIÇÕES;

a) Sector Norte: Até á bandeira do Quartel General.

Sector Noroeste: Até ao caminho de Madai (exclusivé).

Sector Oeste: Até á estrada Pundanhar (inclusivé).

Sector Sudoeste: Até á vertente léste da T. S. F. civil.

Sector Sul: Até á ribeira do Tungue.

b) Coluna movel: Concentra-se em 9 ás 6 horas na T. S. F. civil, formada por contingentes das unidades europeias e 1.^a companhia europeia expedicionaria com dois dias de viveres de reserva.

23, 12.^a companhia de
Infantaria 24.

Sector Sudoéste

Comandante, major
Gama Lobo: Batalhão
1, 28, Secção de me-
tralhadoras, Bateria
d'Artilharia.

Sector Sul

Comandante, capi-
tão Matheus: Unida-
des Indigenas (só con-
valescentes).

Coluna de munições

Comandante, tenen-
te Brito: Parque de
viaturas.

Ambulancia

No Hospital Provi-
sorio.

IV. LOCAL DO QUARTEL GENE-
RAL: Palma.

O Comandante,
(a) *J. C. F. Gil*
General

Está conforme,
O Chefe do E. Maior,
Eduardo Azambuja Martins
Major Chefe do E. M.

EXPEDIÇÃO
A MOÇAMBIQUE

QUARTEL GENERAL

Palma, 10-XII-1916

1.ª Repartição

N.º 41

INSTRUÇÕES COMPLEMENTARES
DA ORDEM DE OPERAÇÕES

N.º 40

S. Ex.ª o General determina:

I. Que os comandantes de sectores tomem as disposições necessarias para a segurança dos sectores estabelecendo postos de observação a distancia, empregando arvores e outros recursos.

II. Os estacionamentos das unidades serão organizados á retaguarda dos entrincheiramentos respectivos.

III. Os entrincheiramentos devem estar occupados todos os dias por um terço das forças de cada sector e ás quatro horas pela totalidade das forças até que o serviço de exploração avance a quatro kilometros.

IV. Os comandantes de sectores enviam até ás 12 horas do dia 11 do corrente um relatorio com um croquis indicativo das disposições das trincheiras e centros de reabastecimento de munições.

V. O sector S. O. fica com o encargo da defeza da estrada de Pundanhar e da que vae para a carreira de tiro.

O CHEFE DO ESTADO MAIOR,

F.

Em meados de Dezembro chegam as chuvas, e os Alemães recolhem a invernar deixando então socegar a pobre Expedição; e a 24 de Dezembro, o General, entrega o comando e retira para Portugal.

A Expedição fica então comandada pelo governador Alvaro de Castro, que começa por transferir a *Base* para Mocimboa da Praia.

Logo em Março seguinte, o inimigo atravessa o Rovuma a Oeste do Lujenda, ataca o posto de Miteméni e ocupa os Montes Oizulo, Serra Mcula, Muemba, M'lukula, Mahua, Mataka, Mtarica, Mandimba.

A 16 de Maio, sae de Mocimboa para Quelimane, afim de pelo Chindiu atingir Mtangula, o capitão Melo com 3 companhias de infantaria e 1 secção de artilharia: a sua missão era obstar á passagem do inimigo para Tete e Moçambique.

A 27 de Maio, a guarnição do posto de Nanguar, á aproximação do inimigo evacua o posto; um destacamento do 21.^a indigena que vae reforçar-a, encontrou a 5 de Junho o inimigo, na margem direita do Lucinge e retira para Montepuezi; o inimigo ataca este ultimo posto a 10 de Julho, mas é repellido.

A 12 de Julho sae de Porto Amelia o capitão Curado com 1 companhia e 1 bateria de metralhadoras para juntamente com a guarnição de Montepuezi expulsar o inimigo da região do Medo.

Por esta epoca, os Inglezes ocupam alguns postos dos nossos comandos de Mtarica e Lago.

Em Setembro, o inimigo evacua Nanguar e Serra Mkula. Então, assume o comando da Expedição o Coronel Souza Roza, — 12 de Setembro 1917.

«Certamente, que se não tivera prometido haver de continuar esta materia para remedio de tantas desordens cometidas contra o serviço de Deus, do rei e da patria, me não atrevera a passar d'aqui. Porque, que mais se póde dizer para nossa confuzão, e para nos metermos nas conchas, e cuidarmos que não podemos dar razão onde estiverem outros homens?»

Memorias de um soldado da India — FRANCISCO RODRIGUES DA SILVA.

VI

A expedição do Coronel Souza Rosa

1917-1918

O Coronel Souza Rosa chega a Mocimboa da Praia a 12 de Setembro 1917, com o seu chefe de Estado Maior Major Ferreira Vianna, e assume o comando da Expedição que o General Gil largára.

As Instrucções do Governo fixaram-lhe para Quartel General o planalto de Chomba, a 141 kilometros da costa, e com 800^m d'altitude.

A situação dos dois partidos, nesta altura, era:

Alemães: Alguns destacamentos para cima de Ngomano, e o grosso das forças a O. de Lindi;

Na frente de Pundanhar tinham: Miwamba, 25 homens; Namyamba, 12 homens;

Na frente de Nangadi: Natchichira com 20 homens; Taradarinha com 26 europeus e a 5.^a companhia d'atiradores indigenas;

Na frente Mocimboa do Rovuma, Newala com 5 europeus; Massassi com 20; Nacalala com 25 e mais 15 askaris.

Na frente Negomano; 4 europeus, 48 askaris; 60 kilometros a montante deste posto, duas companhias indigenas.

Portuguezes: Mocimboa da Praia: 1 pelo-

tão de engenharia; 1 esquadrão de cavalaria;
 III III 3.^a bateria 1.^a bateria 4.^a e 5.^a ba-
 I. 30' I. 31' 1.^o gr. metr.' 4.^o gr. metr.'
 terias indígenas de metralhadoras.

Em Nagalala: 1 companhia do Batalhão de Infanteria 31.

Mahunda: 3.^a bateria do 3.^o grupo de metralhadoras.

Chomba: 1 bateria de artilharia, 1 companhia d'infantaria indígena, 1 pelotão d'infantaria.

Mocimboa do Rovuma: 59.^a indígena; 1 pelotão da 21.^a indígena; 1 peça;

Zona de Palma, da foz do Rovuma a Nangadi: 31 officiaes; 36 sargentos; 852 cabos e soldados europeus, e 12 indígenas;

Postos: Namoto: 6 officiaes, 189 praças europeas, 125 indígenas, 2 peças e 2 metralhadoras;

Kionga: 1 oficial, 1 europeu, 48 indígenas;

Namiranga: 3 officiaes, 6 europeus, 178 indígenas;

Nachinamoca: 3 officiaes, 7 europeus, 10 indígenas;

Kiwembe: 2 officiaes, 5 europeus, 179 indígenas;

Madai: 3 officiaes, 5 europeus, 123 indígenas;

Pundanhar: 4 officiaes, 67 europeus, 77 indígenas;

Matchemba: 4 officiaes, 46 europeus, 121 indígenas;

Nangadi: 5 officiaes, 31 europeus, 308 indígenas;

Colunas: Do Lago; em Mtarica: 3 companhias indígenas da Beira com 12 officiaes, 32 europeus, 637 indígenas, 1 secção de artilharia ^m/82;

De Montepuési: em Muirite: 2 companhias indígenas, e 1 bateria de metralhadoras. Esta coluna foi juntar-se á do Lago, passando a constituir a coluna de Nanguar. Esta coluna de Nanguar,

dispersou por Negomano, Serra Mkula, Nanguar, Oizulos, Macolos: na Serra Mkula tinha 1 bateria indigena de metralhadoras; 4.^a companhia da Beira, 1 pelotão de 297 indigenas: nos M. Oizulos, 1 pelotão da 29.^a indigena com o comando da companhia; nos M. Macolos, 2.^a indigena da Beira; Nanguar, 1 oficial com 40 praças; Negomano, 2 companhias indigenas e 6 metralhadoras.

De 19 a 22 de Setembro 1917, o General Von Deventer diz ao Coronel Rosa, ser sua intenção executar um avanço geral na 3.^a semana de Setembro: o General Northey avançará na direção de Liwale e depois para S. podendo encarregar-se da defeza do Lujenda; os Belgas, attingido o R. Kilimbare, avançarão sobre Mahenge e para S. na direção de Mpende e o destacamento de Luide, sobre Massassi. Julga que o inimigo oferecerá combate junto do R. Mbencuri ou na estrada de Massassi, e, caso retire, o faça sobre Liwale ou Massassi e Newala; na previsão desta ultima hypothese, deseja saber se o Coronel Rosa tem forças bastantes para se opor á invasão do territorio portuguez e á passagem do Rovuma nas proximidades de Negomano. O coronel Rosa responde afirmativamente, achando por isso inutil que as forças Inglezas passem para S. do Rovuma, tendo por melhor emprego delas ligarem Tunduru a Negomano, conservando nós, o nosso destacamento de Nanguar em 2.^a linha a O. de Negomano.

O Coronel Rosa no seu Relatorio diz, que se assim se tivesse feito, não seria possivel a surpresa de Negomano; que a sua intenção era atravessar o Rovuma a 30 d'outubro com 3 colunas em Nangadi, Mocimboa e Negomano, executando um ataque convergente pelo sul.

Para poder satisfazer ás varias indicações do comando inglez, o Coronel Rosa concentra forças em Chomba; desloca a coluna do Major Teixeira Pinto para Negomano; a coluna de Nanguar sob o comando do T. Coronel Quaresma para Undi para obstar á passagem do Rovuma pelo inimigo, naquelle ponto; em Nangadi concentrar-se-hia outra coluna organizada em 4 d'outubro; e em Mocimboa, em frente a Newala, uma outra, ainda, organizada em Chomba: em Palma organisar-se-hia uma coluna movel.

A 20 de Setembro saiu de Chomba a coluna do Major Teixeira Pinto, — 4 companhias e uma bateria de metralhadoras, — que chega a Negomano a 13 d'outubro; as instruções dadas a este official diziam-lhe para estabelecer postos até Negomano, de 25 em 25 kilometros, e opor-se a qualquer tentativa do inimigo para passar o Rovuma.

Para realisar a sua intenção de atravessar o Rovuma a 30 d'outubro, o Coronel Rosa telegrafa ao Major Azambuja Martins, official de ligação junto do comando inglez, insistindo pelo avanço dos Inglezes de Tunduru para leste, afim de cooperarem com a nossa coluna de Negomano.

E para o Governo Geral, expõe, em 30 de Setembro de 1917, os seus planos:

«Estou preparando o avanço das nossas forças em 3 colunas:

- 1.^a — *Coluna Nangadi*... que atravessará o Rovuma com o primeiro objectivo, — Natchichira;
- 2.^a — As forças de Chomba atravessarão o rio com o objectivo Newala;
- 3.^a — *A coluna de Negomano*, atravessará o Rovuma, dirigindo-se para o R. Bangala.

O nosso primeiro objectivo é a linha Mahuta-

-Newala, na margem direita do R. Muite, aguardando, ahi, a sequencia das operações. . . »

No entanto, ia concentrando viveres na frente empregando carregadores; havia 26 Fiats, mas apenas 6 chauffeurs; os carregadores e auxiliares Macondes, consumiam diariamente 4 toneladas de viveres, e a expedição 9 toneladas; a isto havia a acrescentar material diverso, ferramentas etc.

E assim, antes das operações se iniciarem — 3 outubro — já o comando reconhecia a impossibilidade de operar com regularidade e com segurança, pela falta d'abastecimentos; isto é, como repetidas vezes temos dito, — *por falta d'organisação*.

Em 3 d'outubro, o Major Azambuja Martins informa o comando de que o inimigo, sob o comando de Von Lettow se achava entre o Mbemcuri e o Lukeledi, com 12 companhias: efectivamente, a esse tempo, Von Lettow achava-se perto de Lukeledi mas só com 6 companhias e 2 peças e com elas batera os inglezes em Muacho, a 15 d'outubro de 1917, e a 21 em Lukeledi, ao mesmo tempo que um destacamento comandado pelo Major Krant bate o 25 de cavalaria indiana, tomando-lhe 350 cavallos.

A este tempo, as forças que de Mocimboa tinham seguido para Quelimane; em 16 de maio, achavam-se já, na região do Lago, operando com os inglezes, repelindo os ataques de Stewner, que em Março atravessára o Rovuma a O. do Lujenda.

A Reuter de 4 de Julho publicava um comunicado do Q. G. inglez na B. C. A. dizendo: — «Nós, em cooperação com os portuguezes, occupámos Muembe e perseguimos o inimigo até 30 kilometros para N. E.»

A 4 d'outubro estava organizada a coluna de Nangadi, do comando do T. Coronel Aristides da Cunha, — 4 companhias, 1 divisão d'artilharia, 1 bateria de metralhadoras.

A concentração, em Chomba, estava quasi concluida e para ahi passou o Q. G. em 6.

A 7 d'outubro, um telegrama do Major Azambuja Martins, informava terem os Alemães evacuado o territorio a S. de Newala, mas conseruando ainda este posto e o de Mahuta; informação de outra origem dizia ter o inimigo reforçado Nhangá, Newala, Mahuta e Massassi.

«Era indispensavel, diz o Coronel Rosa no seu relatorio, que quanto antes, as nossas tropas marchassem para a frente.»

Este *para a frente* era evidentemente muito vago: onde estava o inimigo a este tempo? Só agora se sabe pelo livro de Von Lettow: — Em 10 de Setembro 1917, marchava ele com 5 companhias de Nahunga sobre Massassi, e o capitão Goering largava d'ali com 3 companhias para Tunduru; a esse tempo, os Ingleses, vindos de Kilwa, chegam a Nahunga e seguem para Nangano. A 9 d'outubro de 1917, Von Lettow repele uma patrulha em Ruponde, mas o 25 de cavallaria indiana retoma esse ponto. A 10 d'outubro, segue para Muacho com 5 companhias e 2 peças, dali para Mahiwa, onde em 15 é atacado pelo General Beves: o ataque dura de 15 a 18 d'outubro terminando pela derrota dos Ingleses.

Com 6 companhias e 2 peças, Von Lettow entra em Lukeledi a 19 d'outubro e bate os Ingleses ahi, em 21, tomando-lhes 350 cavalos; os Ingleses evacuaem Lukeledi e seguem para o Norte. Eis pois, a situação de Von Lettow, como ele a descreve, de 10 de Setembro a 19 d'Outubro.

Ora em 19 d'outubro o Coronel Rosa organisa em Chomba uma coluna de 7 companhias de Infantaria, 1 bateria d'artilharia, e 3 metralhadoras, cujo comando entrega ao Tenente Coronel Alberto Salgado, que com ela segue para Mocimboa do Rovuma. Ao mesmo tempo, organisa-se outra, em Palma, de 300 espingardas, comandada pelo capitão Demony, que devia atravessar o Rovuma, com Namyamba por objectivo.

Não se comprehendem bem estes movimentos. E a este tempo, o general Von Deventer respondendo á proposta de Setembro para avançarmos de mãos dadas, dizia que o general Northey com as tropas Belgas, se achava na area de Mahenge, não podendo, por isso, cooperar no avanço sobre Nangano; portanto, não se concentrará em Tunduru, mas seguirá para Este, aconselhando á coluna portugueza a marcha sobre Negomano. Está apressando a manobra sobre Nangano, porque a occupação desta posição irá separar as forças inimigas do N. das do S.; projecta atacar Mtama, no caminho de Lindi-Massassi a 8 d'outubro.

Entende de boa estrategia manterem-se as forças portuguezas na defeza do Rovuma em vez de tomar a ofensiva para Norte. A existencia duma barreira defensivamente organisada no Rovuma, de encontro á qual Von Deventer atiraria o inimigo, na certeza de o esmagar, seria de grande vantagem e conveniencia.

O coronel Rosa, felicitando a 10 d'outubro Von Deventer pela occupação de Mahenge, expõe as suas intenções:

Na manhã de 19 d'outubro atravessará o Rovuma, em Mocimboa do Rovuma, uma coluna portugueza, com o objectivo Newala. Na manhã

de 20, outras duas colunas atravessarão o Rovuma, uma em Nangadi com Mahuta por objectivo, outra em Madai com objectivo Nayamba.

A coluna de Negomano, estacionará neste ponto; a de Nanguar avançará sobre Unde.

E o general Rosa expede as ordens:

A *coluna de Mocimboa* deve atravessar o Rovuma na madrugada de 19; objectivo Newala.

A *coluna de Nanguadi*, — Major Cunha, com mil espingardas, 1 bateria de metralhadoras, 1 divisão d'artilharia, — atravessa o Rovuma em 20; objectivo Mahuta;

Coluna do capitão Demony, 300 espingardas, também atravessará o Rovuma em 20; objectivo Nayamba.

Em 11-10-917 — Ordem para o Comandante de Palma: ordem á coluna Demony para atravessar o Rovuma na madrugada de 20, apoiada por outra, comandada pelo Major Gordo, seguindo para Madai. Esta coluna procurará ligar-se com a do Major Cunha, cujo objectivo é Mahuta.

O inimigo tem uma companhia em Luagala, outra em Mahuta.

Em Mocimboa do Rovuma concentra-se parte de Infantaria 30, ao tempo com muitos doentes, e artilharia de montanha.

A coluna de Negomano conservar-se-ha neste posto para fazer frente a forças inimigas que venham do Norte.

A coluna de Nanguar recebe ordem para avançar para Norte.

A 11 d'outubro o tenente Beirão, comandante de Nangadi, ataca e toma Mahuta; e neste mesmo dia, uma patrulha alemã surprehende o nosso posto de Nanbanda fazendo 3 prisioneiros.

A situação geral, segundo a informação do ofi-

cial de ligação junto do comando inglez, datada de 13 de outubro de 1917, diz:

— Mahenge foi occupado pelos Belgas a 9 de outubro; o general Northey, occupava as estradas de Songea para Liheta, Mpanda, Milolo, Tunduru, onde se tinha immobilizado, por falta de transportes. A O. de Lindi, os Alemães retiravam sob o comando de Khol e Whale, e evacuavam, tambem, Luagala e Tandalaimba, concentrando-se em Newala. Os Inglezes occupam Ruponde a N. O. de Massassi, em 10. A N. O. de Negomano, Von Stwemer e Jantzen deslocam-se para Lukeledi, e perto deste posto acha-se Von Lettow com 3 companhias.

Em meados d'outubro, a coluna portugueza de Nanguar occupa a região do Lago, Serra Mukula, Montes Oizulos e Monte Macolos; as outras forças occupam as posições já referidas, frente ao N. O general Rosa diz não efectuar movimento offensivo para N., *por ordem do Governo*, a pedido do Governo Inglez; tão pouco guarnecia a fronteira N., porque sendo o rio vadeavel em grande parte do seu curso, não tinha gente bastante para o fazer; e, acentua considerar criminoso o mantermos as nossas forças nos lados do Rovuma, quando, para acabar a guerra havia numerosas oportunidades.

A 15 d'outubro chega a Chomba o coronel Viala, do Q. G. Inglez, para combinar com o general Rosa a offensiva para o Norte.

A situação dos Aliados era:

1.º grupo: em Lindi: 5.600 espingardas; em Kilwa 6500 que se podiam reforçar com 2.200 do destacamento Nauman e outras, n'um total de 14.300 espingardas, alem da artilharia, engenharia e serviços.

2.º grupo: Forças do general Northey, 1.700 espingardas; Belgas, 3.000, em Songea, 400.

Coluna de Tundururu: 400 espingardas e em Mahesi outras 400.

O Coronel Viala insiste com o general Rosa para que não realise a ofensiva para N. do Rovuma, afim de evitar que o inimigo se escape para S. O. para o nosso territorio. No mesmo dia desta conferencia recebia o general Rosa um telegrama do nosso governo, transmitido de Lourenço Marques com data de 14 d'outubro, em que lhe diziam que segundo as informações do Governo Inglez, seria desastrosa, no actual momento, a ofensiva Portugueza. O melhor serviço que podia prestar era guarnecer a fronteira N. obstando á passagem dos Alemães para o nosso territorio; o governador geral, porem, acrescentava no seu telegrama que estava indeciso se esta insistencia dos Inglezes não tinha apenas por fim obstar á nossa entrada em territorio Alemão, e, portanto, arredar-nos da futura partilha da Colonia.

Depois, em novo telegrama, o governo insistia em que não tomassemos a ofensiva, sendo todavia util atravessar o Rovuma em Negomano, ligando-nos aos Inglezes em Tundururu.

Como se vê persistia a ideia de nos afastar das linhas de penetração proximo da costa, levando-nos para o interior, onde a nossa acção seria impossivel ou, pelo menos, muito dificil.

A proposito disto trava-se troca de correspondencia entre o Governador e o Coronel, concluindo este pela seguinte forma:

«Os Inglezes julgavam que ás suas aspirações de grande ofensiva, não corresponderia, da nossa parte, grande acção; quando, porem, se convenceram de que nós, acreditando no que nos diziam,

avançariamos, apresentaram a situação de forma diversa...»

Efectivamente, é para meditar quanto se passou a este respeito, desde o começo da guerra. Vimos a insistencia ingleza a afastar-nos do litoral, aconselhando-nos as operações no interior, difficilimas para nós pela carencia de transportes: favoreceu-os, ainda, a acção frouxa do General Gil e do Coronel Moura Mendes. Agora, porem, que a mudança do Q. G. para Chomba parecia indicar a intenção de manobrar por linhas interiores, vem a ordem para pararmos e guarnecermos o Rovuma, n'uma defensiva passiva absurda e que conduziria fatalmente á derrota!

E assim ficamos de arma ao hombro a enterar-nos nos lodos do Rovuma, e os Alemães apoz varios combates, escaparam-se aos Inglezes e vieram sobre nós, rompendo a nova muralha da China e vindo devastar-nos a casa, como se verá (1).

A situação, tal como a expunha o general Rosa ao Governo da Metropole referida a 16 d'outubro de 1917, era:

Coluna de Negomano — 4 companhia indigena — 800 espingardas — 4 metralhadoras.

Coluna de Nanguar — 2 companhia indigena — 1000 espingardas — 6 metralhadoras.

Nucleo de Chomba — 1700 espingardas — 16 metralhadoras — 2 baterias d'artilharia.

Nucleo de Matchemba — 900 espingardas — 6 metralhadoras — 2 peças T. R.

(1) Deu-se precisamente o que os Inglezes pretendiam evitar: — a passagem dos Alemães para S. O.

Nos postos da fronteira — companhia indígena — 2000 espingardas.

Total — 6400 espingardas.

E nessa data o coronel recebia uma nota de distribuição das forças inimigas, dizendo: 13 companhias ao S. de Mahenge; 2 ao N. de Liwale, 19 a NO. de Massassi; 4 com Von Lettow em Ndanda; 1 em Luisombe; total 40 com 6500 espingardas (?)

Ora, a 19 d'outubro, Von Lettow, com 6 companhias e 2 peças larga de Ruponda sobre Lukeledi, que os inglezes evacua e a 24 decide mudar o theatro das operações para o territorio portuguez.

A 25 d'outubro, Von Deventer manda pedir ao coronel Rosa para no dia 28 e seguintes fazer demonstrações para N. do Rovuma com o fim de obrigar o inimigo a fixar-se em Newala.

Rosa responde que vae seguir para Mocimboa um destacamento composto por 1 batalhão, 2 baterias de metralhadoras, 1 divisão d'artilharia, 1 pelotão de cavalaria e 1 pelotão de engenharia para reforçar aquella guarnição, que era de 3 companhias indigenas, 1 bateria de metralhadoras, e 1 divisão d'artilharia; e á columna de Nanguar mandou ordem para fazer a demonstração.

Em 6 de novembro, Von Deventer dizia para o coronel Rosa que não tinha o inimigo forças algumas para O. de Massassi, nem depositos de viveres entre Massassi e Tunduru; «e, de resto, acrescentava, as minhas actuaes operações obstarão a que o inimigo passe para O. de Massassi...»; dizia mais, que a provavel linha de retirada do inimigo seria na direção de Newala, e entende, por isso, conveniente deslocar mais para E. o destacamento de Undi, concentrando o grosso das for-

ças portuguezas em Mocimboa do Rovuma, deixando tropas depois em Chomba e Negomano.

Ora precisamente a 6 de novembro, quando Von Deventer dizia para Rosa não ter o inimigo forças algumas a O. de Massassi, estava ainda Von Lettow no distrito de Chiwata, que fica a O. de Lukeledi e Massassi, e era então o centro da Administração alemã; mas pouco depois (18 de novembro) era forçado a deslocar-se para Ritangari e seguidamente para o sul, atingindo Newala a 20 de novembro, donde se conclue que Von Deventer viu bem.

Recebidas as informações de Von Deventer, o coronel Rosa ordena ao comandante de Mocimboa do Rovuma:

«Duas companhias devem ir imediatamente para Nampakuco sob o comando do capitão Costa Pereira, a ligar com a coluna do major Quaresma».

Ao comandante de Negomano ordenava: «para seguir com as forças que ali tinha, para Nampakuco, devendo as duas companhias que para ali tinham ido de Mocimboa, regressar a esta localidade, logo que o major Quaresma atingisse Negomano, onde ficaria, também, a bateria de metralhadoras.

Ao comandante da coluna de Nanguar ordenava que fosse com uma companhia para Negomano, substituir o capitão Teixeira Pinto, que devia ir para E. Em Negomano ficariam 2 companhias daquela coluna e 1 bateria de metralhadoras. Além do Lujenda ficaria, apenas, o resto do destacamento d'observação, sob o comando do capitão Melo.

No entanto, os inglezes reocupam Mahiwa e Lukeledi; a coluna Short prosegue sobre Massassi.

Em Nampacheco concentram-se as 2 companhias do major Costa Pereira.

A 16 de novembro o coronel Rosa comunica para Negomano que informações inglezas dizem que Tafel com 600 a 800 homens se dirige para S. a reunir a Lettow, e por isso, que se conserve em Negomano com as 2 companhias, mantendo ligação com a coluna de Quaresma, a qual deve estar pronta a convergir para Negomano ou Undi, segundo o caso.

Em 18, ordenou a marcha imediata da coluna de Nampacheco para Negomano, a ligar com Quaresma.

Nesta data recebe o coronel Rosa um despacho de Von Deventer, de 16 de novembro, comunicando-lhe a sua intenção de impelir Von Lettow para o litoral, e pede-lhe para fazer occupar Luatala ou Nakalula a SO. de Newala. O coronel Rosa expede ordem ao comandante de Mocimboa do Rovuma, para organizar uma coluna com aquele fim: organisou-se, então, a coluna do major Cardozo, — 3 companhias indigenas, 1 bateria de metralhadoras, 1 pelotão de cavalaria, — que não chegou, porem a marchar, por Von Deventer considerar essa força insignificante, pois reputava indispensavel para a occupação de Luatala 1500 espingardas.

A 20 de novembro o coronel Rosa recebia um telegrama de Von Deventer, dizendo modificada a situação: que Von Lettow com Tafel seguia para o sul, na intenção de atravessar o Rovuma: e o coronel Rosa, ordena, então, á columna de Madai para seguir para E., afim de obstar á passagem do inimigo vindo de Luagala e manda reforçar Nangadi com uma companhia, dando-lhe ordem para observar o rio.

A 27, Von Deventer informa ser possível que Lettow tente a passagem do Rovuma entre Lidede e Mocimboa: Von Deventer, agora, estava mal informado.

Segundo o proprio Lettow nos conta, a 20 de novembro estava em Newala, onde completou a organização da sua coluna e a 21 de novembro marchava na direção sul com 300 europeus, 1700 askaris e 3000 carregadores, e nesse mesmo dia chega a Mupili na margem do Rovuma. Ahi, bate uma pequena força do 10th South African Mounted Infantry. A 25 de novembro, passa o rio a vau, um pouco a montante da confluencia do Lujenda, atravessando o grosso da coluna, 9 companhias, o rio, na tarde desse mesmo dia. O capitão Goering, com 3 companhias, fez a passagem um pouco mais a juzante, com o fim de surprender um pequeno posto portuguez, e logo apoz a passagem do rio entra em fogo com patrulhas inimigas. Na margem do Lujenda, estava um destacamento portuguez, comandado por Teixeira Pinto que, imprevidente, só á aproximação do inimigo (25 de novembro) pensou em se fortificar: era Negomano. Von Lettow, para não dar tempo a que se fortificassem capazmente, resolveu atacar imediatamente: a pequena peça d'artilharia, que trazia, foi metida em bateria e abriu fogo, ao mesmo tempo que algumas companhias de infantaria se empenhavam por O. e E., e o destacamento do capitão Kochl, atravessava o Lujenda uma milha a montante, e atravez da floresta da margem, se aproximava e atacava pelo S. Os atiradores de Kochl avançam ao assalto, as outras frentes imitam-os, e a posição foi tomada.

Enterraram cerca de 200 mortos inimigos e fizeram 150 prisioneiros que soltam sob palavra.

Aprezaram muitos medicamentos, viveres, espingardas e munições.

Esta é a descrição feita por Von Lettow do que nós chamamos combate de Negomano — 25 novembro de 1917.

O major Feio Quaresma relatou-o assim :

O comandante do destacamento de Negomano, era o major Telxeira Pinto, que neste mesmo dia 25 de novembro, recebeu um telegrama prevenindo-o da marcha dos alemães, mas o major Quaresma que chegára a 17, invocando a sua qualidade de mais antigo e, assumira o comando. Avizado de que os alemães estavam atravessando o Lujenda, e o Rovuma, mandou reconhecer o inimigo por uma patrulha.

Pelas 12 horas e 45 minutos, o inimigo abriu fogo do Lujenda; (deve ser a peça a que Lettow se refere). O dispositivo adoptado, é o do croquis junto. O inimigo atacou a face deste, guardado pela 26.^a e 28.^a indigenas com 2 metralhadoras, e prolongou o ataque pelo sul.

O major Teixeira Pinto collocava as metralhadoras do lado do Lujenda, quando uma bala o matou.

A certa altura, a 28.^a afrouxa; desmoralisa-se e recua, e o inimigo entra na posição, que occupa.

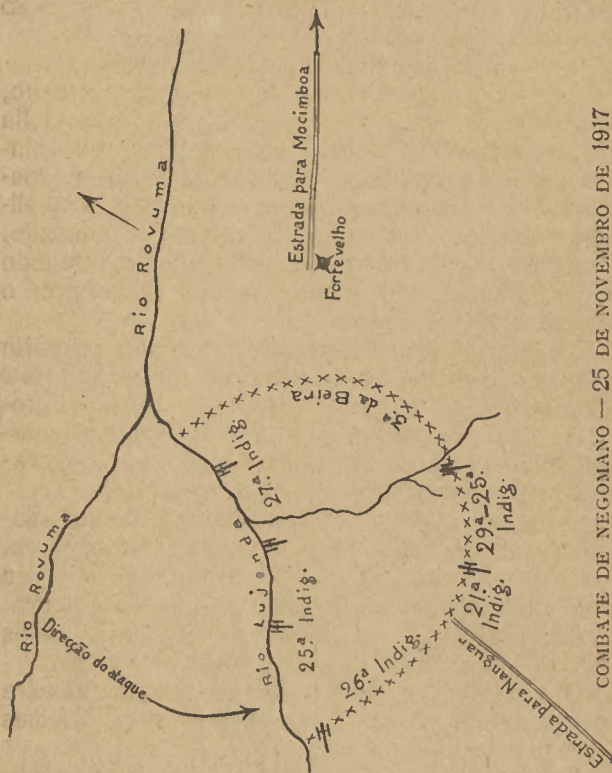
O inimigo teve 3 officiaes, 1 sargento e varios Askaris mortos.

Nós tivemos 8 officiaes, 14 praças europeias e 28 indigenas mortos; 70 feridos e 29 officiaes prisioneiros.

As forças que estavam em Negomano eram: 3.^a bateria do 1.^o grupo de metralhadoras e 3.^a do 3.^o; 25.^a, 26.^a, 27.^a e 28.^a companhias d'infantaria indigenas; companhia mixta e 3.^a companhia indigena da Beira isto é, um total de cerca de 1:000 a 1:200 espingardas e 4 metralhadoras.

O inimigo tinha, como dissemos, umas 2:000 espingardas.

O coronel Rosa, comenta este combate de 25



COMBATE DE NEGOMANO — 25 DE NOVENBRO DE 1917

de Novembro de 1917, dizendo: A coluna do major Teixeira Pinto na marcha para Negomano, foi deixando cunhetes de cartuchos pelo caminho, e faltando-lhe carregadores para este transporte, não lhe faltaram para as bagagens, chegando al-

guns officiaes a levar nelas até os seus grandes uniformes. Avisado da marcha dos alemães, não foi para ele uma surpresa o ataque; nem por isso tratou de se organizar defensivamente então, nem mesmo quando no dia 24 foi avisado do inimigo se achar a 70 kilometros de Negomano.

Este é o comentario do comandante da expedição.

Evidentemente houve a maior imprevidencia da parte do comandante deste posto, e assim, uma vez mais se confirma a opinião que sempre temos expendido de que entre nós, nunca ha preparação, nem methodo. O desleixo, a preguiça são sempre predominantes, e os resultados e consequencias, portanto, desastres.

Na guerra não ha que poupar a fadigas quando é preciso, e não ha cousas minimas; tudo tem importancia.

Ha aqui um detalhe que me impressiona e não sei explicar: O major Quaresma a quem de direito pertencia o comando, não o reclamou: porque? Tambem em Newala o capitão Curado assumia o comando que lhe não pertencia, e o lezado tambem não reclamou.

O comunicado da *Reuter* de 4 de Dezembro, dizia:

«Uma pequena força alemã refugiou-se no territorio portuguez, tendo já sido tomadas as providencias para a sua perseguição . . . »

Esta *pequena força*, ia fazer prolongar a campanha por 1918 dentro.

A 20 de Novembro de 1917, as nossas forças do Rovuma que estavam de frente para N., mudam-a para Oeste, na linha Mocimboa do Rovuma-Chonba-Muirite, com os principaes nucleos em Muirite, Chomba e Nacatura; Mocimboa de-

pois é organizada defensivamente. Também se não percebia esta mudança de frente, que abre francamente o territorio á invasão do inimigo como veremos.

Organisa-se a coluna do Lujenda, com 2 companhias e 1 bateria de metralhadoras que sob o comando do major Curado vae cooperar com os inglezes na região do Lago; outra coluna de 1:200 espingardas, sob o comando do major Cardozo segue para Muirite; e outra de 75 comandada pelo major Baptista, para Montepuez.

Conservam-se as posições de Rovuma-Chomba e Nacatura.

A 2 de Novembro o inimigo, que proseguia no vale do Lujenda, surprehende o nosso posto de Nanguar, importante deposito de viveres e munições que o tenente Kempner ataca e toma com uma companhia; o seu comandante, alferes Salgado é surprehendido a dormir!

A 3, a coluna do general Wahle, que marchara para montante do rio Chinlezi, ataca e aniquila a coluna do capitão Curado em Mkula: morrem, o tenente Correia de Lacerda com 100 praças indigenas, e foram feridos 30; prisioneiros 9 officiaes, 17 europeus e 34 indigenas. Os prisioneiros foram postos em liberdade; um outro tenente alemão ocupa um outro posto nosso.

O telegrama do capitão Curado para o Q. G. diz ter o inimigo derrotado a coluna de Lujenda em 30^m de fogo, devido á sua desorganisação, desleixo na proximidade do inimigo, falta de organisação defensiva e de observação dos preceitos regulamentares.

O inimigo subiu o Lujenda em 2 colunas: uma sobre Puxa-Puxa, outra sobre Nanguar. A de Puxa-Puxa ataca a 3 de Dezembro o posto de

Mkula, das 5^h 30^m ás 11^h 30^m, sendo repellido: no posto havia 250 espingardas e 5 metralhadoras; a coluna de Nanguar veiu então reforçal-os, e em 6, o inimigo torna a atacar das 5 ás 8 horas com 8 companhias, 10 metralhadoras e 1 divisão d'artilharia. A's 13 horas de 8, Curado rende-se, mas o inimigo dá liberdade aos prisioneiros.

Von Lettow não fala designadamente neste ataque ao posto de Mkula; parece, porem, que a ele se refere, quando diz: «O capitão Stermmerman foi igualmente bem sucedido capturando uma outra posição, tambem muito forte, que foi valente e vigorosamente defendida, depois de a cercar durante dias.»

A 5 de Dezembro, Kochl com 5 companhias marcha de Nanguar para Miralia-Medo e Lettow prosegue pelo Lujenda onde encontra provisões, chegando a Chirumla (Mtarica) a 17 de Dezembro de 1917, e ali se demora por ser a região optima e abundante.

A este tempo, o coronel Rosa recebia ordem do Ministerio para evacuar Porto Amelia, afim d'ali se instalarem as tropas Inglezas: o telegrama do Ministerio acentuava:

— «Força ingleza, conquanto cooperando de feza da colonia, não ficará subordinada ao comando Portuguez.»

^Mais uma vez, em territorio nosso, por ordem do nosso governo, cediamos o passo aos Inglezes, que iam operar independentemente da nossa autoridade.

A 13 de Dezembro, chegam os primeiros transportes inglezes a Porto Amelia e as tropas Portuguezas deslocam-se para Moçambique.

A 27 capitula a nossa guarnição dos Oizulos, com 3 mortos e 3 feridos.

Veem as chuvas, e as operações dos Alemães afrouxam. Em fins de 1917, pois, quasi todo o territorio da Companhia do Nyassa fôra invadido e percorrido.

Das forças da coluna de Nanguar, — a unica que não tivera de se bater, e occupava o Alto Molome, sabendo dos desastres de Negomano, Mkula e Oizulos, retira para Unango.

E assim finda o ano de 1917.

Começa, depois, a invasão do Districto de Moçambique, nos primeiros dias de 1918, pelos alemães, atacando o posto de Umpuhua; a 22 occupam Ribaué que abandonam em fevereiro; atacam Muita e Mante, e concentram-se em Montepuez; atacam Lalane a S. O. de Umpupua e o posto de Lurio, e vão seguindo para Sul, uns 300 kilometros, razziano tudo.

A 3 de Janeiro de 1918, o Coronel Rosa embarca no *Pebane* para Lourenço Marques.

Em Maio, o capitão Muller batia um destacamento inglez em Malema e dirigia-se ao Alto Molomé.

Entre este posto e os alemães em marcha, ficava a cordilheira do Inagu que uma bateria ingleza guarnecia. Von Lettow evita o combate, e contornando a cordilheira por Este, segue para o Alto Moloque: o destacamento de Muller apodera-se deste posto, com tal surpresa, «que alguns officiaes e sargentos portuguezes que estavam tomando café na varanda d'uma esplendida residencia europeia, foram feitos prisioneiros».

A 10 de Fevereiro, encontro de patrulhas: 80 a 90 askaris chegam ao posto de Malema cuja guarnição retira para o Inago; a 11, os nossos reconhecimentos retiram sobre Nampula. A 16,

escaramuças alemãs e inglezas nos Montes Mripa; a 18 o inimigo apodera-se do posto de Mutuali e as suas patrulhas avançam na direcção do Inagu e praso Lomué, ao N. do distrito de Quelimane. Os indigenas auxiliam os alemães com entusiasmo.

A 15 de Fevereiro, a coluna de Muirite, dissolvida, é incorporada nas guarnições de Chomba e Nacature.

Com o fim de apertar Von Lettow, o comandante em chefe faz ir sobre ele, de Oeste, Northey; de Leste, Edwards; de Norte, a Brigada Nigeriana que se estabelece em Nangoma, e organisa-se a coluna movel portugueza a 28 de Fevereiro.

O Barué revoltava-se e para a Beira era deslocado o batalhão de marinha que não chegou a sair d'ali.

As forças aliadas, apoz escaramuças de patrulhas, chegam á Meza a 25 de Fevereiro e seguem para Montepuez.

A coluna movel, comandada pelo tenente-coronel Salgado, com 6 companhias e 1 metralhadora, a melhor gente da expedição recebe ordem, a 23 de Março, para seguir para Chomba e Mahunda. A 3 d'Abril destaca-se o 1.º grupo de companhias indigenas de Chomba para Muirite, onde a 21 chega toda a coluna movel, em seguida deslocada para Msalu-Boma, afim de ficar á disposição de Northey: este, entrava no nosso territorio vindo de O., com a sua coluna, de que fazia parte a 2.ª companhia indigena da Beira, dirigindo-se sobre Mtarica, com a base em Mtangula. Com o mesmo objectivo vinha de N. E. o coronel Hawthorn com 1:000 espingardas, e Clay-

ton ocupa Mtarica a 14 de Fevereiro de 1918: a 2.^a companhia da Beira, a 11 de Março, retira para Unango.

Em Março de 1918, as nossas forças no distrito de Moçambique, eram :

Nampula — 4 companhias, 1 secção de metralhadoras; 2 secções de 7, de montanha; 1 secção de infantaria e auxiliares indigenas.

Malema, — Ribaue, — Mcuburi, — Mconta-Memba, — Chaonde, — Nacaroa, = 5.^a, 11.^a, 5.^a indigenas; 2 companhias europeias; 1 secção de metralhadoras; 1 companhia disciplinar; = total 76 officiaes, 69 sargentos, 664 cabos e soldados europeus, e 1417 indigenas.

Em 12 de Março desembarca no Lumbo um contingente de 1000 Inglezes, que seguem para Nampula, onde chegam a 17. Era, então, ali, o Q. G. das forças do Districto: deram-se logo dissensões entre os comandantes, e houve de dividir o theatro d'operações em dois:

Von-Deventer pedia ao Coronel Rosa para estudar o problema da concentração na direcção do Alto Molocué e Ribaue, caso o inimigo passasse para o Sul.

Em Quelimane, as forças em operações eram comandadas pelo Major Silva Leal, a quem, em fevereiro de 1918, o Coronel Rosa mandava uma *directiva*, que resumimos :

— O grosso inimigo acha-se nos vales do Lu-reco, Lusinge, Alto Msalu, Lurio-Boma e Malema, com patrulhas na direcção do Inagu e Lomué.

O general Northey acha-se em Mtarica; o Coronel Rosa ocupa a Mesa.

O nucleo principal das forças portuguezas, continua na linha Mocimboa-Chomba, com 1 companhia em Muirite e outra no Ibo.

As forças do districto de Moçambique occupam Nampula com avançadas em Ribaue e Mcuburi.

No Alto Molocué 90 praças de Quelimane.

Fim—As forças operando no Alto Molocué sob o comando de Major Silva Leal, reforçadas pela 27.^a indigena e 1 secção de metralhadoras, manterão a soberania portugueza no Districto de Quelimane.

O comando da Expedição acha-se em Mocimboa da Praia. O Batalhão de Marinha foi para Moçambique e o Major Silva Leal para Ribaue.

A 28 de Março de 1918, o Coronel Rosa queixa-se para o Governador geral de lhe faltarem dinheiro e medicamentos, com o hospital cheio de doentes; não tem transportes para a evacuação destes; devem-se mais de mil contos aos carregadores, e não tem arroz, sendo o consumo normal deste, de 600 toneladas mensaes: a miseria fisiologica dos soldados das companhias indigenas era de pascar, devido á insuficiencia de alimentação; uniformes, não havia. Exige que lhe mandem mais 20 companhias indigenas, já requisitadas, pois não é possivel continuar a guerra com europeus; soldados e carregadores desertam por falta de pagamento; os chauffeurs que da Metropole lhe enviaram, só serviram para escangalhar os automoveis.

A 16 de março, o Coronel Rosa transmite para Quelimane as seguintes informações que lhe mandara Von-Deventer: na proxima quinzena iam executar grandes operações na area de Namungo; considera da maior importancia a deslocação da *coluna movel* na direcção do Vale do Msalu: irão 1500 carregadores para Muirite para serviço da coluna; a nossa ação neste momento é de maior importancia; o grupo de Muirite seguirá a

reunir ao grupo principal. Na região Msalu Boma ha recursos.

Com grande surpresa de Von-Deventer, porem, a 19 o inimigo abandona Namungo, e os Inglezes perdem o contacto com ele; como, porem, o Coronel Rosa objeta á deslocação da coluna movel por falta de viveres e carregadores, Van-Deventer ordena que a coluna se conserve estacionaria em Chivaro.

Em 23 de Março tinhamos ao N. do Msalu, sob o comando do Coronel Antonio Carneiro as seguintes forças:

Mocimboa da Praia: 3 companhias, 1 esquadrão, 1 batalhão, 1 secção de telegrafistas; 1 pelotão de pioneiros;

Nacature: 3 companhias; 1 batalhão de metralhadoras; 1 secção de telegrafistas;

Chomba: 1 batalhão de infantaria; 3 companhias; 1 bateria e meia de metralhadoras;

Muirite: 1 companhia.

Base: 1 companhia de automoveis; officiaes, depositos, serviço de saude;

Tropas de etapes: 3 companhias de infantaria; engenharia; e varios destacamentos:

Total: 103 officiaes; 148 sargentos; 1161 cabos e soldados europeus; 1383 soldados indigenas.

Parte destas forças foi deslocada aos poucos e poucos para o Sul.

A 18 d'abril o Coronel Rosa recebia ordem para fazer deslocar a Coluna movel do Tenente Coronel Salgado, de Muirite sobre o Msalu-Boma e aviso de que as forças inglezas de P. Amelia iam seguir para Mualia. Rosa transmite a ordem em 26, mas a coluna *movel* estava *immoval* por falta de carregadores e de estrada.

A 28 d'Abril, o Coronel Rosa informa a *coluna movel* de que a *Pamforce* estava empenhada na região M. Coronja, a S. O. de Palma, com 6 companhias inimigas, e ordenava-lhe que deslocasse um grupo para o vale do Msalu.

A 6 de Maio, realisa-se uma conferencia entre Von-Deventer e o Coronel Rosa em Mocimboa da Praia. O General Inglez expõe a situação: O inimigo, — 1500 homens, — concentra-se na area de Namungo, com o fim de romper o cerco que lhe fazemos; é natural que tente seguir para Norte: toda a força de inimigo reside na excelente qualidade dos seus askaris, e na sua grande mobilidade; a sua fraqueza, na impossibilidade de receber novos recrutas e na falta de munições e reabastecimentos.

As forças portuguezas do Norte devem avançar na direcção Msalu-Boma para fechar esta linha de retirada ao inimigo, actuando em ligação com as forças inglezas de Balama e Lucinge: Von-Deventer faz acentuar o perigo dos pequenos destacamentos sem apoio serem batidos em detalhe. Recomenda, por isso, que as forças portuguezas se mantenham o mais concentradas possivel, lançando fortes patrulhas na direcção Msalu-Boma e Serra Mucuturo, para proteger as suas comunicações por Muirite.

Quanto ao Districto de Moçambique achava bem a occupação do Sector Namecala — Serra Mripa, com um posto avançado em Umpuhua, e reserva no Ribaue. Caso os Alemães atravessassem o Lurio, as tropas portuguezas retirariam sobre Ribaue, onde seriam apoiadas pelo destacamento inglez, *Momforce*.

O Coronel Rosa apenas observou a grande falta de transportes, mas que diligenciaria obtelos.

Resolveu-se que a Companhia, que estava em Unango, fosse para Serra-Mcanga e prohibiu-se á companhia do Nyassa a cobrança de imposto por isto fazer fugir os indigenas. Resolveu-se, ainda, pôr de parte alguma artilharia por falta de transportes.

Contra a expectativa de Von-Deventer, porem, o inimigo escapa-se de Namunga para o Sul, tornando os Ingleses a perder o contacto, resultando perdidos todos os esforços.

Efectivamente Lettow, que fizera espalhar a intenção de seguir para Norte, tendo mesmo lançado algumas patrulhas na direcção Namunga — Lucinge, larga para Sul a 9 de Maio, transferindo o theatro das operações, do Distrito de Moçambique para o de Quillimane!

E' facil de calcular o desespero do Comandante Inglez!

Mas o curioso é que o comandante da *Pamforce*, caindo no logro que Von Lettow lhe armára, diz neste dia 9 de Maio para Von Deventer:

— «Von Lettow evacua Namungo, escoando-se para Norte por um caminho paralelo á estrada Nango-Lucinge.»

E Von Deventer caindo tambem na esparrela que o inimigo lhe armára manda reforçar a toda a pressa as guarnições de Luinge, Mcuba, Nangué, e atira com a coluna movel Portugueza para o Msalu, para barrar a passagem a E. dos M. Metucutuco!

E a 10, o Coronel Rosa recebe a seguinte informação de origem ingleza: — Ha indicios de que os Alemães procuram retirar para N. estando já a atravessar o Msalu... »

Imagine-se, tambem, a surpresa e desespero do Brigadeiro Edwards quando, depois de ter es-

tendido uma linha de comunicações a partir de Porto Amelia, isto é, de 304 kilometros, entra em Namungo dezerto!...

Codilhados todos.

A 25 de Maio, Von Lettow seguia a corta-mato para Koriwa e dali para a região de Kwiri, ao S. de Mahua, onde deixa os doentes com um medico. No entanto o capitão Muller toma Boma Malema occupado por um Batalhão inglez, que retirou para Sul; a este tempo uma patrulha portugueza é aprisionada. Von Lettow acampa nas margens do Malema extremamente fertéis. A região era excelente sob o ponto de vista de subsistencias, mas Lettow sabia que Portuguezes e Inglezes estavam apertando o cerco e não podia ali demorar-se.

A 30, os Alemães atacam Malema, e a 2 de Junho occupam Umpuhua; as nossas forças de Mripa retiram para Ribaué, que Lettow faz atacar, ao passo que com o nucleo principal se escoa entre Vatima e Malema sobre Nhamacurra.

A 16 de Junho, os Alemães estão em Ille e Alto Molocué, onde a imprevidencia e falta de cuidado portuguez lhes deixava cair nas mãos uma coleção de mapas da região, que segundo Von Lettow confessa, lhes prestaram o maior auxilio.

Muller atravessava o Licungo num vau perto da confluencia com o Lujela, tendo repellido um destacamento portuguez vindo á pressa do Sul; o grande deposito da Companhia do Lugela cairá lhe nas mãos, fornecendo-lhes roupas e viveres; incendeiaram os edificios e 300 toneladas de generos.

A 27 de Julho, Muller reúne a Van Lettow, e segue logo para Sul na direção de Oringa.

A situação dos Portuguezes tornava-se grave;

corriam boatos alarmantes dum ataque a Quelimane.

O Coronel Rosa procura concentrar gente e viveres em Quelimane, e fazer evacuar para ali as munições dos postos do interior, e a 16 de Junho segue pessoalmente para Quelimane com 4 companhias indigenas. A 20 chega a Luabo com o Major Velez Caroço com 3 companhias e 6 metralhadoras, e instruções datadas de 20 de Junho para cobrir a testa do Caminho de Ferro de Munhiba.

A 21, Von Deventer informa Rosa, de que a sua intenção era bater o inimigo entre o Alto Molocué e Ille, ou empurrar-o para o mar, e ordenava que as forças de Quelimane o detivessem até que as forças Inglezas que desciam de Ribaue o alcançassem. Neste dia 21, os Alemães saíam do Alto Molocue para Sul, tendo deixado revoltados contra nós os indigenas da região.

Em 23 de Junho, ás 15 horas 20 minutos, recebia Rosa um despacho de Munhiba informando ter sido atacado o capitão Alpoim nas margens do Lugela, fugindo-lhe os soldados; e o Major Caroço, em 27, informava que uma das suas companhias atacada de surpresa, debandara, seguindo o inimigo para Mocuba.

A 26 de Junho Von Deventer manda ordem a Rosa para fortificar Nhamacurra e Quelimane, censurando-o por o não ter feito já; e termina a sua nota da seguinte forma:

— «Emquanto eu não estiver mais satisfeito quanto ás qualidades das suas tropas, considero inconveniente o seu emprego fóra de entrincheiramentos. Em vista do que, eu não empregarei na coluna movel quaesquer tropas portuguezas até que o Sr. me garanta a sua reabilitação.»

E o Coronel Rosa procura justificar o que se passou, attribuindo-o a serem os soldados Quelimanes; se fossem Landins, o caso seria diverso. O Coronel Rosa attribue as palavras desagradáveis de Von Deventer a insinuações e intrigas do agente de ligação Leonel Cohen, «que secretamente tratava de deprimir a nossa ação e o nosso esforço, desmentindo as informações do Q. G. Portuguez, o que nos creou uma situação particularmente difficil e ao official de ligação portuguez, Perry da Camara.»

Ao mesmo tempo, Von Deventer graduava em T. Coronel o official inglez que estava em Nhamacura, Major Gore Brown afim de ficar acima do Major Carço e assumir o comando ali; já fizera o mesmo, antes, quando se organisára a coluna do Ribané graduando em T. Coronel o Major Philipps para ficar acima do Major Silva Leal. (1)

Conformando-se com isto, o Coronel Rosa manda a Gore Brown em 28 de Junho, a seguinte directiva:

— Inimigo ao sul da linha Alto Ligonía-Alto Molocué-Ille, — tendo uma companhia em Namirue; tropas aliadas proseguem para S. E., perseguindo o inimigo. As tropas do T. Coronel Gore Brown cobrirão Quelimane, com o grosso em Nhamacurra, que será organizada defensivamente.

As forças de Munhila conservam-se ali, para proteger a testa do caminho de ferro com postos em Mocuba e Maley, fazendo a exploração na

(1) Foi, de resto, o mesmo que fizeram em França, graduando tenentes-coroneis e coroneis em generais, para terem autoridade sobre os nossos officiais.

direção de Mugeba e Maganja da Costa; ligar-se-hão ás forças inglezas que marcham sobre Mocuba.

A 28 de Junho, Gore Brown sugere ao Coronel Rosa, que a melhor maneira de defender Nhamacurra seria ir ao encontro do inimigo, logo que se soubesse com precisão onde ele se encontra.

Van Deventer, no mesmo dia insinuava tambem para Rosa, que qualquer ataque alemão seria facilmente gorado, atacando-o as nossas forças pela retaguarda; e pedia a remessa de forças para Moebasi.

A 29 consta estar um forte nucleo alemão em Mulevala, com destacamentos na direção de Maganja da Costa; informação exacta; e, contudo, Van Deventer dizia para Rosa, — 29 Junho, — que o grosso inimigo ia em direção a Mujeba, e as forças aliadas se achavam na linha Vila Esperança, Mecuburi, Nampare, Manhunhua, com a nossa coluna volante na direção de Murrua.

A 30, vespera do ataque a Nhamacurra, Leonel Cohen transmitia a informação do T. Coronel Gore Brown: — Não havia noticias do inimigo; o R. Licungo não é vadeavel; vae mandar patrulhas para Maganja.

— Não ha noticias do inimigo.

Excelente serviço de informação!

Pois em 1 de Julho o grosso do inimigo atingia o Licungo e vadeava-o imediatamente, com a agua pelo pescoço, nos sitios mais fundos. Descansaram, e no dia seguinte seguiam o trilho do destacamento Muller, que formava a guarda avançada, e no dia anterior surprehendera um destacamento nosso em Kokosani e um comboio que acabava de chegar do Lugela.

Gore Brown, apesar de ter lançado esclarecedores para a sua frente, só teve conhecimento da aproximação do inimigo quando este se achava a 1 hora de marcha!

Von Lettow chega á estação do caminho de ferro donde partem tiros, travando-se combate. Chovia e fazia frio e Von Letow mandou retirar para o acampamento do dia anterior, deixando em contacto com o inimigo 3 companhias do destacamento do capitão Poppe.

No dia seguinte 3 de Julho, meteu em bateria 2 peças que trazia, e á tarde começou o fogo com elas: percebendo que o adversario fraquejava e se desmoralizava, Lettow lançou as suas companhias ao assalto, e os inglezes e portuguezes debandam e correm para o Nhamacurra, que muitos passam a nado; afogam-se bastantes, entre eles o T. Coronel Gore Brown.

Esta é a descripção que Von Lettow faz do combate. O agente de ligação Cohen, comunica ao Coronel Rosa, em 1 de Julho, o que neste dia se passou: — «O inimigo atacou Nhamacurra, hoje ás 15 e meia horas. Apesar de ter bastantes patrulhas, só fui avisado 1 hora antes...» A redação deste documento é muito confusa e de forma e linguagem pouco militar; deduz-se porem, que tinha nomeado patrulhas para a fabrica, onde devia haver tropas portuguezas, que aquella hora já tinham dali desaparecido; ás 2 e meia horas, Portuguezes e Inglezes estão-se fortificando na estação do caminho de ferro.

Força inimiga, uns 400 homens; consta haver outro nucleo inimigo para Este...»

Combate de Nhamacurra — 1, 2 e 3 de Julho de 1918 — No dia 1 os Alemães apoderam-se da

fabrica da Companhia do Boror guarnecida pelas 21.^a e 39.^a indigenas, e 1 secção d'artilharia.

A guarnição de Nhamacurra consistia alem das companhias portuguezas em mais duas inglezas; a posição era mal escolhida: muito extensa e com os flancos no ar.

O Relatorio do Coronel Rosa, de 7 de Julho de 1918 diz:

— A posição escolhida pelo T. Coronel Gore Brown tinha 3 kilometros de desenvolvimento, demasiado para a sua guarnição de 4 companhias; tinha pequeno campo de tiro; flanco esquerdo no ar. Logo no dia 1 foram aniquiladas as 2 companhias portuguezas, sem que as outras lhe acudissem. No dia 2 o ataque inimigo é repellido, mas a 3, a defeza dispersa; atiram-se ao rio, onde morrem mais de 100 indigenas Inglezes, e o T. Coronel Brown; o resto retirou para Quelimane.

Descripção de Von Deventer

Na tarde de 1 de Junho, o inimigo fez um subito ataque sobre o sector O. de Nhamacurra, com 3 companhias. A guarnição, — 500 soldados indigenas, — foi surprehendida, e ainda que os officiaes e sargentos portuguezes tivessem combatido com bravura, todo este sector de defeza, incluindo 2 peças de tiro rapido, estava em breve, nas mãos do inimigo. Este repetiu o ataque em 2 e 3 de Julho, e ás 3 horas da tarde deste ultimo dia, a guarnição debandou, morrendo muitos aogados no rio. Tivemos 2 officiaes e 1 sargento mortos, muitos feridos e 11 officiaes prisioneiros.

Relação do alferes Ferreira de Menezes

O comboio que saiu em 1 de julho de 1918, estava no kilometro 5 quando foi atacado pelas 14 horas e 30 minutos, mas seguiu; novo ataque veio horas depois; às 15 horas chega a Nhama-curra, e o alferes Menezes apresenta-se ao comandante inglez, o coronel Browne, junto do qual fica, substituindo o capitão Damasceno, chefe do E. M., que desaparecera. A este tempo, o inimigo atacava a Fabrica, que ás 16 horas e 30 minutos estava em poder do inimigo.

A' 1 hora de 2, a 21.^a indigena retirava para a estação seguida pelo pelotão inglez; ao amanhecer as forças portuguezas estavam em volta da estação. A's 7 horas e 30 minutos, o inimigo atacava a face N. E. com 100 homens e 2 metralhadoras; seguem-se outros ataques; ao anoitecer faz-se uma distribuição de bolacha e sardinhas aos homens, que estavam sem comer desde a tarde do dia anterior.

A's 8 horas de 3, o inimigo atacou com violencia, e pelas 15 caíram duas granadas na estação, o que tal abalo causou no pessoal desta, que se precipitaram nas trincheiras onde provocaram tão grande confusão que a guarnição delas, europeus e indigenas fugiram; caem mais granadas, e portuguezes e inglezes, tomados de panico, abandonam as outras trincheiras.

Perseguidos pelo fogo inimigo, descem ao Macuze, onde aproveitando uma almadia se atiram para dentro dela com tal violencia que esta se afunda. O comandante inglez e mais outros officiaes inglezes, descalçam as botas e atiram-se á agua.

O inimigo aprezoou 3 metralhadoras, 6 cunhetes de polvora, 60 mil cartuchos 717, equipamentos, as bagagens dos officiaes e todos os viveres.

Relação do 2.^o sargento Moreira da 21.^a indigena

Em Nhamacurra estavam alem desta companhia as 25 e 39 indigenas, 1 divisão da 7.^a bateria d'artilharia de montanha, e 2 companhias de infantaria inglezas.

A 29 de junho abrem trincheiras em volta da povoação e da fabrica da companhia de Boror a cerca de 2 $\frac{1}{2}$ kilometros daquela localidade; a Secção de metralhadoras da 21.^a indigena ficou junto do caminho de ferro a 1 kilometro para N. E. da estação. A's 14 horas e 30 minutos de 1 de julho, ouviram-se tiros a distancia; eram os alemães atacando o comboio que vinha de Munhimba, na altura do kilometro 5. A's 18 horas aparecem alguns soldados da artilharia de montanha, dizendo que o inimigo lhes tomara as peças, tendo, porem, os apontadores, tirado as culatras.

A's 23 horas a companhia, — que não fora incomodada, — foi mandada retirar para a estação.

A's 7 da manhã de 2, o inimigo atacou-os e durante todo esse dia se trocam tiros; ás 6 da manhã de 3, recomeça o ataque; às 15 o inimigo iniciou o fogo d'artilharia; às 15 horas e 20 minutos o inimigo assaltou a posição, e a guarnição fugiu. O sargento, que presta esta informação, ficou prisioneiro, e bem assim, o capitão Bartolo Simões, tenente Brion, alferes Kohn, Correia Mendes, Rodrigues, Carmona, 2 sargentos e al-

guns soldados. Os alemães eram 100 com 1200 a 1500 askaris e 5500 carregadores.

Relato do tenente Anderson do $\frac{2}{3}$ K. A. R.

O comandante dos aliados na defeza de Quelimane, era o tenente coronel Lathan: o comandante das tropas inglezas, o tenente coronel Gore Brown do 2.º batalhão.

Dispositivo das tropas:

1) — 59.^a indigena com 250 officiaes e praças e 2 metralhadoras; esta companhia recebeu ordem para manter patrulhas a O. do R. Nhamacurra; este sector protegia a fabrica, tendo perto desta, um pelotão de reserva;

2) — Companhia indigena 21.^a — 150 officiaes e praças com 2 metralhadoras; flanco esquerdo no mucurro e o direito na linha ferrea; pelotão de reserva junto do mucurro; os sectores 1 e 2 cruzam os fogos;

3) — 2.^a companhia do $\frac{2}{3}$ K. A. R. (capitão Sherrand): 150 officiaes e praças com 2 metralhadoras Lewis. A esquerda na linha ferrea, a direita no R. Nhamacurra;

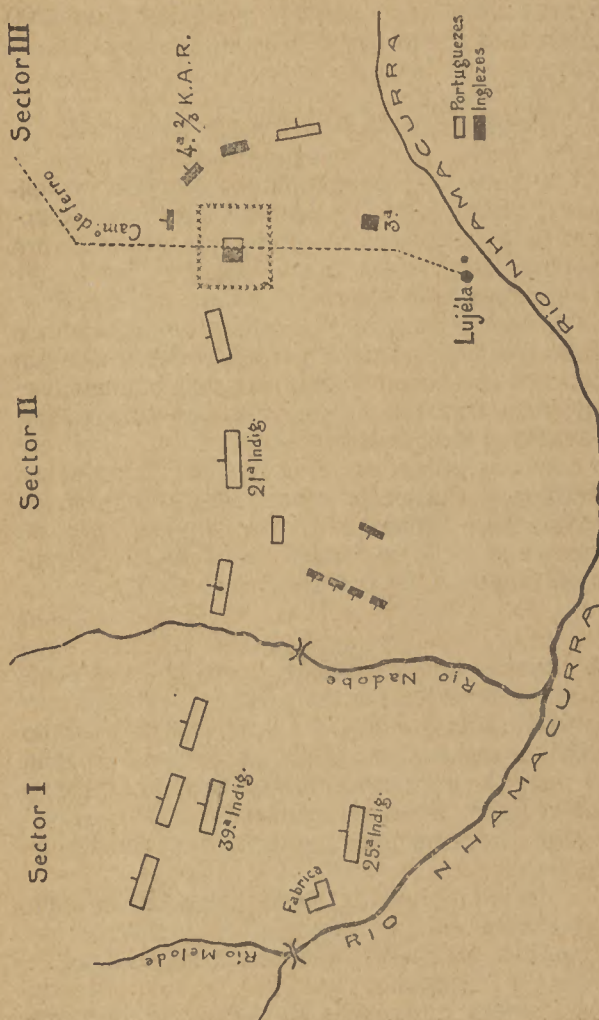
4) — 3.^a companhia do $\frac{2}{3}$ K. A. R. (capitão Jervis), menos 1 pelotão em reserva em P, com uma secção de metralhadoras — 140 officiaes e praças e 2 metralhadoras Lewis;

5) — 25.^a companhia: reserva a S. E. da Fabrica;

6) — Artilharia portugueza: 2 peças de montanha T. R. em O.

7) — Uma companhia ingleza de reserva em P.

Pelas 14 horas de 1 de julho de 1918, ouviu fogo no sector 1; a artilharia portugueza fez uns



COMBATE DE NHAMACURRA — 1, 2 E 3 DE JULHO DE 1918

15 tiros; depois, aparecem soldados vindos do sector 1, dizendo ter-se o inimigo apoderado da artilharia e da fabrica; que a 25.^a indigena fugira, e se não sabia da 39.^a

A' meia noite de 1, o tenente coronel Brown manda fazer entrincheiramentos para os inglezes e 21.^a. Na manhã de 2 o inimigo veio tirotear, durando o fogo todo o dia e noite de $\frac{2}{3}$ de julho. Com falta de munições, o tenente coronel Brown resolveu retirar, mas nessa ocasião chegam-lhe 50 mil cartuchos pelo rio, e mudou de resolução.

A's 3 horas da tarde do dia 3, o inimigo iniciou o fogo d'artilharia: a 1.^a granada rebentou na estação: os civis, que ali estavam, fogem em desordem; uma trincheira proxima, onde estavam uns 30 soldados indigenas foi, tambem, evacuada; então como as granadas se succedessem a pequenos intervalos, portuguezes e inglezes retiram em desordem, para a margem do rio; officiaes e praças, atiram-se á agua que naquele ponto tem 90 jardas de largura e forte corrente, afogando-se muitos.

A situação em Quelimane, agravou-se então, e o coronel Rosa fez embarcar nos dois navios surtos no rio, as mulheres, creanças e valores do Banco, e armarem-se todos os homens validos.

O inimigo, porem, contentou-se com os resultados obtidos, e seguiu para o Licungo e Mlela, batendo os destacamentos portuguezes que ali encontrou.

A 7 de julho chega a Quelimane o Governador da Provincia, coronel Amorim, e o coronel Rosa entrega o comando ao tenente coronel Salgado e regressa a Portugal.

Os alemães, depois de se encherem de muni-

ções, 500 toneladas de viveres, grandes quantidades d'assucar, vinho, etc., retrocedem, atravessam o Licungo a 5 de julho, chegam a Oriva a 14 e seguem para Márua; a 22 de julho, com esplendido luar atravessam o Namirrue, aprisionam o coronel inglez Dickinson com o ajudante e um medico; seguem para Chalaue. A 11 e 12 d'agosto teem combate de patrulhas; atravessam o Ligonina em Metil, tomam Illi aos inglezes, atravessam o Licungo a 24 d'agosto, atacam Nhamarroee, onde aprisionam o major Garrod, e passando o Lurio em Mtétire regressam ao territorio alemão, com grande prazer dos Askaris, ricos do saque.

E, assim se pode considerar, praticamente terminada, a guerra na Africa Oriental.

VII

Conclusão

Formidável lição para nós, Portuguezes, que temos colonias ha cinco seculos, foi esta, que d'uma forma frizante, indiscutivel, demonstrou a nossa decadencia, a nossa indeferença, a nossa apathia, o nosso desprezo pelas lições recebidas.

As Expedições organisadas *sem preparação*; a pouca intelligencia dos governos permitindo duas autoridades com ingerencia nas operações — o Comandante e o Governador; a miséria dos recursos á disposição do comando, regateando-lhe homens, material, dinheiro; o abandono, o desprezo pelas expedições uma vez saídas da barra do Tejo, não querendo mais saber delas, entregando-as ao destino; a falta d'um plano de operações positivo e claro, com objectivos definidos e precisos.

E agora, finda a campanha, ninguem mais se preocupa com a insignificancia dos resultados obtidos, e ninguem procura aproveitar mais esta lição formidável.

Continuamos na mesma: persiste a falta de preparação, de organisação, e se amanhã nos virmos envolvidos em nova guerra, succeder-nos-ha precisamente o mesmo.

Continuamos sem *soldados*, continuamos sem *chefes*, continuamos sem *armamento* nem *munições*, continuamos sem *preparação*.

A organização militar experimentou-se e viu-se quanto valia; e ficámos na mesma, e continuamos na mesma.

Para tratar da defeza e manutenção da soberania nas colonias, que teem um territorio muitas vezes superior ao de Portugal, existe apenas, *uma direcção militar colonial*, sem vida, sem conhecimento pratico das colonias, sem largueza de attribuições, — especie de escriptorio para contratar emigrantes militares para o Ultramar.

A sua ação viu-se bem na miséria da organização das Expedições, feita atabalhoadamente, sem sciencia nem consciencia, à pressa, sem cuidado algum, como quem reune e embarca rezes para o matadouro(1): viu-se isto bem, nos fornecimentos de viveres intragaveis, de munições e material de guerra em mau estado, na falta de fardamento, roupas e calçado; na pessima qualidade, insuficiencia e má preparação dos medicamentos; no desleixo da adopção de medidas para o prehencimento das baixas; na falta de preparação dos transportes, não os dotando com os meios indispensaveis á acomodação confortavel dos homens e do gado; na falta de preparação da Base d'operações para onde os navios despejaram os homens, sem sombra de caridade e de respeito pela vida humana; na carencia absoluta de mapas, cartas ou itinerarios dos theatros d'opera-

(1) E que admira isto, se da mesma forma se procedeu para a França!

ções; na falta de enfermarias e hospitaes; na falta de meios de transporte, d'organização do serviço de etapas, do serviço de informações...

Como poderia alguém esperar que se conseguissem resultados positivos e humanos, quando no Grande Quartel General do Ministerio das Colonias não havia sequer consciencia do que se ia fazer, nem da maneira de proceder, nem do objectivo politico e militar?

Como podia qualquer dos comandantes das expedições conseguir alguma cousa, se o governo que os expedia para o Ultramar lhes não expunha com clareza e precisão:

a) *O objectivo politico;*

Nem tão pouco consultára com a nossa Aliada sobre:

b) *A nossa missão militar.*

Foi pois, por não haver um plano politico, que se não poudo fixar a nossa missão, e dahi resultaram as discussões e más vontades entre os governadores das colonias e os comandantes das expedições; e foi por não estar fixada a missão militar, que os comandos foram frouxos, ou indifferentes, ou apaticos, fatigados por os não comprehenderem nas altas regiões, não lhes facultando os meios completos para operar, justamente quando era indispensavel saber-se o que se queria, para se poder operar com actividade, decisão e firmeza.

Como de costume, os governos deixaram tudo *ao Deus dará*, fiados no costumado *será o que Deus quizer*, — o fatalismo comodo destes musulmanos mangas d'alpaca, — e que ha anos é o lema da administração publica, e nos tem empurrado para o beco sem saida em que a Nação se encontra; politica de incompetentes, que não que-

rem pensar nem resolver, nem decidir; politica de castrados!

E, o resultado de toda esta bandalheira, foi o desastre total da nossa acção militar em Africa, o descredito em que ficámos para com os indigenas, e as perdas das vidas dos nossos soldados, que por lá ficaram ou vieram depois a morrer das mizerias passadas, e as perdas de reputação de muitos graduados, que noutras condições teriam afirmado o seu valor.

«Um fraco rei faz fraca a forte gente».

Já o dizia Camões.

Infelizmente, — consequencia da destruição systematica do espirito militar, que ha muito se vem fazendo, — o *Comando*, no nosso Exercito, vem decaindo, resultado da existencia de chefes sem valor real, impelidos até aos mais elevados cargos da hierarchia militar por um systema de promoções feito para sornas; colocados nos cargos de direcção do Exercito pelo favoritismo ou pela politica partidaria, ou pela sua disposição á subserviencia; desprovidos, na maioria dos casos, das qualidades indispensaveis a quem dirige, e dispostos, como verdadeiros *parvenus*, a salientar-se amachucando os que os cercam e lhes fazem sombra. A acção autoritaria e compressiva é, de resto, um goso para as naturezas de baixa extracção: tudo quanto representa força, tudo quanto seja saber, tudo que seja dignidade, enfim, tudo quanto valha, afronta-os, é-lhes suspeito e, portanto, hostil.

E é assim que o *espirito militar* desaparece perante a nefasta acção do compadrio.

Se para conseguir chegar aos altos cargos do Exercito é preciso recorrer a protectores politicos, afirmar dedicação pelos partidos, em summa,

ser maleavel e servil, torna-se evidente, que serão, ainda, os caracteres menos dignos, ou os imbecis inofensivos, que conseguirão trepar e ocupar os logares rendosos e commodos; e, portanto: *o espirito do dever nacional, e o espirito militar, desaparecerão.*

Sucede, ainda, que as leis e regulamentos do Exercito tendem a deprimir o espirito militar, e essa é uma das razões porque o comando se transforma n'uma simples administração: os officiaes generaes, por exemplo, *não comandam efetivamente*: transmitem apenas ordens que recebem das estações de direcção, que nada sabem do serviço por não estarem envolvidas nele, e sobre as quaes as facções politicas exercem pressão. De resto, *unidades militares constituídas*, é cousa que não existe, e os comandos limitam-se a assignar papeis e a dirigir, quando muito, repartições sonolentas. Reduzidos a semelhante papel, unicamente occupados a aplicar os regulamentos de administração, propositadamente complicados, para se fingir que ha muito que fazer, esses comandos não podem deixar de se resentir no seu moral e no seu intellecto.

Hoje, em Portugal, não se comanda; ninguem comanda no verdadeiro sentido da palavra: apenas *se administra o comando*, com um espirito de amanuense e ideias empoeiradas, por meio das formulas lentas, antiquadas, complicadas em uso nos serviços administrativos. A energia, o espirito da iniciativa, a dedicação pelo serviço, a coragem, a estima pelos camaradas, tudo isso é considerado importuno, incomodo, inconveniente, *porque estas forças immateriaes, não são administraveis.*

E aos individuos que as possuem, chamam re-

beldes e indisciplinados — com muita honra para eles.

A degenerescencia administrativa do organismo militar atingiu o cerebro do Exercito, e o que nós encontramos á testa da hierarchia, já não é um **Comando militar**, mas, apenas, uma **Administração central**, que, quando muito, só sabe conservar rigorosamente a rotina e catalogar os elementos materiaes do Exercito, e apreciarlos pelo seu valor administrativo efectivo.

Ora tudo isto é o inverso do que o povo, d'onde saem os soldados, quer: o povo quer encontrar no official, o saber profissional, a intelligencia e a bravura; a dedicação que da parte do povo exige a Nação para bem do serviço militar, presta-lha aquelle, entregando-se inteira e absolutamente e com a maior confiança nas mãos dos chefes de guerra, com a sua submissão, e com a sua coragem, porque confiam em que esses chefes não desperdiçarão esses thesouros humanos estupidamente, ou em bagatelas, mas os aproveitarão com sciencia e consciencia em proveito do dever, e com a humanidade necessaria para os poupar.

Já lá vão os tempos em que d'um aventureiro audaz se fazia um official; hoje a Nação exige que os seus chefes de guerra possuam a totalidade das qualidades proprias a impor confiança, — o character moral, que é a base do valor d'um homem. Para chegar a isto, tem, porem, o official de se impor a si proprio varias obrigações, como a de se não enfeudar a partido politico algum; a sua autoridade só lhe provirá da sua completa imparcialidade.

A força e a dignidade do exercito constituem o objectivo do trabalho quotodiano dos officiaes. Assim, pois, quando a corporação de officiaes

possua actividade, energia, espirito de iniciativa, todos os elementos de força se desenvolverão vigorosamente em torno deles e pela sua influencia.

Se durante o tempo de paz se comprimir esta colectividade, impedindo-a de pensar, impedindo-a de actuar, obstando ao desenvolvimento de todos os actos de energia; se, emfim, lhe tirarem todos os elementos d'acção, deixando-lhe apenas a apparencia, a forma vã de corpos vivos, o Exercito ficará desde logo sem valor intelectual e com a mola moral partida. E o official passa a ser um automato, transferido duma para outra guarnição, entregue a si mesmo, encaminhando as suas acções segundo os seus interesses pessoaes, e, esperando, ancioso, pelo decorrer dos anos de serviço necessarios para atingir o ideal unico, que lhe deixaram: — *a reforma!*

Constituindo o official o principal elemento de força do Exercito nada se fará de mais para o elevar.

Precisa, antes de tudo, ter soldados, comandar efectivamente, possuir autoridade moral e iniciativa: em resumo, deixem-lhe ter uma acção intelligente e expontanea.

Precisa que lhe dêem os meios necessarios para uma vida digna, de forma a não apparecer em publico como *um pobre diabo*, vestido com uniforme agaladoo d'oiro, mas com a espinha dorsal sempre vergada ou prompta a vergar: por isso, o seu soldo, tem de ser sufficiente para se não ter de debater ridicula ou miseravelmente no meio das exigencias materiaes da vida.

Sempre que a população civil vê passar na rua um official com o aspecto de *pobre diabo*, diminue necessariamente a sua consideração pelo Exercito.

A guerra veio encontrar-nos desprovidos de qualquer *preparação*, e com um corpo d'officiaes defeituosamente creado, e que, na sua maioria, de officiaes só tinham o nome, tendo perdido todos os habitos militares nos empregos de que tiveram de lançar mão para viver, pois o soldo não lhes chegava. Os homens que foram chamados ás fileiras, arrancados de repente aos seus lares, formavam massas incoherentes, incapazes de agir cabalmente em conjunto, sem instrução militar, sem tradição nem habito do serviço e disciplina, e sem a menor ideia da guerra, das suas fadigas e perigos. Como impulsionar gente d'esta? Que fazer para lhe insuflar abnegação, dedicação, sacrificio?

Só o sentimento do dever nacional os poderia animar, se lho tivessem inoculado desde crianças.

Mas quem cura disto no nosso paiz?

De muito bom sangue são eles, para ainda assim fazerem o que fizeram: — deixar-se matar!

Se as campanhas d'Africa, sob o ponto de vista militar foram desastrosas, sob o ponto de vista nacional foram vergonha. Desacreditaram-nos perante o mundo inteiro como Nação colonial, e desacreditaram-nos como soldados e colonisadores, perante os indigenas: ficámos para com estes num descredito medonho, já pela série de desastres militares sofridos, sobretudo na costa oriental d'Africa, já pela imprevidencia e má administração com que tratámos as forças europeias, já pelo mal que tratámos os indigenas, arrebanhando-os á força como carregadores a quem não sustentavamos, e obrigavamos a marchar sob as cargas, até cahirem no chão. Por todo esse sertão, as carcassas destes miseraveis, lavadas pelas chuvas, ficaram marcando os itine-

rarios das nossas colunas. Estes factos, que nos desacreditaram, são da culpa exclusiva dos governos que não sabem governar, e só trabalham movidos pelas necessidades de momento, sem mais quererem pensar nos assumptos uma vez dada uma ordem, o que comprova a sua falta de qualidades para o exercicio do cargo de dirigentes da Nação.

Emfim, eu não quero alongar mais esta triste historia de descredito e de miseria, e se a refiro é porque entendo que estas cousas se não devem calar, para que conhecidas de todos, sirvam de exemplo salutar para o futuro. O que aqui fica, nestas paginas, é mais do que suficiente para que a Nação, se tem como eu, Crença absoluta e absoluta Fé nos destinos da Raça, se imponha e escorrace toda essa alcateia de lobos famintos que sobre ela tripudia, e desacredita e infama a Nação nobre e civilisada, que foi a primeira a percorrer essa Africa, impondo-se ao indigena pelas suas grandes qualidades civilisadoras, pela sua experiencia e pela sua bondade.

É contra essa *aristocracia* moderna, ignorante, enfiada e venal que se instalou no lugar da outra, que ao menos sabia conservar as tradições de bravura e de honra dos avós, que todos nós, soldados de verdade, e que com esse titulo nos honramos, temos de investir até a destruímos.

E' contra a *Mentira* formidavel dos governos que fingem ter Exercito, que temos de combater. E' contra toda essa podridão, origem das nossas infelicidades militares e financeiras, que temos de nos revoltar, para que a Nação tenha o *seu Exercito*, mas *Exercito verdadeiro*, Exercito com que a Nação se honre e em que confie.

Temos de nos revoltar contra a Mentira, temos

de nos revoltar contra as ficções, a peor das quaes é esta da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, com que os *habeis* da chamada politica nos subjugam, envolvem e amordaçam, fazendo-nos morrer á fome e á sede nos areaes africanos, enquanto eles enriquecem *com o negocio da guerra* e vivem uma vida de gozo e de dissipação.

E' contra toda esta *Mentira* que temos de nos bater com furor, destruindo todas essas harpias que nos subjugam, para que cada homem neste paiz que a benção de Deus cobre, tenha um logar ao sol e a felicidade no seu lar.

Verdade, Espadas largas e Portuguezes d'ouro, como dizia o velho Viso Rei da India.

Finis coronat opus

Em 7 de Junho de 1915, publicava eu na *Capital* um artigo motivado por um discurso do Senhor Alexandre Braga, artigo que me valeu uma reprimenda do Ministro da Guerra de então, sr. dr. José de Castro, e cuja doutrina os factos, infelizmente, comprovaram. Na nossa terra não se procura *prever*, e todos se indignam contra aqueles que, antes de meterem a Nação n'uma empresa difficil e complicada, procuram estudar a forma dela se sair bem.

Não tenho pretensões a *Velho do Restelo*, e tanto assim é, que, apesar de prever o que se passaria, não hesitei em ser um dos primeiros que se ofereceu a marchar para a guerra, como qualquer Magriço; mas a minha obrigação como soldado velho e com experiência era dizer ao Paiz a Verdade. = Segue o artigo que então publiquei:

Na reunião de S. Carlos, em 6 do corrente, o sr. dr. Alexandre Braga accusou o exercito *de não querer ir para a guerra*. Uma accusação d'esta ordem não deve nem pode passar sem protesto.

O exercito sabe muito bem que a sua principal missão é bater-se quando e onde a Nação entender necessario, e, portanto, o exercito *não pode recusar-se a marchar para onde mande quem tem direito, a fazel-o*. O que, porém, o exercito sabe, e muito bem, é que não dispõe de meios para se bater com honra, porque o exercito não possui preparação alguma, não possui armamento, nem munições, nem material, nem uniformes, nem calçado!

E é o exercito o culpado d'este estado de coisas?

Não. Os culpados são os governantes monarchicos que deixaram decahir o exercito, e são os governantes republicanos que o não souberam ou não quiseram levantar.

Esta é que é a verdade nua e crua, e muito mal fazem homens do valor intellectual do sr. Alexandre Braga em desnortear a opinião publica, querendo attribuir ao exercito a culpa, que não tem, da sua decadencia e da sua impotencia actual.

O exercito *não se recusa a ir para a guerra*; o exercito deseja mesmo tomar parte n'ella; mas o que o Exercito quer é bater-se bem preparado, bater-se com boas armas nas mãos, bater-se, enfim, *com probabilidades de vencer*.

O exercito não pode ir para os campos de batalha da Europa com o fatinho de algodão cinzento e um par de butes maus; o exercito não pode ir entrar na linha de batalha sem armamento nem munições; n'uma palavra, o exercito não pode bater-se sem preparação. Isto é que se deve dizer bem alto para que se não supponha, para que se não diga, para que se não creia que o exercito recusa bater-se.

O signatario d'estas linhas estava em Africa quando se pensou em Portugal em mandar uma divisão para a guerra: immediatamente enviou um telegrama ao sr. ministro da guerra, pedindo-lhe um logar n'essa divisão: e a mesma vontade que o signatario tinha então de entrar na guerra tem-a ainda hoje, e tem-a a grande maioria dos officiaes do exercito; mas o que todos temos tambem é a comprehensão clara, nítida e precisa de que para entrar n'uma tal guerra é preciso ir preparado convenientemente. Morrer não importa, mas é preciso morrer bem e com utilidade para a Patria. «Morrer, mas devagar». — *Coronel Gomes da Costa*.

Pelo que escrevi no meu livro *A Batalha do Liz* e pelo que fica agora, dez anos passados, neste narrado, vê-se que a minha previsão foi acertada, com o que não tenho a menor glória; e se teimo em o demonstrar é para poder com alguma autoridade insistir em que se prepare o Exercito, se organise o Exercito, se dote o Exercito com os elementos necessarios para assegurar a defeza do Continente e das Colonias.

E, para concluir este livro com alguma coisa de vivo e brilhante, deixem-me transcrever um trecho de Oliveira Martins, que parece ter sido escrito hoje:

«A vazia agitação politica, resultado necessario dos regimens parlamentares, parece condemnar os pequenos paizes a uma esterilidade intelectual, porque absorve todas as capacidades quando desabrocham. A direcção moral que só a sciencia pode dar desaparece, e os institutos e as academias vasam-se para encher os parlamentos e alimentar o jornalismo. Vê-se, pois, uma educação aparentemente mais extensa, mas de facto sem intensidade, nem vigor, condemnada a uma decadencia fatal. Não se sabe mais do que o practicamente indispensavel, e por isso mesmo a craveira do saber necessario se fecha diariamente, chegando-se afinal a uma vulgaridade banal.

«Essa mesma agitação politica, por natureza inimiga do character que amesquinha e deprime, vicia o temperamento das nações condemnadas a sacrificarem á profissão todos os seus melhores homens.

*

«Apresentar crua e realmente a verdade é o melhor modo de educar, se reconhecermos no homem uma fibra intima de aspirações ideaes e justas, sempre viva, embora mais ou menos obliterada.»

INDICE

	Pag.
Ao Exercito	5
As negociações diplomaticas até á declaração de guerra	11
A expedição do tenente-coronel Alves Roçadas	51
A expedição Massano d'Amorim	65
A expedição Moura Mendes	73
A expedição do general Ferreira Gil	105
A expedição do coronel Souza Rosa	203
Conclusão	243





PORTUGAL-BRASIL

SOCIEDADE EDITORA

58, Rua Garrett, 60—LISBOA

AFFONSO LOPES VIEIRA		JÚLIO DANTAS	
<i>O Romance de Amadis</i>	8\$00	<i>Como elas amam</i> (3. ^a ed.)	8\$00
<i>País Lilds, desterro azul</i>	7\$00	<i>Espadas e rosas</i> (5. ^a ed.)	9\$00
<i>Diana</i>	10\$00	<i>Mulheres</i> (6. ^a ed.)	9\$00
ALFREDO APELL		<i>Sonetos</i> (5. ^a ed.)	4\$00
<i>Contos populares russos</i>	8\$00	<i>Abelhas doiradas</i> (2. ^a ed.)	8\$00
ALMACHIO DINIZ		<i>Ao ouvido de M.me X</i> (5. ^a ed.)	7\$00
<i>A Perpetua Metropole</i>	7\$00	<i>Os galos de Apollo</i> (2. ^a ed.)	7\$00
ANTONIO CABRAL		<i>Êtes e Elas</i> (4. ^a ed.)	6\$00
<i>Camillo Desconhecido</i>	15\$00	<i>Arte de Amar</i> (2. ^a ed.)	3\$00
<i>Eça de Queirós</i>	12\$00	<i>O Heroísmo, a eleg.^a, o amor</i>	6\$00
<i>As cartas d'el-rei D. Carlos</i> <i>ao sr. João Franco</i>	12\$50	<i>Outros tempos</i> (3. ^a ed.)	8\$00
BAZILIO TELLES		<i>Figuras de ontem e de hoje</i>	8\$00
<i>A Ciência e o atomismo</i>	8\$00	<i>Patria Portuguesa</i> (4. ^a ed.)	10\$00
CARLOS BABO		<i>O amor em Portugal no século XVIII</i> (3. ^a ed.)	12\$00
<i>A Sombra de D. Miguel</i>	8\$00	<i>Eva</i>	10\$00
<i>Amor Perfeito</i>	10\$00	JOSÉ TAVARES	
CARLOS MALHEIRO DIAS		<i>Successões e direito successorio</i>	30\$00
<i>A esperança e a morte</i> (2. ^a ed.)	8\$00	MARIA A. VAZ DE CARVALHO	
<i>A Verdade Nna</i> (2. ^a ed.)	9\$00	<i>Paginas escolhidas</i>	9\$00
<i>Carta aos Estudantes</i>	2\$00	<i>Scenas do séc. XVIII em Portug.</i>	8\$00
<i>Exortação à Mocidade</i>	8\$00	MAYER GARÇON	
<i>O «Pledoso» e o «Desejado»</i> (no prelo).		<i>Os Ceu Sonetos</i> (pref.) 2. ^a ed	6\$00
CONDE D'ARNOSO		SAMUEL MAIA	
<i>Azulejos</i> , pref. Eça de Queiroz	8\$00	<i>Sexo forte</i>	8\$00
CONDE DE SABUGOSA		<i>Entre a vida e a morte</i>	7\$00
<i>Gente d'Algo</i> (3. ^a ed.)	10\$00	<i>Luz Perpétua</i>	7\$00
<i>Naves de Antanho</i> (2. ^a ed.)	10\$00	SOUSA COSTA	
EDUARDO SCHWALBACH		<i>A Pecadora</i> (3. ^a ed.)	8\$00
<i>A Historia da Carochinha</i>	4\$00	<i>Fructo Proibido</i> (2. ^a ed.)	10\$00
EMÍLIA DE SOUSA COSTA		<i>Milagres de Portugal</i>	5\$00
<i>Estes sim, venceram</i>	3\$00	<i>Ressurreição dos mortos</i> (2. ^a)	10\$00
<i>Males de amor</i>	5\$00	<i>Romiu e Julieta</i> (3. ^a ed.)	8\$00
H. LOPES DE MENDONÇA		<i>Coração de Mulher</i> (3. ^a ed.)	10\$00
<i>Sangue Português</i> (3. ^a ed.)	8\$00	<i>Dramas da Serra</i>	6\$00
<i>Gente Namorada</i> (2. ^a ed.)	8\$00	<i>Excentricos</i> (3. ^a ed.)	7\$00
<i>Laças n'Africa</i> (2. ^a ed.)	8\$00	<i>Paginas de Sangue</i> (2. ^a ed.)	6\$00
<i>Capa e espada</i> (2. ^a ed.)	8\$00	Teatro:	
<i>Fumos da Índia</i> (2. ^a ed.)	8\$00	JÚLIO DANTAS	
<i>Santos de casa</i>	8\$00	<i>A Severa</i>	8\$00
<i>Almas penadas</i>	8\$00	<i>D. João Tenorio</i> , 6 actos	8\$00
<i>Argueiros e cavaleiros</i>	8\$00	<i>Rosas de todo o anno</i>	2\$00
<i>O Crime de Arronches</i> (teatro)	4\$00	<i>1023</i> , episodio em verso	2\$00
<i>Vasco da Gama na Hist. Univ.</i>	2\$00	<i>Auto de El-Rei Seleuco</i>	3\$00
JOÃO DE DEUS		<i>Um serão nas Laranjeiras</i>	8\$00
<i>Campo de Flores</i> , 2 vol.s	25\$00	<i>A Castro</i>	3\$00
JOÃO DO RIO		<i>Sôror Mariana</i>	3\$00
<i>A Mulher e os Espelhos</i>	8\$00	<i>D. Bulcão de Figueirôa</i>	3\$00
<i>Rosario da Ilusão</i>	8\$00	<i>Primeiro beijo</i>	2\$00
<i>Correspondencia de uma estação de cura</i> 2. ^a (ed.)	7\$00	<i>Mater Dolorosa</i>	3\$00
JOÃO SARAIVA (RIVOL)		<i>D. Ramon de Capichuela</i>	2\$00
<i>Satyras</i>	6\$00	<i>Paço de Veiros</i>	4\$00
<i>Lyricas e Satyras</i> (2. ^a ed.)	7\$00	<i>Carlota Joaquina</i>	3\$00
		<i>Rei Lear</i>	9\$00